

# MANUAL DO DISCIPULADO



# 2

**Igreja Chuva Serôdia**

Wilson Castro

## MANUAL DO DISCIPULADO – VOLUME 2

Igreja Chuva Serôdia  
Porto Alegre, RS – Brasil  
<https://chuvaserodia.org.br>

Autor: Wilson Linhares Castro  
Arte da capa: Lucas Castro  
Diagramação: Lisandro Abulatif

Os textos bíblicos utilizados são extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª Edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outras versões são informadas.

### Direitos Autorais

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional. Isto significa que este trabalho pode ser livremente utilizado e distribuído, desde que não sejam realizadas alterações em seu conteúdo e não seja utilizado para fins comerciais. No caso do uso de trechos específicos, a fonte deverá ser citada da seguinte forma:

“CASTRO, W. L.. **Manual do Discipulado: Volume 2**. Porto Alegre. Igreja Ministério Chuva Serôdia. 2021.”

## SUMARIO

LIÇÃO 1 - DISCIPULADO.....	2
1. Introdução.....	2
2. Conceito de discipulado.....	2
3. Um relacionamento entre mentor e aprendiz.....	3
4. Baseado no modelo de Jesus.....	3
A) Estar.....	3
B) Enviar.....	4
5. No qual o mentor reproduz no aprendiz a plenitude de vida que tem em Jesus.....	4
6. Para o aprendiz ser capaz de treinar outros a ensinarem a outros.....	5
7. Lema do discipulado.....	5
LIÇÃO 2 - FAMÍLIA CRISTÃ.....	6
1. I. A importância que tem a família para Deus.....	6
2. Finalidade do casamento.....	6
3. As três regras para um lar feliz.....	7
4. O papel do marido e da mulher no casamento.....	9
A) O papel do marido.....	9
B) Como o marido deve liderar.....	11
C) Liderando com amor.....	11
5. O papel da esposa.....	12
A) Definindo a submissão.....	12
B) Benefícios da submissão.....	13
C) A questão da beleza interior.....	13
6. A comunicação no lar.....	14
A) O segredo da boa comunicação.....	15
7. O sexo no relacionamento conjugal.....	16
LIÇÃO 3 - A FORMAÇÃO DOS FILHOS.....	18
1. O papel dos pais.....	18
2. A questão da disciplina.....	19
A) Quando é que se deve disciplinar?.....	19
B) Como é que se deve disciplinar?.....	20

3. A importância da autoimagem.....	21
4. Como ensinar a criança a respeito do sexo.....	22
5. Evangelizando os nossos filhos.....	22
LIÇÃO 4 - ADMINISTRANDO AS FINANÇAS .....	23
1. Introdução.....	23
2. O atual sistema financeiro mundial .....	23
3. Prioridades invertidas.....	24
4. Uma atitude correta quanto às finanças .....	24
A) Toda riqueza pertence a Deus.....	24
B) Recebemos o usufruto dos bens de Deus.....	25
C) Deus é quem dá forças para o trabalho. ....	25
D) O nosso sustento vem do Senhor.....	25
E) Devemos nos contentar com o necessário.....	25
F) Provisão para as necessidades.....	26
5. Sobre dívidas.....	26
6. Como sair das dívidas.....	27
7. Princípios bíblicos para as nossas finanças .....	28
LIÇÃO 5 - NAMORO CRISTÃO.....	29
1. Deus se importa com este assunto.....	29
2. A finalidade do namoro.....	29
3. Quando é que o namoro prejudica?.....	29
A) O namoro prejudica quando é fora do tempo.....	29
B) O namoro prejudica quando não tem um ideal.....	30
C) O namoro prejudica quando é leviano.....	30
D) O namoro prejudica quando é possessivo.....	30
E) O namoro prejudica quando é indisciplinado.....	30
F) O namoro prejudica quando afeta a comunhão com a igreja.....	30
G) O namoro prejudica quando for com incrédulo.....	31
H) Mas não é possível levar o namorado incrédulo, ou namorada, a Cristo?...	31
4. O padrão do namoro cristão .....	31
5. Até onde podemos ir no relacionamento físico?.....	32
6. O papel do sexo segundo as Escrituras.....	32
7. A diferença entre amor e paixão .....	34
8. A finalidade do noivado .....	34

LIÇÃO 6 - O PROPÓSITO ETERNO .....	35
1. Definição.....	35
2. Finalidade .....	35
3. A questão do pecado e da queda.....	36
4. Sua importância.....	36
5. A adoção de filhos.....	36
6. Os termos “huios” e “teknon” .....	37
LIÇÃO 7 - O EVANGELHO DO REINO .....	39
1. Introdução.....	39
2. O evangelho que Jesus pregava .....	39
3. O evangelho que a igreja primitiva pregava .....	40
4. O evangelho que é pregado hoje.....	40
5. Os dois reinos.....	40
6. A origem dos dois reinos.....	41
7. Jesus como senhor do reino .....	41
LIÇÃO 8 - RECONHECENDO A SOBERANIA DE DEUS .....	43
1. O homem tem uma visão temporal das coisas.....	43
2. A soberania de Deus se baseia numa visão eterna das coisas.....	43
3. Um jogo de quebra-cabeças .....	43
4. A soberania de Deus em nossas vidas .....	44
5. Conclusão.....	45
LIÇÃO 9 - O MOTIVO DAS TRIBULAÇÕES.....	46
1. I. Introdução .....	46
2. A finalidade da tribulação .....	46
A) Aflição como meio de correção .....	46
B) Aflição como meio de descentralizar o “eu” .....	47
C) Aflição como meio de aperfeiçoamento.....	47
D) Aflição como meio de adquirir experiência .....	48
3. Quando a tribulação não vem de Deus.....	48
4. Conclusão .....	49
LIÇÃO 10 - DISCERNINDO ENTRE O CERTO E O ERRADO .....	50
1. Introdução.....	50
2. No preto e no branco .....	50
A) Bíblia .....	50

B) O Espírito Santo .....	51
C) Outros Irmãos .....	51
D) A Consciência.....	51
3. Educando a nossa consciência.....	51
4. Obedecendo a nossa consciência .....	52
5. Princípios gerais .....	52
6. Quanto a julgar uns aos outros .....	52
LIÇÃO 11 - TENTAÇÃO .....	53
1. Introdução.....	53
2. A origem da tentação.....	53
A) Estágio 1 - “quando esta o atrai”:	53
B) Estágio 2 - “e seduz”:	53
C) Estágio 3 - “Então a cobiça, depois de haver concebido”:	54
D) Estágio 4 - “Dá à luz o pecado”:	54
3. Quando a tentação é mais perigosa .....	54
4. Toda tentação é resistível.....	54
5. Nunca seremos tentados além das nossas forças.....	55
6. A tentação é acompanhada de livramento .....	55
LIÇÃO 12 - A CARNE, O DIABO E O MUNDO.....	56
1. Introdução.....	56
2. A carne.....	56
3. O Diabo .....	57
4. O mundo.....	57
LIÇÃO 13 - A CONFISSÃO DE PECADOS.....	59
1. Introdução.....	59
2. A definição de confissão .....	59
3. A importância da confissão.....	59
4. Confessando nossos pecados uns aos outros.....	60
LIÇÃO 14 - O TEMOR DE DEUS.....	62
1. Introdução.....	62
2. Definição de temor .....	62
3. A importância do temor do senhor.....	62
LIÇÃO 15 - A BÍBLIA.....	64
1. A necessidade de uma revelação de Deus e seu propósito .....	64

2. A escrita como o meio mais eficaz de preservar e transmitir esta revelação	64
3. Fatos importantes sobre a Bíblia .....	65
4. Os livros apócrifos.....	66
5. Esboço da história bíblica.....	66
6. Potências mundiais dos tempos bíblicos.....	67
7. A divisão da Bíblia em capítulos, versículos e parágrafos.....	67
8. Os livros do Antigo Testamento.....	67
9. Entre Testamentos.....	68
10. Os livros do Novo Testamento.....	69
LIÇÃO 16 - ENSINO SOBRE DEUS .....	71
1. A existência de Deus.....	71
2. Conceito de Deus.....	71
3. Os atributos de Deus.....	73
A) Atributos naturais.....	73
B) Atributos morais.....	74
4. A Trindade.....	74
LIÇÃO 17 - ENSINO SOBRE JESUS.....	76
1. Introdução.....	76
2. Sua preexistência .....	76
3. Sua encarnação .....	77
A) O Verbo (preexistência).....	77
B) Filho do Homem (humanidade).....	77
C) Filho de Deus (divindade).....	78
D) Senhor (soberania) .....	78
E) Cristo (Ungido).....	78
F) Jesus (Salvador).....	79
LIÇÃO 18 - ENSINO SOBRE O ESPÍRITO SANTO.....	80
1. Introdução.....	80
2. Quem é o Espírito Santo?.....	80
3. Os atributos do Espírito Santo.....	80
A) Ele é onipresente (está em todos os lugares ao mesmo tempo).....	80
B) Ele é onisciente (sabe todas as coisas).....	80
C) Ele é onipotente (tem todo poder) .....	81
4. O Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento.....	81

5. V. O Espírito Santo na vida de Jesus.....	81
6. Qual a sua importância na experiência cristã? .....	81
7. A obra do Espírito Santo na salvação.....	82
8. O Espírito Santo e o sobrenatural .....	82
LIÇÃO 19 - ENSINO SOBRE A IGREJA .....	84
1. Conceito de igreja .....	84
2. Distinção entre “igreja universal” e “igreja local” .....	84
3. A unidade definida.....	85
4. O papel dos membros.....	85
5. Buscando nosso lugar no Corpo .....	87
LIÇÃO 20 - ENSINO SOBRE O FINAL DOS TEMPOS .....	89
1. A morte .....	89
2. O destino dos mortos.....	89
3. A ressurreição dos mortos .....	90
4. As duas ressurreições .....	91
5. Como serão os corpos ressurretos dos santos? .....	91
6. O arrebatamento da Igreja .....	92
7. A grande tribulação.....	93
8. O Anticristo.....	95
9. O Falso Profeta .....	95
10. Guerras e rumores de guerra.....	96
11. A segunda vinda de Cristo .....	96
12. As recompensas do cristão.....	98
13. As bodas do Cordeiro .....	99
14. O tribunal de Cristo .....	99
15. O Milênio.....	100
16. O fim do milênio.....	101
17. Novos céus e nova terra.....	102



## PALAVRA INICIAL

Neste Manual do Discipulado – Volume 2, prosseguimos abordando os temas fundamentais referentes ao desenvolvimento da fé de cada discípulo de Jesus. Assim como já comentamos anteriormente, a vida cristã tem muito em comum com a vida natural. Como na vida natural, o homem nasce espiritualmente, cresce, amadurece e gera filhos na fé. É o ciclo da vida em Cristo. Por isto encontramos no Novo Testamento verbos como: “gerar”, “nascer”, “crescer”, “amadurecer” e substantivos como: “filho”, “pai”, “criança” e “adulto” (Jo.1:12; I Co.3:1-2; Ef.4:13,14; Hb.5:12-14). Para entendermos o discipulado, precisamos entender esta metáfora.

Para crescer espiritualmente, o cristão deve passar por um processo de treinamento que há de levá-lo até a medida da estatura de Cristo. O discipulado é o método bíblico de ensino por excelência, pois visa à construção de uma comunidade de pessoas maduras na fé e comprometidas umas com as outras.

Portanto, precisamos formular um programa de ensino que possua todo o conteúdo necessário para levar o discípulo à maturidade e à frutificação. Isto quer dizer que devemos formular um currículo das verdades fundamentais do evangelho.

Estas lições devem ser teológicas e práticas, pois a Bíblia contém temas teológicos (questões de fé) e temas ético-cristãos (questões de comportamento). A distinção é relevante porque, quanto ao primeiro, devemos mudar a nossa maneira de pensar e, quanto ao segundo, a maneira de nos comportar.

Este módulo (e os próximos), sem a pretensão de abranger todo o conteúdo do ensino apostólico, procura reunir os pontos mais importantes para que um discípulo de Jesus possa alcançar uma vida de maturidade espiritual e frutificação no seu caminhar com Deus.

Wilson Linhares Castro

## LIÇÃO 1 - DISCIPULADO

*“Indo, portanto, discipulai todas as nações, (...) ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado.” (Mt.28:19,20)*

### 1. Introdução

A vida cristã tem muito em comum com a vida natural. Como na vida natural, o homem nasce (de novo), cresce, amadurece e gera filhos (na fé) para dar continuidade a sua linhagem (espiritual) - é o ciclo da vida em Cristo Jesus. Daí por que o Novo Testamento, ao se referir à vida cristã, usa verbos do tipo: “gerar”, “nascer”, “crescer”, “amadurecer” e substantivos como: “criança”, “adulto”, “pai” e “filho”.

Ora, para crescer espiritualmente, o cristão deve passar por um processo de treinamento (educação e formação espiritual) que o ajudará a alcançar “a medida da estatura de Cristo”. O discipulado é o método bíblico de ensino por excelência pois visa à construção de uma comunidade de pessoas maduras na fé e comprometidas umas com as outras.

### 2. Conceito de discipulado

Talvez a melhor definição de “discipulado” seja a que foi dada por Keith Phillips em seu livro “A formação de um discípulo”:

*“O discipulado cristão é um relacionamento entre mentor e aprendiz, baseado no modelo de Jesus e seus discípulos, no qual o mentor reproduz tão bem no seu aprendiz a plenitude de vida que tem em Cristo que o aprendiz é capaz de treinar outros para ensinarem a outros”.*

Esta definição encontra respaldo naquilo que Paulo escreveu para Timóteo:

*“Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos, para instruir a outros.” (II Tm.2:1,2)*

Da análise deste conceito, observam-se as seguintes características do discipulado:

- I. Um relacionamento entre mentor e aprendiz;

- II. Baseado no modelo de Jesus;
- III. No qual o mentor reproduz no aprendiz a plenitude de vida que tem em Jesus;
- IV. Para o aprendiz ser capaz de treinar outros a ensinarem a outros.

### 3. Um relacionamento entre mentor e aprendiz

Paulo, falando aos seus filhos na fé, escreveu: “anunciamos [Jesus], advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito (maduro) em Cristo.” (Cl.1:28). “Perfeito” aqui significa “maduro” e não “sem defeito”. Paulo sabia que o simples conduzir uma pessoa a Cristo não bastava. Ele deveria treiná-la até ela ser capaz de treinar a outras.

Não há comissão mais clara no Novo Testamento do que a ordem de reproduzir em outros o caráter que o Espírito de Deus criou em nós. Podemos frequentar com assiduidade os cultos da igreja, cantar no coral ou servir como obreiro em nossa congregação. Todavia, estas atividades não substituem o alto chamado de fazer discípulos.

O discipulado é muito semelhante a paternidade. Assim como o pai natural é responsável pelo sustento e educação de sua prole até que chegue a idade adulta, o discipulador é responsável pelo sustento espiritual do seu aprendiz até que este chegue à maturidade cristã. Com isto, garante-se uma futura geração de crentes maduros na fé que frutificam.

Infelizmente, muitas congregações não passam como disse Juan Carlos Ortiz de “orfanatos”, onde o pastor nada mais é do que seu diretor. Ninguém ali tem pai espiritual. A consequência disso são filhos que não amadurecem, mas ficam eternamente crianças (I Co.3:1-3; Hb.5:11-13).

### 4. Baseado no modelo de Jesus

Jesus é o nosso modelo para o discipulado. Por isso, o método de Cristo de treinar as pessoas é de máxima importância.

A Bíblia registra que ele “designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar.” (Mc.3:14). A observação cuidadosa desta estratégia revela que o treinamento de um discípulo deve passar por duas etapas: a) primeiro, o discípulo deve **estar** com o discipulador para ser tratado no seu caráter, receber ensino e aprender a fazer a obra; b) depois, deve ser **enviado** a praticar o que aprendeu e fazer discípulos (Mc.6:7).

#### A) Estar

Ao chamar os seus discípulos, Jesus estabeleceu a prática de estar com eles. Essa era a essência de seu programa de treinamento. Foi em virtude desse andar juntos

com Cristo que um dos seus discípulos mais tarde escreveu: “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros.” (I Jo.1:3). Leia também Atos 4:13.

## B) Enviar

O discipulado é um instrumento que visa a ajudar os santos a alcançarem a maturidade cristã para a frutificação. Este objetivo deve ser atingido dentro de um período de tempo razoável, quando, então, o aprendiz se torna mestre (Hb.5:12). Se isto não ocorrer, o discipulado não alcançou o seu objetivo. Por isso, Jesus disse: “todo aquele (...) que for bem instruído será como o seu mestre.” (Lc.6:40). Ao perceber que os seus discípulos estavam maduros, Jesus lhes entregou a liderança da obra de Deus na terra e comissionou-os a fazer discípulos das nações (Mt.28:19,20).

## 5. No qual o mentor reproduz no aprendiz a plenitude de vida que tem em Jesus

“Formar” é mais que “informar”. Informar é comunicar conhecimentos à mente enquanto que formar é tocar na vida do indivíduo, mudando o seu caráter. Discipular é, portanto, levar o discípulo a um crescimento espiritual em todas as áreas de sua vida.

Todavia, fomos chamados para **formar** discípulos em cooperação com o Espírito Santo. Se tentarmos formar vidas sem esta dependência do Espírito de Deus, além de fracassarmos como discipuladores, sairemos desta experiência frustrados e desgastados. Aliás, era dessa parceria que Paulo estava falando quando escreveu: “meus filhos, por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós.”(Gl.4:19). Ora, quando ele diz: “até ser Cristo formado em vós” ele está dizendo que não era ele quem estava formando. Todavia, ele reconhece a sua participação neste processo ao dizer que é ele quem “sofre as dores de parto”. Leia também I Co.3:6-9.

O nosso objetivo deve ser levar o discípulo a um relacionamento cada vez mais íntimo com o Pai e o Filho, ensinando-o a ouvir e a obedecer à voz do Espírito Santo. Desta maneira o tornaremos cada vez mais dependente do Senhor e menos dependente de nós. Assim, estaremos praticando uma “paternidade espiritual” responsável e saudável.

Quando o discípulo não corresponde às nossas expectativas, apesar do tempo e atenção que temos despendido com ele, a tendência é ficarmos frustrados ou preocupados. Todavia, nestas horas devemos lembrar que “aquele que começou a boa obra [neles] há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus.” (Fl.1:6).

Como discipuladores devemos ser “*padrão dos fiéis*.” (I Tm.4:12). Ora, **padrão** é algo a ser imitado. Logo, devemos ser o exemplo daquilo que ensinamos, pois o discípulo segue muito mais o que vê em nós do que o que ouve de nós (Jo.13:15; Fl.4:9).

## 6. Para o aprendiz ser capaz de treinar outros a ensinarem a outros

Nenhuma pessoa é um fim em si mesma. Todo discípulo faz parte de um processo que visa expandir o Reino de Deus. Paulo considerava vão o seu trabalho se seus filhos na fé não se tornassem discípulos maduros que reproduzissem a vida de Jesus em outros (II Tm.2:2).

Se não existir uma pessoa andando hoje com Deus e investindo noutros o que recebeu como resultado do nosso ministério, não temos dado fruto. “(...) acaso não sois fruto do meu trabalho no Senhor?” (I Co.9:1).

## 7. Lema do discipulado

Muitos anos atrás aprendi uma máxima que tem servido de lema e regra de vida para mim. Quem a puser em prática certamente será bem sucedido na sua carreira de discipulado:

**Poucas coisas, bem aprendidas, bem praticadas, bem transmitidas.**

- I. De fato, não é o quanto sabemos, mas o quanto vivemos daquilo que sabemos que conta. Logo é preferível conhecer pouco e ir crescendo aos poucos no conhecimento, do que ter muita informação que não tem real relevância para nós.
- II. Toda verdade precisa ser mais do que conhecimento, ela precisa ser revelação, pois só assim fará parte do nosso DNA espiritual. O verdadeiro aprendizado é aquele que passa a influenciar a nossa maneira de pensar e viver.
- III. Jesus e os apóstolos já diziam que conhecer os mandamentos de Deus e não praticá-los teria pouco ou nenhum valor contra a carne, o mundo e o diabo. São os praticantes e não somente ouvintes que entrarão no Reino de Deus.
- IV. Por fim, tudo o que aprendemos nas Sagradas Escrituras temos a responsabilidade de transmitir a outros para que também cresçam. Como conhecerão se não há quem pregue? Como aprenderão, se não há quem ensine?

## LIÇÃO 2 - FAMÍLIA CRISTÃ

*“Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao SENHOR, escolhei hoje a quem sirvais; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; porém eu e a minha casa serviremos ao SENHOR.” (Js.24:15)*

### 1. I. A importância que tem a família para Deus

Deus criou a família e fez dela o principal meio para suas intervenções na história. a) Adão e Eva foram criados para serem uma família que se multiplicaria e encheria a terra; b) a humanidade foi preservada do dilúvio através da família de Noé; c) Deus constituiu um povo para si através da família de Abraão; d) o Messias veio por meio da família de Davi; e) Deus constituiu uma família de muitos filhos para Si através de Seu Filho primogênito, Jesus.

Inúmeras vezes vemos Jesus atuando num ambiente familiar e suas instruções aos discípulos eram para que fossem de casa em casa anunciando o reino de Deus. Após a sua ascensão, esta mesma estratégia foi mantida, com os cristãos se reunindo nas casas para partilhar o pão e fazer orações. De fato, a igreja apostólica era essencialmente uma igreja doméstica. O lar era a base operacional das missões e as igrejas eram hospedadas em casas.

O vínculo da família com a igreja é tão forte que toda a linguagem teológica do Novo Testamento é a mesma que era usada no meio da família. Somente Paulo utiliza 119 vezes os termos irmãos e irmãs para se referir aos cristãos, mostrando que a igreja era vista como uma grande família. Os outros autores do Novo Testamento usavam linguagem semelhante.

Não é de se admirar, portanto, que Satanás queira destruir a família. E é o que está acontecendo. A família no mundo inteiro está em crise! A separação e o divórcio estão passando a ser uma regra, em vez de exceção. Os problemas de conflitos domésticos são cada vez mais frequentes, não somente no meio secular, mas também entre as famílias cristãs. Com isso, o número de famílias arruinadas está aumentando.

### 2. Finalidade do casamento

O casamento foi instituído por Deus para resolver o primeiro problema da raça humana: a solidão. Como está escrito: “Deus faz que o solitário more em família.” (Sl.68:6). Adão tinha perfeita comunhão com Deus e a companhia dos animais. Mas a Bíblia nos diz: “Todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.” (Gn. 2:20). Então o Criador tomou uma costela do homem e transformou-a numa mulher (Gn.2:21-25).

Note bem que o primeiro título que Deus deu à mulher foi a de **auxiliadora**, pois esta é a sua função básica. Esta palavra comunica a ideia de alguém que complementa outra pessoa, ou seja, Eva seria absolutamente necessária para a realização total de Adão. E, como se isto não fosse suficiente para descrever a função da mulher, Deus adicionou as seguintes palavras: **“que lhe fosse idônea”**. Em outras palavras, alguém completamente adequada física, emocional, intelectual e espiritualmente para o homem (Gn.2:18).

O casamento, portanto, começou a partir de uma necessidade básica de companheirismo e complementação. No plano de Deus, o casamento foi instituído para que duas pessoas pudessem viver completando uma a outra. Por isto, quando suprimos as necessidades físicas, emocionais, intelectuais e espirituais do nosso cônjuge, estamos sendo um. Do contrário, quando não suprimos as necessidades um do outro, voltamos a ser solitários.

### 3. As três regras para um lar feliz

*“Por isso deixa o homem pai e mãe e se une a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e a sua mulher estavam nus, e não se envergonhavam.” (Gênesis 2:24,25)*

Neste trecho de Gênesis 2:24,25 temos resumidamente as bases do casamento conforme o plano original de Deus. Esta passagem é tão importante que Jesus a citou em Mateus 19:5 e, novamente, em Marcos 10:7. Paulo também se referiu a ela em Efésios 5:31. Nela encontramos três regras que servem de alicerces para um casamento feliz.

- I. **Por isso deixa o homem pai e mãe.** Para que o novo relacionamento floresça, há necessidade de um “deixar” emocional por parte dos recém-casados. É fundamental que tanto o homem como a mulher cortem o cordão umbilical, rompendo os laços de dependência emocional dos seus pais. Isso não quer dizer, obviamente, que devam abandonar ou deixar de respeitar e honrar os seus pais, mas precisam se emancipar emocionalmente deles. Do contrário, não poderão desenvolver a experiência de ser um.
- II. **Se une a sua mulher.** A palavra “unir”, no hebraico, é *dabaq* e significa literalmente “colar”, “aderir” e indica a natureza permanente do casamento. Qualquer tipo de separação será sempre muito doloroso. No plano original de Deus, o matrimônio é uma relação indissolúvel que não admite o divórcio (I Co.7:39). A razão disso é que o casamento é uma aliança (pacto, contrato) entre um homem e uma mulher perante Deus. Por isso, jamais deveria ser quebrada (Mt.2:13,14). A separação só deveria ocorrer na morte (Rm.7:2,3). A Lei de Moisés, por causa da dureza dos corações do povo de Israel, veio a permitir o divórcio. Os rabis (líderes religiosos), no entanto, estavam divididos quanto às hipóteses que legitimavam a separação. Os seguidores de Shammai afirmavam que o homem não podia obter divórcio de sua mulher

a não ser que ela fosse culpada (comprovadamente) de infidelidade. Os seguidores de Hillel eram mais tolerantes, permitindo o divórcio por muitas razões, algumas delas bem triviais. Ambas as escolas concordavam que o divórcio implicava o direito a um novo casamento.

Jesus admitiu o divórcio apenas em caso de infidelidade conjugal (Mateus 5:32 e 19:9). A explicação para esta exceção é que a infidelidade quebra a aliança existente entre o casal (Mt.2:13-16). Paulo admitia o divórcio quando o marido ou esposa incrédula quisesse apartar-se do convívio conjugal por causa da fé evangélica (I Co.7:12-16). Fica, no entanto, a pergunta: Nestes dois casos, pode o cônjuge inocente casar-se novamente? Os estudiosos da Bíblia estão divididos. Os textos que devem ser analisados e interpretados são: Mt.5:31,32; 19:3-12; Mc.10:2-12; Lc.16:18; I Co.7:10-16.

Para aqueles que já experimentaram o divórcio e um novo casamento é importante entender que este ensino não tem o propósito de colocar ninguém debaixo de condenação. Quando descobrimos que agimos contra a vontade de Deus em qualquer área de nossa vida, precisamos nos arrepender, confessar o nosso pecado, pedir perdão a Deus, restituir ou corrigir o erro, quando possível, e prosseguir a partir desse ponto, deixando o passado para trás (At.17:30; I Jo.1:9; Rm.8:1,2; II Co.5:17).

- III. **Tornando-se os dois uma só carne.** Esta frase se refere à experiência sexual. Casamos no civil para cumprir a lei. Casamos na igreja para invocar as bênçãos de Deus e dar testemunho público dos votos matrimoniais. No entanto, consumimos o casamento no leito nupcial. A experiência física de se tornar “uma só carne” é reservada apenas para aqueles que “deixaram” e “se uniram”. O contato sexual extraconjugal é tido, na Bíblia, como imoralidade sexual (I Ts.4:3-8). A razão disso é que, embora a experiência de se tornar “uma só carne” seja basicamente física, há também implicações espirituais e emocionais.

Paulo, ao advertir contra a imoralidade sexual, escreveu:

*“Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne.” (I Co.6:15,16).*

Na relação sexual não há apenas uma troca de fluidos corporais, mas uma verdadeira ligação de alma. Um elo emocional se forma entre os parceiros que dura por toda a vida. Tão íntima é a experiência sexual que é capaz de transmitir pecados e até demônios (I Co.6:18; I Tm.5:22). Não é por acaso que muitas religiões pagãs do passado, e algumas ainda hoje, incluem o ato sexual nos seus cultos.



Para aqueles que foram promíscuos quando solteiros ou em caso de adultério é muito importante o arrependimento, a confissão, o pedido de perdão e quebra do vínculo de alma.

#### 4. O papel do marido e da mulher no casamento

O maior problema que nossos lares estão enfrentando atualmente é a falta de compreensão quanto aos papéis que devem ser desempenhados pelo marido e pela mulher no lar. Foi Deus quem criou a família, estabelecendo os princípios e definindo os papéis de cada um. Portanto, sabendo e aplicando os padrões bíblicos a respeito do relacionamento conjugal, a família será bem sucedida.

Lemos em Efésios 5:22-29:

*“As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos. Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja.”*

##### A) O papel do marido

O apóstolo Paulo se refere a duas qualidades que fazem parte do papel do marido no lar. No versículo 23, ele fala sobre liderança e, no versículo 25, sobre amor. Liderança e amor são características indispensáveis para o marido que quer desempenhar bem o seu papel.

Deus disse que o marido é o cabeça da mulher (Gn.3:16; Ef.5:22). Isto que dizer que Deus dá ao homem a responsabilidade de liderança do lar. Em I Coríntios 11:3, Paulo reforça este conceito: “Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo.”

Na Sua soberania, Deus escolheu o homem para exercer liderança no lar. No entanto, quando Paulo se refere ao homem como o cabeça da mulher, ele não está dizendo que o homem é superior à mulher, mas está se referindo à função dele no relacionamento conjugal, pois ambos são iguais perante o Senhor (Gl.3:26-28; I Pe.3:7).

Jaime Kemp nos dá alguns exemplos de como não se deve liderar:

- I. **O marido passivo.** É o marido que raramente toma decisões a respeito da família. Muitos maridos pensam que a única responsabilidade que têm é trazer pão e leite para casa. Tais maridos não assumem a liderança do lar e facilmente a transferem para a esposa, trazendo grande insegurança na família. Os maridos precisam lutar contra a tendência de viverem de maneira passiva e omissa em seus lares.
- II. **O marido ditador.** O dicionário define ditador como alguém que governa autoritariamente, suprimindo liberdades individuais. São muitos os que lideram os seus lares desta forma. No entanto, em vez de força bruta ou exigências autoritárias, o marido deveria exercer a sua autoridade servindo. A mensagem de Cristo é clara: o amor serve e não deseja ser servido. A motivação do marido é o amor, por isso ele coloca o bem-estar de sua família acima do seu próprio.
- III. **O marido democrático.** Ele é sensível às opiniões e sugestões de sua esposa e filhos, e as decisões do lar são baseadas em votações. O problema é que ele não assume a responsabilidade de tomar a decisão final, causando confusão e insegurança. Deus deu ao marido a responsabilidade de dar a palavra final.
- IV. **O marido insensível.** Ele não demonstra percepção nem sabedoria no lar. Não é sensível aos medos, desapontamentos, segredos, alegrias ou sonhos de sua esposa e filhos. Sensibilidade é disposição de ouvir, comunicar e cuidar. Em I Pedro 3:7 lemos: “Maridos, vós igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e tendo consideração para com vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, por isso que sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.”
- V. **O marido silencioso.** Ele governa seu lar sem comunicação verbal. Um dos conceitos básicos do casamento é o companheirismo com a esposa e os filhos. Geralmente o marido não encara a esposa como amiga. Isto é uma tragédia. A mulher foi criada para completá-lo. Na correria que a vida traz, precisamos colocar em nossa agenda horas com a esposa e divertimento com os filhos.
- VI. **O marido explosivo.** Este tipo de marido traz muita insegurança e medo ao lar porque a família nunca sabe quando ele vai explodir. É difícil viver com uma bomba relógio dentro de casa. Este homem precisa ouvir as palavras de Paulo à igreja de Éfeso: “Longe de vós toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia. Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros como também Deus em Cristo vos perdoou.” (Ef.4:31,32).

- VII. **O marido crítico.** *É o marido que sempre vê algo errado. O bife está duro demais; o café está frio; a esposa está gorda; o filho só tirou nove na prova; etc. Ele é incapaz de enxergar alguma coisa positiva no seu lar. Ele nunca dirige uma palavra de encorajamento e incentivo à sua esposa ou filhos. Nossa família precisa de estímulo e encorajamento. Não há melhor maneira de desenvolver uma autoimagem positiva do que ter um marido ou pai que encoraja e motiva por suas palavras e tonalidade de voz.*

## B) Como o marido deve liderar

Há três princípios importantes na liderança do lar:

- I. **O marido precisa estar presente.** É necessário trabalhar para ganhar o pão, mas o pai de família precisa tomar cuidado, pois suas noites, sábados e domingos devem ser empregados em atividades que envolvem a família.
- II. **A família deve ter prioridade.** Na escala de prioridades de Deus, o marido deve colocar o Senhor em primeiro lugar (Mt.10:37); depois a família (I Co.7:32-35); depois o trabalho (I Ts.4:11,12) e, por fim, a obra de Deus (I Pe.4:10,11).
- III. **O marido precisa perceber as necessidades de cada membro da família.** O marido tem que saber quais são as necessidades de sua esposa e filhos para poder ajudá-los. Ele precisa saber quais são os seus medos, preocupações, desapontamentos, expectativas, segredos e sonhos. Isto requer um espírito sensível e uma disposição de observar, ouvir e se comunicar (I Pe.3:7).

## C) Liderando com amor

Além da chefia da sociedade conjugal, ao marido cabe o ônus de **amar** a sua esposa e seus filhos. “Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” (Ef.5:25). O papel do marido é amar. Este verbo está no imperativo. Não é uma opção, mas uma ordem. O amor não está condicionado à aparência, atitude, ou comportamento da esposa.

Infelizmente, o diabo tem causado confusão sobre o que é o amor. Ele tem usado a mídia (novelas, filmes, revistas e propaganda) para criar ideias falsas sobre o amor. Para a sociedade, o amor é um sentimento que vem e vai e, portanto, desvinculado do compromisso. Mas este não é o significado que a Bíblia dá para o amor. Nas Escrituras “amor” não é um sentimento, mas uma decisão do coração de valorizar o objeto amado e servi-lo (afeição e paixão são sentimentos). Foi assim que Deus manifestou o Seu amor para com os homens: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que ele deu seu filho unigênito...” (Jo.3:16).

É deste amor que Paulo está falando quando diz: “Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. (...) Porque ninguém jamais odiou a própria carne, antes, a alimenta e dela cuida.” (Ef.5:28,29).

Paulo ainda diz que o marido deve amar a sua esposa assim como Cristo ama a Igreja (Ef.5:25-27). Isto quer dizer que o marido é responsável pela espiritualidade de sua esposa e filhos, tanto quanto por suas necessidades emocionais e físicas.

O amor é por definição expressiva. João escreveu: “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.” (I Jo.3:18). O amor é como uma planta que precisa ser cultivada. Por isto, deve ser expressado de maneiras práticas como uma palavra de elogio, um presentinho no aniversário, um jantar fora só os dois, etc. Sem essas expressões pequenas no dia-a-dia, o relacionamento esfria. Neste mundo agitado e cheio de compromissos em que vivemos, há uma necessidade de que os casais tirem um tempo juntos, sem distração, para poder compartilhar, orar e até brincar.

## 5. O papel da esposa

Há duas responsabilidades da esposa no lar: **submissão** e **desenvolvimento das qualidades interiores**.

*“Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos, para que, se alguns deles ainda não obedecem à palavra, sejam ganhos, sem palavra alguma, por meio do procedimento de suas esposas, ao observarem o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus.” (I Pe.3:1-6).*

### A) Definindo a submissão

Todos temos algum tipo de autoridade sobre nós. A Bíblia nos diz em Romanos 13:1,2 que as autoridades são instituídas por Deus. No caso da esposa, o marido é a autoridade mais próxima.

É importante entender que a submissão não está relacionada a uma posição de inferioridade. A Bíblia não ensina que a mulher é inferior ao homem. No corpo de Cristo não existe superioridade ou inferioridade. Todos são iguais no Corpo de Cristo. Gálatas 3:26-28 declara:

*“Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte não pode haver judeu, nem grego; nem escravo, nem liberto; nem homem, nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.*

Então, o que é submissão?.

O vocábulo “submissão” é formado de duas palavras: sub, que quer dizer “debaixo de”, e missão, que significa “vocação” ou “profissão”. A mulher submissa, portanto, é aquela que se coloca debaixo da missão do seu marido. Na prática, isto quer dizer que quando uma decisão importante tem de ser tomada e existe uma diferença de opinião, a mulher cede à vontade do marido. Compreende-se que no caso de o marido estar errado, Deus irá fazer com que ele veja tal coisa pelo fracasso.

Em se tratando de submissão, não importa se o marido é crente ou não. A esposa deve submeter-se mesmo ao marido incrédulo. O marido incrédulo será ganho por intermédio de uma esposa mansa e tranquila e não por meio de constante pregação e implicância (I Pe.3:1,2).

## B) Benefícios da submissão

- I. **Proteção.** As autoridades são instituídas por Deus para trazer proteção e segurança. O marido, portanto, é uma cobertura contra as tempestades da vida. Ao homem foi dada uma natureza que o capacita a suportar melhor as pressões que vêm sobre a família. Se a mulher rejeita a proteção desta cobertura, receberá diretamente todo o impacto da tempestade. Pedro promete, em I Pe.3:6, uma bênção para a mulher submissa, a saber, “ela não temerá nenhuma perturbação”.
- II. **Realização.** A mulher casada realiza-se por meio da realização do marido. Não se pode esquecer que a mulher foi criada para ser auxiliadora do homem. A palavra “auxiliar” corresponde à palavra “submeter”, isto é, estar debaixo da missão do marido (Pv. 31:10-31). Isto não quer dizer que a mulher não possa ter uma profissão ou carreira. A mulher de Provérbios 31:24 tinha; mas ela não buscou sucesso à custa da sua família. A maneira mais segura de ser uma mulher feliz é viver com um homem feliz.
- III. **Harmonia no lar.** Muitas encrencas surgem no lar quando a esposa ignora seu papel e é insubmissa. Alguns maridos gostariam de liderar, mas suas esposas não sabem segui-los, pois são verdadeiras Jezabeis (I Rs.19:1-3; Tt. 2:5; I Tm. 5:14).

## C) A questão da beleza interior

Agora vamos focalizar nossa atenção à segunda responsabilidade da mulher – a beleza interior.

*“Não seja o adorno das esposas o que é exterior (...) porém o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus.” (I Pe.3:3,4).*

Pedro não está dizendo aqui que as mulheres não devem se preocupar com sua aparência, mas que não adianta se vestir bem e se maquiar se a sua personalidade é de uma mulher rixosa e iracunda, porque “melhor é morar numa terra deserta do

que com a mulher rixosa e iracunda” (Pv.21:19). A ênfase de Pedro está na beleza interior e não exterior.

Falando em beleza exterior, é importante que a mulher se cuide, especialmente depois de casada. Lembrem-se, esposas, durante todo o dia seu marido convive com mulheres bonitas, bem vestidas e atraentes em seu local de trabalho. É verdade que a mulher precisa ser pura por dentro, mas não há nenhuma razão pela qual a mulher não possa também ser bonita por fora.

- I. **Mansidão**, no grego, é *praos* e significa espírito dócil. Ser manso significa entregar todos os direitos a Deus. É fazer aquilo que Jesus fez: “quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente”. Quantas mulheres, em sua frustração falam: “Mas quanto aos meus direitos!” Se você quer ser uma mulher de Deus, entrega os seus direitos a Ele. O temperamento, tampouco, é desculpa. A mulher sábia controla o seu gênio por amor à sua família. “A mulher sábia edifica a sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos a derruba.” (Pv.14:1).
- II. **Tranquilidade**, no grego, é *hesuchios* e significa espírito sereno, calmo, que não é agitado ou ansioso. Ter um espírito tranquilo significa, portanto, ser calma e controlada. Aquelas que têm controle de si mesmas e que não entram em pânico, nem ficam irritadas, são mulheres de grande caráter. A mulher, como auxiliadora, quando conhece e confia no Senhor, pode ser o ponto de equilíbrio, renovando o ânimo e a força do marido quando este está sobrecarregado.

## 6. A comunicação no lar

A comunicação, sem dúvida, é o centro de todo relacionamento familiar. Nunca é demais frisar a importância de uma boa comunicação. Ela é a chave para o desenvolvimento de um relacionamento saudável entre marido e mulher, pais e filhos. A Bíblia diz em Provérbios 18:21: “A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto.”

Mas, o que é comunicação? Comunicar-se é ato de transmitir uma informação de maneira que você seja entendido. A arte da comunicação possui três elementos básicos: falar, ouvir e compreender. Como “falar” é bem mais fácil do que “ouvir”, a parte mais difícil da questão toda é o ouvir. Se o ouvinte não está interessado no assunto em pauta ele não prestará atenção e, portanto, não haverá comunicação.

Por que muitos casais e até famílias têm dificuldade de se comunicarem? Existem algumas razões: há pessoas que nunca aprenderam a se comunicar abertamente. Outras têm medo de expor o que pensam e serem mal entendidas ou criticadas. Há aquelas com complexo de inferioridade, que pensam não ter nada de importante, em termos de ideias, para apresentar. Há, ainda, o desinteresse causado pelo egoísmo ou inversão de prioridades. Além destas dificuldades,

existem os obstáculos da comunicação: lágrimas, gritos, violência, greves de silêncio, etc. A Bíblia, no entanto, nos ensina o segredo da boa comunicação.

### A) O segredo da boa comunicação

Uma comunicação para ser boa deve seguir as seguintes regras:

- I. **Ouçã o seu cõnjuge com interesse.** Uma das melhores maneiras de fortalecer sua comunicação é desenvolver a habilidade de ouvir o seu cõnjuge com interesse. Dê sua atenção completa, inclusive com os olhos e as expressões faciais. Quando concentramos nossa atenção, mostramos que estamos não somente escutando com os ouvidos, mas com o coração (Tg.1:19; Pv.18:13).
- II. **Escolha o tempo certo para se comunicar.** Jaime Kemp nos dá cinco sugestões quanto à escolha do tempo certo para se comunicar:
  - a. É melhor não discutir um problema depois das dez horas da noite. A nossa tendência, quando estamos fisicamente casados, é reagir negativamente a qualquer discussão.
  - b. Não devemos discutir em frente dos filhos. Se há uma coisa que cria insegurança e medo no coração da criança, é ter que ouvir e assistir uma briga entre seus pais.
  - c. Não devemos discutir em público. Discussões familiares devem ser resolvidas somente entre a família. Como é fácil humilhar e machucar seu cõnjuge usando cinismo, sarcasmo ou palavras ásperas em público.
  - d. Não procure resolver problemas ou tratar de assuntos sérios quando um dos dois está envolvido em alguma atividade. Quando o marido está olhando um jogo na TV ou a esposa lavando a louça suja, depois de ter trabalhado o dia inteiro, talvez não seja uma boa hora para tratar de assuntos complicados ou delicados.
  - e. Marquem uma hora específica para conversarem e sejam fieis àquele compromisso. Sábios são os casais que sabem o melhor tempo para conversar e sabem esperar até lá.
- III. **Fale sempre a verdade.** A tendência humana é não ser honesto. Isso faz parte da nossa natureza pecaminosa. No entanto, cria insegurança, desconfiança e distanciamento. Falar a verdade é um compromisso constante na vida conjugal.
- IV. **Não use o silêncio como forma de punição.** Esta forma de reagir é extremamente frustrante e não resolve nada, apenas prolongando o sentimento negativo entre o casal.
- V. **Não fale demais.** Falar demais não muda a outra pessoa. Em vez de ficar falando, criticando e reclamando, procure viver uma vida exemplar não dando motivo de queixas e reclamações. “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os seus lábios é prudente.” (Pv.10:19). Leia também Provérbios 13:3.
- VI. **Não seja precipitado ao responder.** Espere até que seu cõnjuge termine tudo o que queria dizer. Quantas vezes pensamos que sabemos o que o outro vai

dizer e, sem consideração e educação, o interrompemos no meio da conversa somente para descobrir que não era nada daquilo que o outro ia falar (Pv.15:28).

- VII. **Não se envolva em brigas.** “Como o abrir-se da represa assim é o começo da contenda; desiste, antes que haja rixas.” (Pv.17:14). É possível discordar sem causar brigas. Paulo nos diz em Efésios 4:26: “Irai-vos e não pequeis”. Ou seja, a ira, por ser uma emoção, pode ser inevitável, mas ela não deve levar-nos a pecar. Procure não responder com raiva. Conte até dez ou, então, deixe para falar sobre o assunto mais tarde, quando os ânimos estão menos exaltados (Ef.4;31).
- VIII. **Responda sempre com palavras brandas.** Provérbios 15:1 afirma-nos: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”. Muitas vezes uma palavra áspera pode machucar profundamente o nosso cônjuge. A briga passa, mas a ferida fica.
- IX. **Esteja sempre disposto a dizer três coisas:**
  - a. Eu estava errado;
  - b. Me perdoe;
  - c. Eu te amo.

## 7. O sexo no relacionamento conjugal

Nós vivemos numa sociedade permeada pelo sexo. As pessoas estão sendo bombardeadas pelo sexo por todos os meios de comunicação: comerciais, novelas, filmes, músicas, revistas, jornais, internet e livros, todos aludem ao sexo. É difícil para o crente viver numa sociedade assim sem se contaminar com as suas atitudes. A boa notícia é que a Bíblia tem muito a dizer sobre o sexo.

Quando Deus criou o homem o primeiro mandamento que Ele deu foi: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra.” (Gn.1:28). A nossa sexualidade, portanto, foi estabelecida por Deus. O sexo, quando dentro dos padrões de Deus, é puro e é uma expressão linda do relacionamento conjugal.

Nunca é demais enfatizar que o sexo é restrito ao relacionamento conjugal. A Palavra de Deus é abundantemente clara em mostrar que o sexo deve ser desfrutado somente por aqueles que “deixaram”, “se uniram” e “se tornaram uma só carne” (Hb.13:4; I Co.7:1-5).

Quanto à finalidade do sexo, ele visa à procriação e ao prazer conjugal.

- I. **Procriação** – O sexo é destinado a gerar filhos. “E Deus os abençoou, e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra.” (Gn.1:28). Num mundo tão egoísta quanto o que vivemos, é importante frisar que os filhos são uma benção para qualquer família (Sl.127:3,4).
- II. **Prazer conjugal** – A nossa sexualidade não visa somente a gerar filhos, mas também proporcionar prazer sexual entre o casal. A Bíblia, usando uma linguagem poética, muitas vezes exalta as delícias da expressão sexual. Encontramos uma ilustração disto em Provérbios: “Beba a água da tua



própria cisterna (...) corça de amores, e gazela graciosa, Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias.” (Pv. 5:15,19).

O sexo é uma experiência de dar. Não há lugar para o egoísmo no relacionamento físico no casamento. Esta afirmação é especialmente importante numa sociedade como a nossa onde a tentação está tão presente. Satanás procura causar dificuldades nesta área exatamente para aumentar as chances de alguma forma de promiscuidade.

Paulo, falando do relacionamento sexual, exorta em I Coríntios 7:3-5: “Não vos priveis um ao outro”. Cada cônjuge é responsável pelo suprimento das necessidades sexuais um do outro. Por isso, “a mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre seu próprio corpo e, sim, a mulher.” (v.4).

Para a mulher, o ato conjugal é muito mais emocional do que para o homem. Ela se envolve muito mais emocionalmente do que o marido. Portanto, é importante manter um ambiente de amor, bondade, carinho e compreensão dentro do lar, não somente na hora do relacionamento físico, mas em todos os níveis de relacionamento.

As tentações sexuais podem ser incrivelmente poderosas por causa do impulso que Deus colocou nos seres humanos. Privando um ao outro de sexo, os cônjuges enfraquecem mutuamente o autocontrole na área sexual. Existe uma ideia errada e perigosa de que não existem consequências reais em se “privar” o cônjuge das relações sexuais, exceto a frustração imediata e de pouca duração. I Coríntios 7:5 mostra outra realidade: “Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência.”

O adiamento contínuo de relações sexuais coloca uma pressão desnecessária sobre o cônjuge. O cônjuge que priva seu parceiro pode representar a principal causa das tentações na área de imoralidade sexual.

## LIÇÃO 3 - A FORMAÇÃO DOS FILHOS

*“Como flechas na mão de um homem poderoso, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, mas falarão com os seus inimigos à porta.” (Sl.127:4,5)*

### 1. O papel dos pais

Estamos vivendo em dias de permissividade e desrespeito às autoridades. A falta de respeito às leis e aos pais está causando muitos transtornos nos lares e na sociedade. Além disso, a juventude está enfrentando pressões que nenhuma outra geração jamais enfrentou. Sexo, drogas e violência são palavras que já associamos com os nossos jovens. Portanto, quando se fala na criação de filhos, o assunto é de extrema importância. Alias, a Bíblia diz: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.” (Pv. 22:6).

Em se tratando do relacionamento entre pais e filhos, temos que ter em mente **alguns conceitos básicos**. Do momento em que a criança nasce até ela completar dezoito anos de idade, Deus nos coloca como pais para treiná-la e instruí-la em Seus preceitos. Este é o tempo de que dispomos.

Deus nos dá dezoito anos para a educação dos nossos filhos. Devemos dividir esses anos em duas fases. Muitos pais erram tragicamente porque tentam treinar seus filhos de dezesseis anos com o mesmo tratamento que ele daria ao filho de seis anos. Do nascimento até os doze anos aproximadamente, a atitude dos pais deve ser basicamente **restritiva**. Esta é uma época na vida da criança em que os pais precisam estabelecer limites e transmitir valores morais e espirituais, bem como tratar do caráter. A partir do décimo terceiro ano (isso varia de filho para filho, conforme a maturidade), os pais devem tornar-se cada vez mais **permissivos**, dando progressivamente mais liberdade e responsabilidade para o filho. Este é um princípio básico para o treinamento de filhos.

A responsabilidade principal na educação e disciplina dos filhos é dos pais; não da igreja, não da escola; não da sociedade. Os filhos devem ser treinados no contexto do lar. Uma criança de seis anos, entrando no jardim de infância, segundo os pedagogos, já tem sua personalidade formada. Portanto, a idade de um a seis é a mais importante na vida de qualquer criança.

Apesar de quase sempre relegada ao segundo plano em comparação com a mãe, a figura paterna é a principal responsável por dar a noção do certo e do errado ao filho. É por intermédio dele que a criança vai descobrir que pode fazer certas coisas, mas não tudo. O papel do pai é fundamental na fase que vai dos três aos seis anos de idade, período em que a personalidade é formada (Pv.4:1-4).

Muitos pais exigem um determinado comportamento de seus filhos que eles, como pais, não demonstram. As ações falam mais alto do que as palavras. Quando

o pai dá uma ordem ao seu filho sem, entretanto, ser o exemplo, ele está usando a sua autoridade de uma maneira imprópria. Os filhos podem facilmente perceber qualquer hipocrisia ou fingimento em seus pais.

## 2. A questão da disciplina

*“A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe.” (Pv.29:15)*

*“Corrige o teu filho, e te dará descanso, dará delícias à tua alma.” (Pv. 29:17)*

*“A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela.” (Pv.22:15)*

A nossa sociedade está pagando um alto preço por seguir os conselhos dos psicólogos dos anos 60 e 70. Não iniba seu filho, diziam; deixe-o expressar-se; ele está desenvolvendo a sua personalidade. Em outras palavras, se o Joãozinho quer jogar pedras na janela do vizinho, não o reprima, ele está desenvolvendo-se. Este tipo de ensinamento trouxe sérios problemas para a família e a sociedade. Hoje estes mesmos psicólogos estão revendo as suas teorias e já começam a falar da importância de estabelecer limites.

A família precisa voltar aos princípios eternos da Palavra de Deus para saber como construir um lar feliz. Foi Deus quem instituiu a família. Por isso Ele sabe melhor do que ninguém como devemos criar os nossos filhos.

Há pais que retêm a vara porque dizem que amam seus filhos. Entretanto, este não é o amor do nosso Pai Celestial. O nosso Pai não retém a vara. Pelo contrário, “o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe.” (Hb.12:6). Em outro lugar a Palavra de Deus diz: “O que retém a vara, aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina.” (Pv.13:24). Portanto, a Bíblia ensina que é pela disciplina que demonstramos o nosso amor:

Crianças respeitadas e responsáveis resultam de famílias nas quais se acha presente a combinação adequada de “amor” e “disciplina”. Esses dois ingredientes devem ser administrados nas dosagens necessárias. A ausência de qualquer um deles é desastrosa.

### A) Quando é que se deve disciplinar?

A disciplina deve ser aplicada sempre que houver desafio direto à autoridade. Devemos ser tolerantes com relação às infantilidades, mas se fixamos os limites e o filho deliberadamente resolveu ultrapassá-los, deve ser disciplinado. A resposta malcriada e insolente é a arma mais poderosa de desafio da criança, e ela deve ser respondida com a vara.

Entretanto, devemos salientar que nem sempre o antagonismo obstinado de uma criança representa um desafio contestado. Pode resultar de frustração, desapontamento ou rejeição e deve ser interpretado como sinal de advertência que merece atenção. A arte da boa paternidade gira em torno da interpretação da causa que está atrás do comportamento.

## B) Como é que se deve disciplinar?

- I. **A disciplina deve ser administrada com amor.** Existe uma diferença entre disciplina e punição. A disciplina visa ao comportamento reprovável e a criança aceitará suas consequências sem ressentimento. A punição, por outro lado, é uma reação contra o indivíduo. É uma expressão de hostilidade em vez de amor corretivo.
- II. **A disciplina deve ser antecedida por uma boa comunicação.** Jaime Kemp dá três sugestões que podem ajudar os pais na hora da disciplina:
  - a. Identificar previamente as ordens;
  - b. Certificar-se de ter comunicado claramente a ordem dada;
  - c. Explicar à criança o motivo pelo qual está sendo disciplinada.
- III. **Não devemos disciplinar em momentos de raiva.** Um dos pecados mais frequentes cometidos pelos pais é o de disciplinar seus filhos em momentos de ira. “Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo.” (Pv.19:18).
- IV. **A disciplina deve ser coerente.** Por exemplo, se a criança foi disciplinada por certa desobediência e no dia seguinte volta a cometer o mesmo erro, deve ser novamente corrigida.
- V. **A disciplina deve ser aplicada com a vara.** A palavra “disciplina” nas Escrituras significa corrigir com vara. “Não retires da criança a disciplina, pois se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno.” (Pv.23:13,14). A mão ou qualquer outro objeto não é aconselhável porque pode machucar. A região mais apropriada para as varadas é, sem dúvida, o bumbum. Qualquer outra região do corpo, além de agressivo, pode ferir. A varada deve ser forte o suficiente para fazer a criança chorar com autenticidade.
- VI. **Deve-se demonstrar afeto após a disciplina.** O afeto dos pais após a disciplina é essencial para mostrar ao filho que foi seu comportamento e não ele que rejeitaram.
- VII. **A disciplina deve ser confidencial.** Nunca discipline seu filho na frente de outras pessoas, quem quer que seja. Leve-o para o quarto e feche a porta. Se você estiver em um local público, encontre um cantinho isolado e aplique a disciplina. Se não for possível corrigi-lo onde estiverem, então lhe diga: “Filho, o local onde estamos não é adequado, mas, assim que chegarmos em casa, você será disciplinado”. Não demore em cumprir o prometido para não deixar a criança ansiosa quanto à hora em que terá que enfrentar a vara e, principalmente, jamais deixe de cumprir o que prometeu.
- VIII. **A disciplina é diferente de filho para filho.** As crianças diferem tanto umas das outras que, às vezes, é difícil crer que sejam membros da mesma

família. Você pode repreender algumas crianças apenas com um olhar severo; outras parecem exigir medidas disciplinares fortes e até mesmo dolorosas para causar-lhe uma impressão vívida. As diferenças individuais devem ser respeitadas.

Nenhuma criança deve ser disciplinada antes dos seis meses. Nessa fase, ela é incapaz de compreender seu erro e, muito menos, a correção resultante. Mas o que diremos a respeito da criança de oito ou nove meses que grita, chora, faz manha e pirraça, reclamando colo e atenção de seus pais. É inacreditável, mas um pequeno ser de alguns meses é totalmente capaz de manipular e dobrar dois adultos experientes e amadurecidos, fazendo-os ceder a seus caprichos.

*“O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina.” (Pv.13:24).*

À parte do corpo mais apropriada para aplicar-se a disciplina, como vimos, é a “padaria”. Porém, quando ocorrer uma situação oportuna, não se deve excluir a necessidade de um tapinha na mão, pois para o bebê não é fácil associar a arte que ele executou com as mãos, com a varadinha dada no “bumbum”.

Os filhos adolescentes não devem ser disciplinados com vara. Eles desejam, desesperadamente, ser considerados como adultos e eles se ressentem demais quando tratados como crianças. A vara é o insulto máximo. O castigo para os adolescentes deve envolver, por exemplo, a perda de privilégios, privação financeira ou qualquer outra forma de retribuição não-física.

### 3. A importância da autoimagem

Autoimagem é o conceito que temos de nós mesmos. Às vezes, esta imagem é boa. Às vezes, é ruim. Muitos psicólogos acham que esta autoimagem é a chave para o ajustamento pessoal. Se tivermos uma boa autoimagem, somos considerados *ajustados*. Se tivermos uma baixa autoimagem, somos considerados *desajustados*. Portanto, os sentimentos que o nosso filho tem a seu próprio respeito vão determinar em grande escala sua felicidade na vida. Este autoconceito é formado nos primeiros anos de vida.

- I. **Criando segurança por meio de limites.** É de suma importância que os filhos saibam quais os seus limites. Isto cria segurança na criança. Nesta era de permissividade, devemos tomar cuidado para estabelecermos as diretrizes necessárias para nossos filhos.
- II. **Criando confiança por meio de elogios.** Crianças anseiam e necessitam grandemente da afirmação dos pais. Por isso, podemos corroer sutilmente a base da autoestima de nossos filhos por críticas que julgamos “construtivas”. Cada avaliação negativa é um golpe para a autoimagem da criança. Por outro lado, cada elogio ajuda a criar uma sensação interior de valor que gera

confiança. Acredita-se que é preciso três palavras de elogio para apagar uma palavra de crítica. A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto (Pv.18:21).

- III. **Dando responsabilidades.** Todo mundo precisa sentir-se importante. Dando responsabilidades às crianças, construímos sua autoimagem.
- IV. **Promovendo a individualidade.** As crianças precisam crescer quanto à sua autonomia e independência, se quisermos que desenvolvam uma autoimagem saudável. Somos a chave deste processo. Ao encorajarmos pensamentos e ações independentes, promovemos um senso de confiança e força. Ao superprotegermos ou sufocarmos a criança, destruimos sua confiança.
- V. **Comunicando-se.** Comunicação é uma via de duas mãos. Não é somente dar ordens, exortações e advertências aos filhos, mas também ser sensível às necessidades deles. Quando os pais demonstram desinteresse ou incomodação, isto cria insegurança e rebeldia no coração da criança. Pais que não procuram ouvir e entender seus filhos criam barreiras enormes que dificilmente serão derrubadas na adolescência.

#### 4. Como ensinar a criança a respeito do sexo

As perguntas feitas pelas crianças constituem o melhor guia para o ensino sobre o sexo, oferecendo um meio natural para a instrução. É muito melhor que os pais respondam a essas perguntas no momento da curiosidade, do que ignorá-las, esperando explicá-las mais tarde. Todavia, se uma criança se mostra desinteressada na questão do sexo, a responsabilidade dos pais não diminui pela ausência de perguntas. Use as oportunidades.

#### 5. Evangelizando os nossos filhos

É um erro pensar que, pelo fato de os nossos filhos terem nascido e se criado num lar cristão, são automaticamente convertidos. A salvação é individual, e não hereditária. Podemos formar filhos “religiosos”, mas não necessariamente salvos. Por isso, devemos nos preocupar em evangelizar os nossos filhos levando-os a uma decisão autêntica e voluntária por Jesus. Leia Dt.6:1-9 e Pv.22:6.

## LIÇÃO 4 - ADMINISTRANDO AS FINANÇAS

*“Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça, enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus.” (II Co 9.10,11)*

### 1. Introdução

O dinheiro é um assunto espiritual. Não pode ser ignorado ou deixado num compartimento à parte. Deus não está preocupado apenas com o destino de nossa alma depois da morte, mas também com o nosso caráter e semelhança com Jesus aqui e agora. O dinheiro tem muito a ver com isto. Não podemos ser neutros sobre este assunto, nem correr atrás das riquezas e dos bens materiais como os descrentes fazem. Temos de buscar o reino de Deus e o senhorio de Cristo sobre nossos corações – isto inclui a maneira como ganhamos e gostamos o dinheiro.

### 2. O atual sistema financeiro mundial

O atual sistema econômico mundial, conhecido como “globalização”, está sob a sentença de Deus e é só uma questão de tempo até que seja destruído. Trata-se de um sistema econômico satânico que visa à formação de uma civilização unida sob a liderança do Anticristo (Ap.13:16,17; 14:9-12). No capítulo 18 do Apocalipse, encontraremos não somente uma perfeita descrição da prosperidade e comércio proporcionados pela globalização, mas também o terrível impacto causado em todo o mundo pelo juízo de Deus sobre ela.

Perante esta realidade, como devem agir os cristãos? As instruções de Deus são bem claras por meio de toda a Bíblia e ainda mais neste mesmo capítulo 18 do Apocalipse: “Sai dela, povo meu, para que não seja participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.” (v.4). Em outras palavras, tem de haver uma troca de valores. Salomão disse: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.” (Pv.4:23). As cadeias que nos amarram ao sistema não são essencialmente externas, e sim internas. São valores errados que precisam ser mudados.

Mas quais seriam estas correntes que nos prendem ao sistema babilônico? Entre elas está: a) confiar mais no dinheiro do que no Senhor; b) urgência ou compulsão de comprar coisas desnecessárias; c) insatisfação com o que se tem e d) a mesquinhez.

É principalmente por meio da “dívida” que o reino das trevas tem conquistado domínio sobre o homem moderno. Este jugo de dívida tem de ser quebrado se quisermos experimentar o poder e realidade espiritual a que fomos chamados.

### 3. Prioridades invertidas

Um ídolo não é somente algo que é adorado, mas algo em que colocamos a nossa confiança. Quando a nossa confiança está no dinheiro ao invés do Senhor, o dinheiro se torna num ídolo. A triste realidade é que a maioria de nós está tão ocupada em como ganhar mais dinheiro, adquirir novos bens e buscar lazer e entretenimento que não nos damos conta de que Jesus morreu para nos libertar precisamente dessas coisas (Ec.4:8; 5:10).

Na Bíblia não se acha uma vez em que Jesus tivesse falado bem do dinheiro ou das riquezas. Pelo contrário, falou do engano das riquezas e que não se pode servir a Deus e ao dinheiro (Mt.6:19-24). Paulo advertiu sobre este mesmo perigo (I Tm.6:7-10; 17-19). Precisamos ter cuidado para não nos apaixonarmos mais pelas coisas materiais do que por Jesus.

Temos que fazer uma escolha: ou seremos totalmente libertos do dinheiro ou seremos totalmente escravizados por ele. O que está em jogo aqui, portanto, é algo bem maior do que simplesmente escapar dos nossos problemas financeiros. É uma questão de destruir nossos ídolos e tornar-nos verdadeiros adoradores de Deus.

### 4. Uma atitude correta quanto às finanças

Um dos fatores que mais contribuem para brigas, frustrações e preocupações no lar são as finanças. Este estresse na vida conjugal é causado pelos seguintes motivos:

- I. Salário insuficiente;
- II. Falta de planejamento financeiro;
- III. Dívidas desnecessárias;
- IV. Mau uso do cartão de crédito e cheque especial;
- V. Disputa entre marido e mulher pelo controle financeiro.

A família cristã que coloca Jesus como o Senhor de suas vidas precisa saber usar o dinheiro e não ser usado por ele. Por isso, precisamos saber que:

#### A) Toda riqueza pertence a Deus.

“Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos.” (Ag.2:8) Quantas vezes o cristão tem tomado a atitude: “Já dei o meu dízimo ao Senhor, portanto, os 90% restantes são meus”. Nada disso! Damos os 10% (dízimo significa a décima parte) num ato simbólico de reconhecimento de que os 100% são Dele. Portanto, o Senhor quer que gastemos os 90% tão criteriosamente quanto o dízimo e ofertas que lhe devolvemos (I Cr.29:14,16).



## B) Recebemos o usufruto dos bens de Deus.

*“Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.” (I Co.10:26).*

É totalmente errado pensar que o nosso negócio, o nosso salário e os nossos bens materiais estão fora do interesse de Deus. Ele é o dono do nosso negócio, do nosso dinheiro e dos nossos bens. Somos apenas detentores, depositários do Seu patrimônio. Ele é o verdadeiro proprietário. O que temos é o direito de usufruir os bens de Deus como mordomos que terão de prestar contas de sua administração (Sl.8:4-9).

## C) Deus é quem dá forças para o trabalho.

*“Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas. Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas.” (Dt.8:17,18).*

Nunca devemos tomar o crédito pela nossa prosperidade, nem atribuí-la a nossa engenhosidade e capacidade; pois não é “dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes a riqueza, nem dos entendidos o favor.” (Ec.9:11). É o Senhor quem nos dá saúde e inteligência. É Ele também quem abre as portas, cria oportunidades e nos dá êxito em todos os nossos empreendimentos.

## D) O nosso sustento vem do Senhor.

*“Temei ao Senhor, vós, os seus santos, pois não têm falta alguma aqueles que o temem. Os filhos dos leões necessitam e sofrem fome, mas aqueles que buscam ao Senhor de nada têm falta.” (Sl.34:10).*

O nosso sustento não vem dos homens, mas de Deus Pai. Ele é a fonte de todos os nossos recursos e somente Dele dependemos para que nada nos venha a faltar. Daí por que a nossa confiança não está na estabilidade dos nossos empregos nem na segurança dos nossos salários, mas no nosso Deus e Pai, que supre todas as nossas necessidades (Mt.6:31-34).

## E) Devemos nos contentar com o necessário.

*“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos satisfeitos.” (I Tm.6:8).*

A insatisfação com os próprios bens e a aceitação submissa ao consumismo exacerbado que a sociedade incute na mente de seus membros leva muitos casais a contraírem dívidas que desequilibram a vida financeira e, por conseguinte, a relação conjugal. Devemos buscar a prosperidade (III Jo.2), mas de forma moderada e com a motivação certa (não para satisfazer o espírito de consumismo que domina a nossa sociedade). O princípio é o da *necessidade*. Para Deus, ser próspero é ter tudo que for necessário para uma vida digna, a saber:

- I. Moradia;
- II. Alimentação;
- III. Educação;
- IV. Saúde;
- V. Lazer;
- VI. Vestuário;
- VII. Higiene;
- VIII. Transporte;
- IX. Trabalho;

#### **F) Provisão para as necessidades.**

Deus promete em Sua Palavra suprir tudo aquilo que for *necessário*, mas nunca aquilo que for supérfluo (Pv.30:8,9; I Tm. 6:6-11; Fl.4:19; Hb.13:5,6; Tg.4:3-6).

## **5. Sobre dívidas**

Dívida ou débito é aquilo que se deve. Uma família cujo orçamento mensal aponta mais despesas que receita está em sérias dificuldades, pois, como está escrito: “O que toma emprestado é escravo do que empresta.” (Pv.22:7). A dívida escraviza porque representa o gasto presente de um rendimento futuro. Contraímos dívidas porque gastamos hoje algo que ainda não ganhamos. Consequentemente, até a dívida ser paga, todo nosso trabalho e rendimentos realmente não pertencem mais a nós, mas aos nossos credores.

Acrescenta-se a isto um elemento que faz esta dívida crescer exponencialmente - os juros compostos. Neste caso, além de ter de trabalhar para o seu carrasco (credor) até devolver o valor que emprestaste dele, tu terás de continuar trabalhando mais um tempo para pagar os juros. Assim, pela vantagem de antecipar o usufruto de algum bem ou serviço, acabamos pagando por ele muitas vezes o seu valor. O atual sistema econômico está construído sobre este sistema de gastar o futuro no presente e depois pagar muitas vezes mais por ele, minando as nossas finanças.

A Bíblia diz: “A ninguém fiqueis devendo coisa alguma.” (Rm.13:8) Se essa não é nossa condição atual, é porque nos desviamos deste princípio. O primeiro passo é o arrependimento, isto é, decidirmos mudar (At.26:20). Não importa quão ruim seja a

nossa condição financeira atual, se obedecermos às Escrituras, escaparemos da situação presente, e começaremos a viver uma vida de liberdade maior do que jamais sonhamos ser possível.

## 6. Como sair das dívidas

Para quem realmente quer sair das dívidas e manter uma vida financeira equilibrada, seguem estas importantes dicas:

- I. Prefira sempre pagar a vista;
- II. Cuidado com o cheque pré-datado, o cartão de crédito e com os financiamentos. Fuja dos agiotas. Existe uma regra simples para se saber se podemos ter ou não cartão de crédito. Se não conseguimos pagar a quantia total da dívida ao final de cada mês, então não temos disciplina para usá-lo.
- III. Se precisar de um financiamento, fique de olho nos juros e nas taxas que terá que pagar;
- IV. Só inicie uma prestação ou financiamento ao terminar de pagar a que já tem;
- V. Vá ao supermercado com uma lista de compras;
- VI. Estabeleça prioridades nas compras. Adquira somente as coisas realmente necessárias. Antes de efetuar uma compra, pergunte a você mesmo: preciso realmente disto? Este é o melhor preço? O uso que farei deste produto justifica a sua compra? (Ec.4:8; 5:10).
- VII. Cuidado com as promoções. Não ceda ao primeiro impulso. Veja se realmente precisa do produto.
- VIII. Defina metas e prioridades junto com seus familiares (orçamento familiar). O orçamento permite que o casal estabeleça prioridades e se comprometa a realizar gastos estritamente necessários, eliminando a necessidade de empréstimos de dinheiro a juros.
- IX. Procure viver com a renda que tem e que sua família consegue gerar;
- X. Planeje gastar menos do que recebe, reservando parte de seu salário em uma poupança;
- XI. Anote num caderno ou numa planilha todos os seus gastos diários, faça balanços semanais e mensais;
- XII. Relacione tudo o que está devendo, para se ter uma ideia exata da atual situação financeira. Isto ajudará a estabelecer uma prioridade na redução da dívida.
- XIII. Estabeleça um programa de adiantamento para cada credor. Todos precisam de um programa de pagamento sistemático por escrito para alcançar o objetivo do Dia “D” – dia sem dívidas. Decida qual dívida irá liquidar em primeiro lugar. Tal decisão deve basear-se em dois fatos: o tamanho da dívida e a taxa de juros cobrada.

## 7. Princípios bíblicos para as nossas finanças

Durante todo o processo para se livrar das dívidas, lembre-se destes princípios:

- I. **Confia no Senhor para suprir todas as tuas necessidades na hora certa** (Fl.4:19). Se não podemos confiar no Senhor para prover nossas necessidades básicas, como podemos realmente confiar nele para nossa salvação? Confiança é fé, sem a qual é impossível agradar o Senhor. Verdadeira fé é demonstrada por nossas ações, não só nossas declarações (Tg.2:17-22).
- II. **Seja liberal em dar** (Pv.11:24,25; Lc.6:38). Muitos cristãos sinceros caem na escravidão da pobreza porque ainda não compreenderam o princípio espiritual da generosidade. Precisamos aprender que a nossa maior arma em tempos de dificuldade econômica é a nossa generosidade (II Co.9:6-11). A vida cristã está fundamentada nestas palavras: “Mais bem-aventurado é dar que receber.” (At.20:33-35). Satanás sabe que, se conseguir nos cegar neste ponto, ele poderá cortar a nossa provisão.
- III. **Seja fiel no dízimo e nas ofertas** (Ml.3:8,9). Muitos, por estarem endividados, acham que não têm condições de dar o dízimo. Mas, na verdade, o que não poderiam fazer é deixar de dá-lo! De modo geral, o que precisamos não é aumentar a nossa receita, e sim ter o devorador repreendido em nossas vidas. O Senhor promete não apenas repreender o devorador, mas também abrir as janelas dos céus quando somos fiéis (Ml.3:10-12). Este texto de Malaquias é o único na Bíblia em que Deus pede que façamos prova dele.
- IV. **Seja honesto nos negócios** (Sl.112:5).
- V. **Não sonegue imposto** (Rm.13:6,7).
- VI. **Trabalhe diligentemente** (Pv.6:6-11;14:23; I Ts.4:11,12; II Ts.3:6-13). A preguiça de estudar, de progredir profissionalmente e dar o melhor de si, muitas vezes, é a principal causa da instabilidade financeira.
- VII. **Não queira enriquecer depressa** (Pv.28:22). Cuidado com os jogos de azar e as pirâmides. Deus é o nosso provedor (Javé Jiré). Não dependemos da sorte.
- VIII. **Esteja satisfeito com o que você tem** (Ec.5:11; Hb.13:5; I Tm.6:8). Devemos aprender a ser gratos pelo que temos recebido e nos contentar com o necessário.

## LIÇÃO 5 - NAMORO CRISTÃO

*“Há três coisas que são maravilhosas demais para mim, sim, há quatro que não entendo: o caminho da águia no céu, o caminho da cobra na penha, o caminho do navio no meio do ar e o caminho do homem com uma donzela.” (Pv.30:18)*

### 1. Deus se importa com este assunto

Podemos pensar que há certas áreas de nossas vidas por que Deus não se interessa muito. Mas isto não é verdade. O Deus que nos criou sabe muito bem das nossas necessidades físicas, emocionais e espirituais e se importa com o homem como um todo (Pv.19:14). Foi Ele quem disse em Sua Palavra: “Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” (Gn.2:18). Deus, portanto, se preocupou com a vida afetiva do homem.

É importante observar que Adão literalmente dormia na vontade de Deus enquanto a sua futura esposa era preparada para ele. Quando o jovem entende esta importante verdade de que Deus se preocupa com as suas necessidades e age no Seu tempo para supri-las, a ansiedade é substituída pela paz. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu.” (Ec.3:1).

Há um tempo de preparação quando Deus molda o jovem para o casamento. Na sociedade ocidental, o namoro faz parte deste processo.

### 2. A finalidade do namoro

O namoro é um costume ocidental, e não universal; por isso, não está mencionado nas Escrituras. Isso, porém, não o torna sem valor, pois o namoro tem a finalidade de proporcionar um conhecimento mais profundo do rapaz ou da moça de quem estamos gostando e serve para revelar se há ou não compatibilidade para um relacionamento conjugal.

Tudo tem que ter um começo. O namoro é o primeiro passo para o matrimônio. O namoro não nos põe, é claro, no compromisso de casarmos com a outra pessoa, porém, não devemos tratá-lo com leviandade, senão perderemos de vista o seu objetivo. Namorar só para passar o tempo ou porque todo mundo da nossa idade está namorando não é correto.

### 3. Quando é que o namoro prejudica?

#### A) O namoro prejudica quando é fora do tempo.

Tendo em mente o objetivo do namoro, é importante que o jovem não comece a namorar muito cedo. Nos dias atuais isto é muito difícil porque a juventude é

estimulada e até mesmo pressionada pela sociedade a namorar cedo e a experimentar coisas para as quais não está preparada emocionalmente. Um namoro iniciado muito cedo só leva a pensamentos apaixonados que atrapalham os estudos e despertam desejos sexuais que dificilmente serão contidos por muito tempo. Por isso, a Bíblia diz: “Há tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar (Ec.3:5). E em outro lugar: Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade. Assenta-se solitário e fique em silêncio, porquanto esse jugo Deus o pôs sobre ele.” (Lm.3:27-29).

**B) O namoro prejudica quando não tem um ideal.**

Quando dois jovens começam a namorar, isso não significa absolutamente que eles irão se casar, mas deve significar, pelo menos, que eles pensam em se casar.

**C) O namoro prejudica quando é leviano.**

O leviano age antes de refletir, não se preocupa com os sentimentos dos outros e é inconstante. No caso do namoro, é aquele que começa um relacionamento sem uma avaliação séria e que o termina por qualquer motivo ou por outra “aventura” que supõe mais emocionante.

**D) O namoro prejudica quando é possessivo.**

Há namorados que são verdadeiros “sanguessugas”. Sentem-se donos exclusivos do objeto de seu amor. Negam-se a dividir o namorado ou namorada com os pais, os amigos e com a igreja. Esses relacionamentos sempre terminam tensos, envoltos pelos ciúmes e frustração. A namorada, até casar, está sob a autoridade dos pais, e não do namorado ou noivo, como alguns pensam.

**E) O namoro prejudica quando é indisciplinado.**

Os problemas sexuais e sentimentais que o rapaz e a moça encontram no namoro são por falta de disciplina. A autodisciplina é um elemento fundamental na vida do cristão. Por exemplo: saber a hora de chegar e de sair da casa da namorada, evitar lugares solitários e propícios para os excessos e saber dizer não.

*“Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido. Ele morrerá pela falta de disciplina, e pela sua muita loucura perdido cambaleia.” (Pv.5:22,23).*

**F) O namoro prejudica quando afeta a comunhão com a igreja.**

Moços e moças assíduos às reuniões da igreja, de repente, começam a se ausentar em consequência de atribuírem ao namoro prioridade. Todo namoro que impede a comunhão com a igreja não será sadio e não tem a aprovação de Deus.

### G) O namoro prejudica quando for com incrédulo.

A diferença básica entre um cristão e um incrédulo é o contraste de objetivos e valores. O cristão não vive mais para si mesmo, mas para o Senhor e a edificação da igreja. O incrédulo, por outro lado, vive somente para si e busca tirar o maior proveito desta vida. Os seus valores, portanto, entram em choque com os valores do cristão, obrigando um a ceder ao outro para poderem andar juntos. Leia II Co.6:14-18.

### H) Mas não é possível levar o namorado incrédulo, ou namorada, a Cristo?

A experiência tem demonstrado que, para cada caso em que o namorado ou namorada se converte, há nove casos em que o namorado ou namorada incrédulo leva o cristão para o mundo. A razão disso é que, num relacionamento de namoro, emoções e instintos estão envolvidos e a tendência é de querermos agradar o outro. Ora, é muito mais fácil nos adaptarmos ao mundo do incrédulo do que ele ao nosso. Leia Ne.13:23-26 e I Rs.11:1-8.

## 4. O padrão do namoro cristão

Vivemos numa sociedade que tem deturpado as verdades de Deus. É fácil ser moldado pelo sistema de valores deste mundo e até aceitá-lo integralmente. No entanto, como filhos de Deus e discípulos de Jesus, precisamos estabelecer um sistema de valores baseado na Palavra de Deus. *“Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”* (Rm.12:2).

A nossa tendência como cristãos é fazer distinção entre o sagrado e o secular. Por exemplo, muitos jovens pensam que ir à reunião da igreja é uma atividade espiritual, mas nunca pensaram que conversar com sua namorada ou namorado ou comer uma pizza juntos seja atividade espiritual. Todavia, Paulo deixa claro que:

“Quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.” (I Co.10:31).

O padrão de namoro na nossa sociedade coloca em ordem de importância primeiramente o aspecto físico, a seguir, o psicológico e, por último, o espiritual. O padrão de namoro segundo os princípios de Deus, porém, é o inverso. Quando, no namoro, a intimidade física se desenvolve antes da intimidade espiritual, os desejos sexuais se tornam mais fortes do que os desejos espirituais. Os pensamentos, vontades e emoções são daí controlados por estes impulsos.

O namoro pode ser para o cristão um tempo de grande crescimento espiritual. Junto, o casal poderá buscar o Senhor e ajudar um ao outro a amadurecer na fé, orando, lendo a Bíblia e testemunhando de Jesus. Mas se o relacionamento for físico, não há diálogo e, portanto, meios para o relacionamento crescer.

## 5. Até onde podemos ir no relacionamento físico?

O ato sexual aos olhos de Deus é uma aliança, exigindo, portanto, fidelidade e compromisso. Alias, o relacionamento sexual é tão sério para o Senhor que, na Lei de Moisés, um rapaz e uma moça pegos em fornicação (sexo entre solteiros) eram obrigados a casarem-se (Dt.22:28,29). Paulo explica por que:

*“Não sabeis que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne.” (I Co.6:16).*

Vivemos numa sociedade extremamente sensual e liberal. Isto faz com que o nosso discernimento entre o que é certo ou errado no contato físico fique cada vez mais difícil. As carícias, por sua vez, são como o pavio de uma bomba. Após passar por cada etapa, não há como voltar atrás, e a tendência é sempre ir mais longe até chegar à consumação do ato sexual. O certo, portanto, é nunca acender o pavio. Por estas considerações, somos da forte opinião de que não deve haver carícias durante o namoro e noivado.

No tocante a este assunto, Deus deixou aos namorados e noivos o texto de I Ts.4:3-8:

*“Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais de toda atividade sexual ilícita, que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo, em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus, e que, nesta matéria (ato sexual ilícito), ninguém ofenda nem defraude a seu irmão, porque o Senhor, contra todas estas cousas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador, porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e, sim, em santificação. Destarte, quem rejeita estas cousas não rejeita ao homem, e, sim, a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo.”*

A palavra grega que foi traduzida para “defraudar” literalmente significa “ir além”, “ultrapassar os limites”, isto é, ultrapassar os limites permissíveis pelo bom senso e pelas leis divinas. Defraudar no namoro ou noivado significa despertar desejos sexuais na vida um do outro que não podem ser satisfeitos dentro da vontade de Deus.

## 6. O papel do sexo segundo as Escrituras

Sexo, aos olhos de Deus, é o ato exterior que confirma a aliança de fidelidade e compromisso entre um homem e uma mulher.



*“Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une (ato sexual) à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. (Gn.2:24).*

Quando duas pessoas se unem pelo casamento elas se tornam uma só carne. Isto não é apenas uma figura de linguagem. Suas almas se tornam realmente fortemente ligadas. De fato, forma-se um laço de alma tão poderoso que, com o passar do tempo, elas acabam falando e agindo de forma semelhante. Por isso, o divórcio é particularmente tão devastador. As almas entrelaçadas têm de ser literalmente rasgadas para serem separadas.

Quando se ouve duas pessoas dizendo os votos matrimoniais, se está testemunhando uma aliança. Contudo, é no leito conjugal que ocorre o ato de se tornarem uma só carne. É neste momento que o laço de alma é estabelecido.

Sendo assim, o que acontece quando duas pessoas que não são casadas mantêm relações sexuais? Elas se tornam uma só carne, como no casamento; laços de alma são formados (I Co.6:16). Gênesis 34:1-8 nos oferece uma ilustração de como a relação sexual cria laços de alma. Quando Siquém forçou Diná a ter relações com ele a Bíblia diz que: *“sua alma se apegou a Diná”*. Apesar da desonra do estupro, suas almas haviam sido ligadas. Estes laços de alma podem ser tão fortes que se torna extremamente difícil romper o relacionamento.

Tão íntima é a experiência sexual que é capaz de transmitir pecados e até demônios (I Co.6:18; I Tm.5:22). Não é por acaso que muitas religiões pagãs do passado, e algumas ainda hoje, incluem o ato sexual nos seus cultos.

Para aqueles que foram promíscuos antes de conhecer Jesus ou que caíram no pecado de fornicação depois de convertidos é muito importante o arrependimento, a confissão, o pedido de perdão e quebra do vínculo de alma.

O sexo tem como finalidade:

- I. A procriação e preservação da espécie.

*“E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra.” (Gn.1:28);*

- II. Prazer e intimidade conjugal. A nossa sexualidade não visa a somente gerar filhos, mas também proporcionar prazer e intimidade no matrimônio.

*“Beba a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço. Derramar-se-iam por fora as tuas fontes, e pelas praças os ribeiros de águas? Seja bendito o teu manancial, e alegre-te com a mulher da tua mocidade, corça de amores e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias.” (Pv.5:15-19).*

## 7. A diferença entre amor e paixão

O mundo define o amor como um sentimento intenso de duas pessoas que se consideram certas uma para outra. Este sentimento, todavia, é a manifestação da paixão, e não do amor.

A paixão romântica é o impulso emocional do amor. É o nosso motor de arranque. Sem este impulso instintivo e biológico, não procuraríamos o nosso futuro cônjuge. É semelhante ao entusiasmo que nos leva a começar alguma coisa. Porém, como este, não podemos depender dela eternamente porque ela não dura. Ela se baseia num conhecimento superficial de uma outra pessoa e ainda não passou pelas provas de tempo e circunstância.

A paixão é um sentimento e, como qualquer outro sentimento, está vulnerável a estímulos externos. É interessante notar que a reação química do corpo ao medo é bem semelhante à da paixão: o coração bate mais forte, transpiramos e ficamos agitados por dentro. Estas mudanças fisiológicas são causadas por hormônios que são liberados pelo corpo perante certos estímulos. Não existe, portanto, o amor à primeira vista, mas sim a paixão à primeira vista.

O amor não é um mero sentimento, mas algo proposital. Eu tomo a decisão racional de amar a minha esposa, noiva ou namorada. Se o amor fosse um sentimento, ele não poderia ser um mandamento, pois não temos controle sobre os nossos sentimentos.

## 8. A finalidade do noivado

Em nossa cultura, o matrimônio é precedido de noivado, que é uma promessa recíproca de casamento entre duas pessoas desimpedidas. Este período de tempo serve para possibilitar que os noivos se preparem para o casamento pelo encaminhamento de documentos, planejamento da cerimônia e viagem de núpcias, da aquisição de moradia, bens móveis e enxoval.

O noivado não cria nenhum vínculo de parentesco, nem faz surgir impedimentos matrimoniais. No entanto, a atitude imprudente, tola ou malvada de noivar, despertando a confiança de um próximo matrimônio a tal ponto que uma pessoa realize despesas com vista a este fim e de retirar-se depois sem motivo plausível, caracteriza uma atitude irresponsável e culposa perante o Senhor. Daí por que só se deve noivar quando se tem certeza de que encontrou a pessoa com quem quer passar o resto da vida.

## LIÇÃO 6 - O PROPÓSITO ETERNO

*“Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Rm.8:29).*

### 1. Definição

Na sua carta aos Efésios, Paulo nos revela uma verdade tremenda e revolucionária para os nossos dias, a saber, Deus tem um “eterno propósito” com a humanidade (Ef.3:11).

E qual é este “propósito”? Segundo Romanos 8:28,29 é ter uma família de muitos filhos semelhantes ao Seu Filho, Jesus.

Este propósito é “eterno” porque desde a eternidade passada esteve no coração do Pai constituir uma família de muitos filhos com a qual poderia compartilhar a Sua glória (Ef.1:4,5,12).

### 2. Finalidade

No texto de Efésios 1:12, aprendemos que Deus nos incluiu na Sua Família “a fim de sermos para louvor da sua glória”. Aqui está a verdadeira finalidade do propósito eterno, a saber, para que Deus seja glorificado.

No entanto, o cristianismo moderno tem se preocupado mais com o homem e suas necessidades do que com Deus e Sua glória. O eterno propósito tem se confundido com a própria redenção. O tema predominante tem sido:

- I. A queda do homem e sua salvação;
- II. Suas várias necessidades e a provisão de Deus para supri-las. Com isso, o cristianismo tornou-se antropocêntrico (centralizado no homem) em vez de teocêntrico (centralizado em Deus).

Todavia, o propósito eterno não visa às necessidades do homem, mas, sim, à glória de Deus.

Sabemos que a Igreja deve ser a precursora do Reino de Deus, pois a Igreja existe para o Reino. Todavia, num sentido mais restrito, a razão de ser da Igreja é trazer glória a Deus (Ef.1:12; 3:21; I Co.10:31; I Pe.4:11). Portanto, toda a sua teologia (aquilo que se ensina) bem como a sua eclesiologia (estrutura de governo) deverá orientá-la para glorificar a Deus.

### 3. A questão do pecado e da queda

Neste momento surgem duas perguntas muito importante:

- I. O pecado e a queda do homem fazem parte do propósito eterno?
- II. O pecado e a queda frustraram o propósito eterno?

Quanto à primeira pergunta, a resposta é **não**. O que aconteceu com a humanidade foi um desvio do propósito eterno. Como está escrito: “Pois todos pecaram e estão aquém da glória de Deus.” (Rm.3:23).

Quanto à segunda pergunta a resposta também é **não** porque por meio da redenção Deus corrigiu o desvio provocado pelo pecado. E aqui podemos constatar outra importante verdade: A redenção não é o grande alvo de Deus, mas o grande meio pelo qual o Seu propósito é restaurado na vida do homem. “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.” (II Co.5:19).

### 4. Sua importância

Por que é importante conhecermos o propósito eterno de Deus? Porque as *metas* ou *alvos* que um homem estabelece para si acabam orientando cada aspecto de sua vida (família, estudos, trabalho, tempo, decisões, etc.).

Se o propósito eterno de Deus é apenas “a salvação do homem”, então nós, os cristãos, já a alcançamos por meio da morte expiatória de Jesus na cruz. Não há mais nada a fazer, senão morrer e ir para o céu. As nossas metas girarão em torno das questões desta vida, pois, quanto ao Reino e à vida cristã, não há mais nada o que fazer senão frequentar a igreja e participar dos seus programas.

Mas, se o eterno propósito é “ter uma família de muitos filhos semelhantes a Jesus”, então ainda resta para cada cristão um processo de santificação, pois é por meio da santificação que somos transformados a imagem de Jesus. A nossa meta será ser como Jesus e todos os aspectos de nossas vidas girarão em torno disto (I Co.9:25,26; II Co.3:18; 5:15; I Jo.2:6).

### 5. A adoção de filhos

Quando Paulo, em Efésios 1:5, fala em “adoção de filhos”, a palavra “adoção” não tem o mesmo significado que tem hoje. Para nós “adotar” significa aceitar, voluntariamente, como filho uma pessoa com o qual não temos nenhum parentesco natural. No entanto, quando Paulo fala em adoção, ele está-se referindo à cerimônia greco-romana chamada de *huióthesis* (*huios*, filho, *thesis*, adoção) que ocorria quando um filho, ao atingir a maior idade, era apresentado formalmente à comunidade como legítimo herdeiro. A partir deste dia, o filho era

considerado adulto e passava a ter responsabilidade na administração dos bens da família.

O apóstolo faz menção desta prática em Gálatas 4:1,2, quando ele a usa como analogia para comparar a Lei de Moisés com a fé no Evangelho.

*“Digo, pois, que durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que seja ele senhor de tudo. Mas está sob tutores e curadores até ao tempo predeterminado pelo pai. Assim também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.”*

Qual o significado, então, de “adoção de filhos” no propósito eterno de Deus? Significa chegar à maturidade cristã, isto é, “ao pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.” (Ef.4:13). Esta deve ser a meta de todo filho de Deus, a saber, a maturidade espiritual, pois Deus não nos destinou para sermos somente filhos, mas para sermos filhos semelhantes a Jesus:

*“para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” (Ef.4:14,15).*

## 6. Os termos “huiós” e “teknon”

No grego, há dois termos para descrever a filiação: *teknon* que se referia ao filho de menoridade e *huiós*, que era o filho de maioridade. Quando o filho *teknon* se tornava filho *huiós* ocorria a cerimônia do *huióthesia* (adoção de filho).

- I. O nascimento fazia da criança um filho *teknon*;
- II. A adoção colocava-o na posição de filho *huiós*;
- III. Entre o nascimento e a adoção havia desenvolvimento, educação e disciplina.

Todos, ao se converterem, tornam-se filhos *teknon* porque “a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos (*teknon*) de Deus; a saber: aos que creem no seu nome.” (Jo.1:12). Alias, “o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos (*teknon*) de Deus.” (Rm.8:16). Todavia, somente o filho *huiós* realmente conhece o Espírito Santo “pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos (*huiós*) de Deus.” (Rm.8:14).

Ser um filho “*huiós*” é infinitamente superior a ser apenas um filho “*teknon*”. Um filho “*teknon*” é nascido de Deus, mas ainda é criança na fé. Ele tem a natureza de

Deus, mas não o seu caráter e, por isso, é carnal (I Co.3:1,2). O filho “*huiós*”, por outro lado, é guiado pelo Espírito Santo e possui a natureza e o caráter de Deus, que é o fruto do Espírito (Gl.5:16,22,23). Por isso, nunca é demais dizer que a nossa meta não deve ser apenas a filiação, mas a maturidade, que nos faz semelhantes a Cristo.

A maturidade cristã envolve:

- I. Tempo (Hb.5:12);
- II. Crescimento no conhecimento das Escrituras (v.13);
- III. Aplicação das Escrituras em nossas vidas (v.14).

Envolve também certas disciplinas espirituais:

- I. Serviço aos irmãos e à comunidade (Mt.6:1-4);
- II. Oração Diária (Mt.6:5-8);
- III. Jejum Semanal (Mt.6:17,18);
- IV. Vida de Santidade - moralidade (I Ts.4:1-8);
- V. Vida de Retidão – honestidade (Ef.4:17-32);
- VI. Exercício dos nossos dons (Rm.12:3-8);
- VII. Prática da generosidade (II Co.8:11-15; 9:5-14).

## LIÇÃO 7 - O EVANGELHO DO REINO

*“Ele, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado.” (Lc.4:43)*

### 1. Introdução

Nós que passamos pela experiência do novo nascimento fomos libertos do domínio (reinado) de Satanás. Estamos agora sob uma autoridade totalmente nova – a do Senhor Jesus (Cl.1:13,14). À medida que o crente começa a crescer em sua nova vida com Deus, ele descobre que a única maneira de usufruir de todos os seus benefícios é através de um correto relacionamento com Jesus. Bem no início da vida cristã este relacionamento assume duas formas distintas:

**Jesus como Salvador.** Este é o primeiro relacionamento que é possível termos com Jesus. Não podemos conhecer a Deus na qualidade de Pai até que primeiramente tenhamos tido uma revelação de Jesus como Salvador – aquele que morreu por nós e nos resgatou do reino de Satanás (I Tm.2:5,6).

**Jesus como Senhor.** O nosso conhecimento de Jesus como Salvador nos introduz no Reino de Deus, porém não é aí que o nosso relacionamento com Ele termina. Uma vez que estamos dentro do Seu Reino, este relacionamento assume dramáticas e novas mudanças. Agora O conhecemos, não meramente como Salvador, mas também como Senhor (Cl.2:6,7). Na qualidade de membros do Reino de Deus, entramos num relacionamento com Ele de súditos.

### 2. O evangelho que Jesus pregava

A palavra “evangelho” é uma transliteração do vocábulo grego *euangélion*, que quer dizer “boas novas”. Na Bíblia, este termo se refere às boas novas de que o reinado de Deus está sendo restabelecido sobre a terra. Este é o Evangelho que Jesus pregava (Lc.4:43; 8:1). A maioria de suas parábolas era a respeito deste reino. Veja o capítulo 13 de Mateus.

Segundo Jesus, os requisitos para se entrar no Reino de Deus são: arrependimento (Mt. 4:12,17); fé (Mc.1:14,15); batismo nas águas (Mc.16:15,16) e uma vida de retidão (Mt.5:20). Nisto consiste o novo nascimento (Jo.3:3).

É importante destacar que as expressões: “Evangelho do Reino de Deus” e “Evangelho do Reino dos Céus” são sinônimas.

### 3. O evangelho que a igreja primitiva pregava

A Igreja Primitiva também pregava o Evangelho do Reino (At.8:12; 28:30,31). Na sua proclamação anunciava claramente o Senhorio de Jesus. O título “Senhor Jesus Cristo” aparecia regularmente em suas pregações e ensinamentos. Para eles Deus havia feito de Jesus a autoridade máxima sobre todas as coisas.

Evangelho do Reino, portanto, enfatiza a Soberania e Senhorio de Cristo Jesus sobre toda a criação. Por isso, podemos dizer que é um Evangelho **crístocêntrico** (centralizado em Cristo). Pedro confirma isto ao escrever: “Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração ...” (I Pe.3:15)

### 4. O evangelho que é pregado hoje

Nos séculos mais recentes, entretanto, temos ouvido falar de um outro Evangelho, um Evangelho cujo centro é o homem, um evangelho **antropocêntrico** (centralizado no homem). É um Evangelho voltado para o “eu”, que alimenta a cobiça e o egoísmo. Costuma-se, por exemplo, dizer às pessoas: “Se vocês “aceitarem” a Jesus (já se começou mal, pois não somos nós que o aceitamos, mas Ele que nos aceita), vocês terão alegria, paz, saúde e prosperidade”. Estamos, assim, apelando exclusivamente para os interesses humanos.

Este “Evangelho Humanista” tem gerado uma geração de convertidos que receberam a Cristo, porém não se renderam ao Seu Senhorio. São crentes que vivem apenas para si e veem no Evangelho nada mais do que uma fonte de bênçãos inesgotável somada a uma garantia de vida eterna.

### 5. Os dois reinos

Segundo as Escrituras, há dois reinos espirituais que lutam pela supremacia da terra e pelas almas dos homens: o **reino das trevas** e o **reino de Deus**.

*Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho amado (Cl.1:13).*

O que é um reino? É uma comunidade composta por duas classes de pessoas: O **rei**, que governa, e os **súditos**, que obedecem e se sujeitam a sua soberania. Se faltar qualquer um destes dois componentes, não haverá reino. Na multidão do povo está a glória do rei; mas na falta de povo, a ruína do príncipe (Pv.14:28).

O reino das trevas tem um rei, que é Satanás (Ef.2:1,2a). Os seus súditos são “os filhos da desobediência” (Ef.2:1,2b). O reino de Deus, igualmente, tem um rei que é Jesus, o Cristo (At.5:30,31). Os seus súditos são chamados de “filhos da obediência” (I Pe.1:14,15).



## 6. A origem dos dois reinos

Quando Adão e Eva **desobedeceram** a Deus, eles perderam o domínio que Deus lhes tinha dado sobre a terra (Sl.115:16; Lc.4:5-7). O Reino de Deus foi substituído pelo reino das trevas (Jo.14:30; 16:11).

Jesus veio para que, por meio da Sua **obediência** a Deus, ele restabelecesse o Reino de Deus sobre a terra (Jo.4:34; 5:30; 6:38; 12:31,32). O Reino de Deus, portanto, tem como fundamento e princípio a obediência a Deus e a Sua Palavra, enquanto o reino das trevas está fundado na rebeldia contra Deus. *Pecado* nada mais é do que sinônimo de desobediência.

Assim como Jesus veio para restaurar o Reino de Deus, a Igreja existe para consolidar este Reino pela sua submissão ao Senhorio de Cristo. A Igreja existe para o Reino e representa o Reino de Deus na terra (Ef.1:16-23).

A Igreja, ao tratar deste tema, tem considerado mais o aspecto escatológico do Reino, isto é, quanto à sua **consolidação** no futuro, por ocasião da segunda vinda de Jesus. No entanto, devemos também considerar a sua **expansão** no presente. O Reino de Deus começa com nossas vidas e cresce à medida que outros vão se convertendo ao Evangelho (Lc.17:20,21).

No final dos tempos, quando Jesus tiver posto todos os inimigos debaixo de seus pés e todas as coisas lhe estiverem sujeitas, entregará o reino ao Deus-Pai para que Ele seja tudo em todos (I Co.15:24-28).

## 7. Jesus como senhor do reino

A palavra “senhor” (*kyrios*, no grego) não tem hoje o mesmo significado que tinha nos dias de Jesus. Naquela época, significava “autoridade máxima”, isto é, aquele que está acima de todos (soberano). Daí por que, no Império Romano, apenas César era Senhor. Todos os súditos do Império deveriam confessar que “César era Senhor” (*ave César*). Era assim que os cidadãos romanos se saudavam.

Os cristãos, com isso, começaram a enfrentar um grande problema. Sempre que alguém os saudava com as palavras: “César é o Senhor”, eles respondiam: “Não, Jesus Cristo é o Senhor”. Isto às vezes lhes custava a liberdade, quando não os sentenciava à morte.

Nas nossas pregações, enfatizamos que Jesus é nosso salvador. E está certo (II Pe.1:11; 2:20; 3:18). Porém, não era este o título com o qual os apóstolos anunciavam a Jesus Cristo. Em todas as suas epístolas, Paulo menciona poucas vezes Jesus como Salvador. Ele usa este título mais para Deus-Pai (I Tm.1:1; 2:3; Tt.1:3; 2:10; 3:4), mas a palavra *kyrios* (senhor, no grego) ele usa mais de 300 vezes ao se referir a Jesus. Por exemplo, em II Coríntios 4:5, Paulo escreve:

*“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como **Senhor**, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus.”*

Leia também I Co.8:6:

*“todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele.”*

O Evangelho Humanista proclama que a condição para um pecador ser salvo é aceitar a Jesus como seu suficiente **Salvador**. Todavia, em nenhum lugar a Bíblia diz que quem recebe a Cristo como seu Salvador será salvo, senão que a condição indispensável para a salvação é reconhecer Jesus como **Senhor**. Se você confessar com a sua boca “que Jesus é Senhor” [aspas nossas] e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo (Rm.10:9).

No Reino Unido da Grã-Bretanha os súditos da rainha dizem dela: “Ela reina, mas não governa”. É que, para os ingleses, a rainha não passa de uma figura decorativa. Ela, na verdade, não é a autoridade máxima. Existem um primeiro ministro e as Câmaras dos Lordes e dos Comuns, e são eles quem realmente governam.

Para aqueles que dizem em seus corações que “Jesus reina, mas não governa”, fica a advertência de Mateus 7:21-23, pois não são as obras e o serviço que honram a Deus, mas um coração submisso ao senhorio de Cristo.

## LIÇÃO 8 - RECONHECENDO A SOBERANIA DE DEUS

*“Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?” (Pv.20:24)*

### 1. O homem tem uma visão temporal das coisas

Procuramos entender os acontecimentos do presente olhando para trás, para a história e para a nossa experiência. Todavia, isto não nos garante uma interpretação correta do que Deus está fazendo no presente (Is.55:8,9).

Quando olhamos para o futuro, podemos fazer planos e especular, porém nunca poderemos ter certeza do dia de amanhã porque “o coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos.” (Pv.16:9).

### 2. A soberania de Deus se baseia numa visão eterna das coisas

Para Deus não existe passado nem futuro, mas apenas o presente. Deus habita no eterno e, por isso, o tempo lhe é irrelevante.

*“Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer; que, para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.” (II Pe.3:8)*

Para Deus, a história da humanidade é como um livro ou uma fita de vídeo que Ele pode manusear como quiser, indo e voltando no tempo. A morte de Jesus na cruz, por exemplo, não é um fato histórico, mas algo presente que Deus revive a todo o momento.

Não estando limitado pelo temporal, Deus é capaz de enxergar o passado, o presente e o futuro ao mesmo tempo. Por isso, a Bíblia diz que Ele nos escolheu antes da fundação do mundo (Ef.1:4,5) e que Jesus é o cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap.13:8). Outros exemplos são os livros de Daniel e Apocalipse que falam do futuro como se fosse o presente.

### 3. Um jogo de quebra-cabeças

A nossa vida é como um jogo de quebra-cabeças sem a gravura daquilo que devemos montar. Onde está a gravura? Está com Deus! Daí a nossa dependência dele. Por isso, a Bíblia diz:

*“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” (Pv.3:5,6).*

Entramos em conflito quando tentamos entender o que Deus está fazendo, usando a nossa visão temporal, pois é parcial e não nos permite contemplar o todo. Veja a vida de José. Aos 17 anos de idade foi vendido ao Egito; durante 3 anos foi escravo na casa de Potifar; passou 10 anos por trás das grades por um crime que não cometeu (Sl.105:17-19); aos 30 anos tornou-se governador do Egito. Tudo isto para que no tempo devido pudesse socorrer a sua família da grande seca (Gn.45:4-8; 50:20).

É extremamente interessante observarmos que a Bíblia diz: “Deus enviou a José como escravo ao Egito para salvar o Seu povo da fome.” (Sl.105:17). Não foram os irmãos de José que o venderam como escravo aos midianitas? Sim, esta é a história do ponto de vista dos homens. Mas do ponto de vista de Deus, o Senhor estava fazendo com que todas as coisas contribuíssem para o bem de José e da sua família. Se ao menos pudéssemos compreender isto, que quando as tribulações e injustiças surgem em nossas vidas, Deus está no controle, seríamos o povo mais feliz da terra.

Fixar a nossa atenção nos problemas do momento é como fixar a nossa atenção numa única estrela numa noite estrelada. Uma ilusão de óptica faz com que as demais estrelas aparentemente desapareçam. Quando fazemos isso, esquecemos das vitórias do passado e não lembramos das promessas de Deus para o amanhã.

Precisamos aprender a confiar em Deus e a crer na Sua promessa de que tudo coopera para o bem daqueles que o amam (Rm.8:28).

#### **4. A soberania de Deus em nossas vidas**

É necessário mudarmos a nossa maneira de ver os acontecimentos em nossas vidas. Precisamos começar a ver a mão de Deus em tudo que nos acontece, pois está escrito:

*“Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda.” (Sl.139:16).*

Teu nascimento não foi um erro ou um infortúnio, e tua vida não é um acaso da natureza. Teus pais podem não tê-lo planejado, mas Deus certamente o fez. Ele não ficou nem um pouco surpreso com o teu nascimento. Aliás, ele o aguardava. Muito antes de ser concebido por teus pais, tu foste concebido na mente de Deus. Ele pensou em ti primeiro. Tu estás vivo porque Deus quis criar-te! (Ef.1:4,5).

Deus decidiu através de quem tu nascerias. Não importa se os teus pais foram bons, ruins ou ausentes. Deus sabia que esses dois indivíduos possuíam a constituição genética específica para te criar exatamente como ele tinha em mente. Eles tinham o DNA que Deus queria para formá-lo. Muitos filhos não foram planejados pelos pais, mas não são um imprevisto para Deus. O propósito de Deus levou em conta o erro humano e até mesmo o pecado.

Deus determinou cada pequeno detalhe do teu corpo. Ele deliberadamente escolheu a tua raça, a cor de tua pele, do teu cabelo e demais características físicas. Ele fez teu corpo sob medida, exatamente do jeito que queria. Ele também determinou os talentos naturais que tu possuirias e a singularidade de tua personalidade. (Sl.139:15).

Uma vez que Deus o fez por um motivo, ele também decidiu o momento de teu nascimento e teu tempo de vida. Ele planejou todos os dias de tua vida antecipadamente, escolhendo o momento exato de teu nascimento e de tua morte. Deus programou onde tu nascerias e onde viverias para o propósito dele. Tua raça e nacionalidade não são um mero acaso; Deus não deixou nenhum detalhe ao acaso. Ele planejou isso tudo para o Seu propósito (Sl.139:16).

## 5. Conclusão

Paulo escreve que a vontade de Deus é *“boa, agradável e perfeita.”* (Rm.12:1,2). Que ela é boa e perfeita, é indiscutível, quer concordemos ou não, pois está fora de nós e não depende de nós. Ela é boa e perfeita porque sempre visa ao nosso bem. Todavia, para que ela seja agradável, teremos de mudar a nossa maneira de pensar, pois se trata de um sentimento que reflete a nossa compreensão da soberania de Deus.

Precisamos adequar a nossa mente ao que é eterno e não ao que é temporal. Enfim, precisamos aprender a pensar em termos de gerações, pois fazemos parte de um projeto que começa em Gênesis e termina em Apocalipse (Hb.11:39,40).

Somente uma pessoa que compreende que Cristo reina sobre toda situação poderá pôr em prática I Tessalonicenses 5:18 e Filipenses 4:6,7.

## LIÇÃO 9 - O MOTIVO DAS TRIBULAÇÕES

*“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.” (Jo.16:33)*

### 1.1. Introdução

Há hoje uma forte ênfase, em certos círculos religiosos, em insistir que a vida cristã é uma vida de alegria, saúde e prosperidade material. Para estes, estar salvo é um estado de graça permanente no qual todas as dificuldades são instantaneamente resolvidas e os milagres nunca cessam. Ainda que haja uma medida de verdade nesta teologia, precisamos ver este ensino na sua devida perspectiva, pois representa somente um lado da moeda. O outro lado diz respeito à correção, à descentralização do “eu”, ao nosso aperfeiçoamento e transformação a imagem de Jesus e a guerra espiritual, os quais exigem coragem, sacrifício e autodisciplina.

No original grego, a palavra traduzida por “tribulação” é *thlipsis* e significa “sofrer pressão”. Tribulação, portanto, é qualquer situação de pressão que causa sofrimento ou angústia.

Em um mundo decaído, o sofrimento é universal. Jesus mesmo disse: “No mundo tereis aflição.” (Jo.16:33). Paulo também avisou: “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus.” (At.14:22).

Todavia, o sofrimento na vida do cristão não está destituído de propósito, pois “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Rm.8:28).

### 2. A finalidade da tribulação

Alexander Maclaren escreveu que toda tribulação traz consigo uma mensagem do coração de Deus. De fato, para o cristão, a tribulação sempre tem uma das seguintes finalidades:

#### A) Aflição como meio de correção

Deus, como Pai, muitas vezes precisa nos disciplinar para que não percamos a salvação. Quem de nós não conhece pessoas de formação cristã que andaram longe de Deus e foram trazidas de volta por meio do sofrimento? De fato, parece que poucos buscam um andar mais profundo com Deus, a não ser sob a pressão da provação (Dt.8:5; Pv.3:12; I Co.11:28-32; Hb.12:6-11; Ap.3:19). Israel é um exemplo disso. Na prosperidade, a nação abandonava o Senhor para seguir outros deuses. Somente pelo castigo eram constrangidos a se arrependerem e voltarem para Deus (Jz.2:11-19). A experiência do salmista ilustra esta verdade muito bem:

*“Antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a tua palavra. Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos.”  
(Sl.119:67,71)*

## **B) Aflição como meio de descentralizar o “eu”**

A queda deixou a raça humana centralizada em si mesma. Esta centralização do “eu” (egocentrismo) tem dado origem a uma atitude interior de rebeldia e independência de Deus, sendo esta a principal causa de o homem estar longe do Senhor. Para Deus voltar a ser o centro, o homem precisa ser descentralizado (Lc.9:23,24). Esta descentralização, processo que começa na conversão e continua na santificação, só é possível por meio da tribulação. J.R. Miller escreveu: “Os homens são que não foram feridos, que não foram quebrantados são de pouco uso para Deus”.

É comum estarmos tão cheios de nós mesmos que sobra pouco espaço para que haja mais de Deus em nós. Precisamos morrer para muitas coisas, até mesmo para coisas que, em si mesmas, não constituem pecados, mas criam obstáculos a uma união maior com Deus. A tribulação serve para este fim, pois conduz-nos a uma crucificação profunda do “eu”, até que estejamos mortos para nossas opiniões, ambições, reivindicações, preconceitos e arrogância espiritual.

Toda auto justificação revela um espírito não-quebrantado. Todo descontentamento e irritação com as circunstâncias adversas revelam uma vida ainda centralizada no “eu”. A pessoa que não permite que sua vida natural e seu ego sejam levados à cruz continuará orgulhosa e cheia de si, sem possibilidade de crescimento espiritual.

No entanto, quando permitimos que a nossa alma passe pela morte de cruz, entramos numa compreensão espiritual mais profunda das coisas de Deus, num estado de oração mais íntimo com o Pai e adotamos uma simplicidade de vida e de atitudes que se assemelham mais ao caráter de Jesus. Neste estado de morte do “eu”, o sofrimento, a tristeza e a dor são encarados com uma indiferença calma e doce, porque entendemos que fazem parte do processo de santificação (Fl.4:11-13).

## **C) Aflição como meio de aperfeiçoamento**

Além de colocar Deus de volta no trono da nossa vida, a aflição resulta em caráter (Rm.5:3,4; Tg.1:2-3). Não há como formar nos homens um caráter semelhante ao de Cristo sem sofrimento, porque não há outra forma de purificá-lo e aperfeiçoá-lo. Este processo, chamado de “provação”, é semelhante à técnica de purificação do ouro pelo fogo (Pv.17:3). Dizem que quanto mais quente for o fogo, tanto mais puro sairá o ouro.

Um fato interessante é que se precisa de uma tonelada de minério para produzir apenas alguns gramas de ouro. Conosco não é diferente. O que chamamos de fé, na verdade, não passa de presunção – uma tonelada de presunção para alguns gramas de fé. É pelas chamas da aflição que o Senhor testa a nossa obediência e

confiança nele, pois é fácil seguir a Jesus quando tudo vai bem. Mas é nas circunstâncias difíceis da vida que vem à tona o quanto Jesus é realmente Senhor do nosso viver (II Cr.32:31). Estas provações revelam o nosso verdadeiro estado espiritual, e, ao final, produzem em nós uma fé pura e autêntica nele (Tg.1:2-4; I Pe.1:6-9).

#### **D) Aflição como meio de adquirir experiência**

É sabido que o homem cresce com a experiência. Por isso, a nossa maturidade espiritual depende, em grande parte, das lutas e provações pelas quais passamos, pois não somente o nosso caráter é tratado, mas a própria experiência traz esperança, isto é, aprendemos, por meio das sucessivas lutas e vitórias, a confiar em Deus (Rm.5:3-5; II Co.1:3,4). Davi não temeu enfrentar Golias porque já tinha enfrentado um urso e um leão, e vencido (I Sm.17:31-36).

### **3. Quando a tribulação não vem de Deus**

Às vezes, as tribulações são resultado de guerra espiritual. Paulo nos ensina que a nossa luta não é contra carne nem sangue, mas contra seres espirituais do mal (Ef.6:11-13). Esta guerra é pelas almas dos homens (Cl.1:13,14; II Co.4:3-4). São frequentes as retaliações por parte do inimigo na tentativa de nos amedrontar, cansar e desanimar. Mas a Bíblia nos diz que “maior é o que está em nós do que aquele que está no mundo.” (I Jo.4:4). Vide também Lc.10:19; II Jo.5:18.

Outras vezes, é fruto daquilo que plantamos. O perdão dos pecados nem sempre traz consigo o alívio das consequências do pecado. A Bíblia adverte:

*“Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.” (Gl.6:7).*

Portanto, a nossa tribulação pode ser consequência de algum pecado, de um ato impensado, da falta de disciplina, irresponsabilidade ou descuido com a saúde (Jó 4:8; Pv.11:18; Pv.22:8; Os.8:7; 10:12). Ora, tanto faz a pessoa conhecer as leis da Física ou não, de acreditar nelas ou não; se ela violar a lei da gravidade, vai se machucar. Da mesma forma, se não respeitarmos as leis espirituais de Deus, sofreremos as consequências dos nossos atos.

A mentalidade secular tem levado as pessoas a pensar erroneamente que não elas, mas seus pais ou então a sociedade são os responsáveis pelas suas dificuldades e fracassos. Todavia, a Bíblia ensina claramente de que todo indivíduo é pessoalmente responsável por seus pensamentos, atitudes e ações.

A boa notícia, todavia, é que Deus é poderoso para restaurar a sorte de todo aquele que realmente se arrepende e procura viver segundo os princípios da Sua Palavra.



*“Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador, o meu grande exército que enviei contra vós outros.” (Joel 2:25)*

#### 4. Conclusão

É fácil seguir a Jesus Cristo quando tudo vai bem, mas é nas circunstâncias difíceis da vida que vem à tona o quanto Jesus é realmente Senhor do nosso viver. À medida que aprendemos a reagir a Deus, às pessoas e às circunstâncias da mesma forma como Jesus reagiria, tornar-nos-emos mais semelhantes a Ele. São, portanto, duas as nossas alternativas quando em tribulação:

- I. Se eu reajo a uma certa situação baseada na minha maneira de pensar ou de sentir, daí resultam conflitos;
- II. Se eu reajo à situação do ponto de vista de Deus, o resultado é uma conformidade à imagem de Jesus Cristo.

## LIÇÃO 10 - DISCERNINDO ENTRE O CERTO E O ERRADO

*“Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.” (Hb.5:14)*

### 1. Introdução

Fazer a coisa certa nem sempre é fácil, mesmo entre os crentes. A força da sociedade sutilmente nos levou a novas definições de honestidade, moralidade e ética. Princípios do certo e do errado desapareceram e foram substituídos por um relativismo que permite tudo, deixando-nos a mercê de escolhas moralmente questionáveis, que levam a consequências devastadoras para nós, nossas famílias e a sociedade.

Por isso, hoje, mais do que nunca, precisamos examinar nossa caminhada cristã. Se percebermos que o espírito deste mundo e a tolerância com o pecado tem se infiltrado em nosso caminhar cristão, precisamos nos arrepender, abandonar o mal e buscar ao Senhor com todo o nosso coração.

Para isso, precisamos saber discernir entre o que é certo e o que é errado, mas isso nem sempre é tão fácil assim.

### 2. No preto e no branco

Há certas práticas as quais não temos dificuldade em determinar se são certas ou erradas, pois a Bíblia é bem clara a respeito. Por exemplo, sabemos que um cristão não deve namorar ou casar-se com uma pessoa incrédula porque a incompatibilidade religiosa trará divisão no relacionamento e no lar (Ne.13:23-26; II Co.6:14).

Por outro lado, confrontamo-nos com vários dilemas de honestidade e moralidade no nosso cotidiano sem uma resposta direta e clara nas Escrituras para nos orientar. Por causa desta incerteza, muitos crentes tomam decisões, nestas áreas cinzentas, baseados nos padrões do mundo secular.

Como pode o crente tomar decisões honestas e morais em áreas onde a sociedade eliminou todas as restrições?

Deus utiliza quatro meios básicos para nos orientar:

#### A) Bíblia

A Bíblia fornece a fonte principal de orientação a todo crente. Como está escrito:

“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (II Tm.3:16)

## B) O Espírito Santo

Antes de Jesus Cristo retornar aos céus, Ele prometeu aos seus discípulos que mandaria o Espírito Santo para viver neles e ensinar-lhes toda a verdade. Isso inclui questões situadas nesta zona cinzenta.

*“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (João 14 : 26).*

## C) Outros Irmãos

Deus usa outros irmãos para nos ajudar a descobrir a sua vontade. A experiência e o conhecimento vêm com o tempo. Ninguém nasce sabendo. Por isto, um amigo crente mais maduro pode, muitas vezes, ver nossa situação ou dilema mais objetivamente do que nós mesmos e, assim, nos ajudar (Pv.11:14; 12:15; 13:10).

## D) A Consciência

A consciência é frequentemente mencionada nas Escrituras. Paulo declarou: “Por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa diante de Deus e dos homens.” (At.24:16). A consciência é aquela faculdade inata no homem que lhe possibilita estabelecer julgamentos éticos e morais.

Todavia, devemos cuidar com a consciência fraca e com a consciência cauterizada. Ambas são consciências enfermas e não servem como guia.

- I. A consciência fraca normalmente aparece entre os novos na fé e os legalistas. Para estes últimos, tudo é pecado. Neste caso, a pessoa acaba carregando um pesado fardo de culpa para onde vai (I Co.8:7).
- II. A consciência cauterizada é um perigo que os que têm mais tempo de fé e os liberais correm. Para estes últimos, tudo é lícito. Neste caso, por causa da falta de temor acabamos dando lugar à carne e ao pecado. Se um determinado pecado se repetir certo número de vezes sem que haja arrependimento, acaba parecendo certo. A consciência fica cauterizada. Aquilo que era errado, agora parece certo (I Tm.4:2).

## 3. Educando a nossa consciência

Por ser a consciência insuficiente em si mesma para discernir todas as variáveis, temos que adotar certas medidas a fim de verificar seus apelos:

- I. Precisamos ler e estudar regularmente as Escrituras a fim de que o Espírito Santo possa usá-la para nos orientar;

- II. Devemos buscar o aconselhamento de um amigo crente maduro, se, em algum assunto, ainda não tivermos uma posição clara;
- III. Finalmente, devemos agir baseados na fé. Isto quer dizer que se numa determinada situação temos dúvida se algo seja certo ou errado, não devemos fazê-lo, pois

*“aquele que tem dúvidas, se come [ou outra coisa qualquer], está condenado, porque o que faz não provém da fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.” (Rm.14:23).*

#### 4. Obedecendo a nossa consciência

Para responder corretamente aos sinais de alerta da nossa consciência, talvez precisemos:

- I. Reparar algum mal ou injustiça que tenhamos praticado contra alguém;
- II. Confessar um pecado cometido;
- III. Parar de fazer algo que sabemos ser errado (murmurar p.ex.);
- IV. Começar a fazer algo que sabemos ser certo (ler a Bíblia p.ex.);
- V. Perdoar alguém por algum mal ou injustiça que nos tenha feito.

#### 5. Princípios gerais

Em conjunto com a Bíblia, o Espírito Santo, o conselho de irmãos mais velhos e a nossa consciência, existem princípios gerais nas Escrituras que também podem ajudar. Os princípios seguintes estão em forma de perguntas:

- I. Será que convém? (I Co.6:12a);
- II. Irá me escravizar? (I Co.6:12b);
- III. Afetará o meu testemunho? (I Co.8:13);
- IV. Irá edificar? (I Co.10:23b);
- V. Glorificará a Deus? (I Co.10:31).

#### 6. Quanto a julgar uns aos outros

No capítulo 14 de Romanos, Paulo discute a atitude que os crentes devem ter uns com os outros no que diz respeito à zona cinzenta, isto é, quanto às coisas que não são claramente definidas como erradas:

- I. O conservador não deve julgar o liberal;
- II. O liberal não deve desprezar o conservador;
- III. O liberal, todavia, não deve usar a sua liberdade para escandalizar.

## LIÇÃO 11 - TENTAÇÃO

*“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará ser tentado acima do que podeis suportar, antes juntamente com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” (1 Co.10:12,13)*

### 1. Introdução

Qual é a principal estratégia do inimigo para levar as pessoas ao pecado? É uma palavra de oito letras: “Tentação”. Na maioria das vezes, uma tentação ou série de tentações estrategicamente posicionada é tudo o que Satanás precisa para derrubar uma pessoa que caminha em santidade.

“Tentar” é induzir, instigar, seduzir para o mal. O propósito primário de toda tentação é motivar o indivíduo a pecar. O inimigo usa o engano e a manipulação para nos motivar ao pecado. Todo pecado, portanto, é sempre precedido por uma tentação. Se você derrotar a tentação, não cometerá pecado!

### 2. A origem da tentação

Quando Tiago escreveu sobre a tentação (Tg.1:13-15) ele ensinou duas verdades muito importantes sobre ela. Primeiro que *“ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus.”* As pessoas detestam assumir a culpa pelos seus atos. É sempre mais fácil lançar a responsabilidade sobre outra pessoa (Gn.3:11-13). A culpa é como uma “batata quente” que a gente vai passando de mão em mão até não haver mais ninguém para quem passá-la, então culpamos a Deus. Segundo, *“cada um é tentado pela sua própria cobiça.”* A única razão por que a tentação é tão eficaz é que desperta em nós desejos ocultos que já estavam lá. Muitas vezes são desejos legítimos, dados por Deus, mas que somos induzidos a buscar sua satisfação fora dos padrões e limites estabelecidos na Bíblia.

Ainda aprendemos em Tiago que a tentação passa por quatro estágios:

#### A) Estágio 1 - “quando esta o atrai”:

A palavra “atrair”, é tradução de uma palavra grega usada na caça e na pesca. Lembra “isca” ou “armadilha”. A tentação jamais poderá tocá-lo sem primeiro “atrair” o teu olhar. Solução: recue imediatamente quando sentir que está sendo atraído.

#### B) Estágio 2 - “e seduz”:

Qual é o propósito de toda sedução? Aumentar o desejo, de forma que ele influencie nossos pensamentos e atitudes. O desejo cresce de uma pequena atração para uma vontade irresistível. A imaginação começa a brincar com a ideia

de praticar o ato proibido, a fantasiar. Segue, então, a tentativa de racionalizar e justificar o pecado. Solução: se a tentação é externa, fuja. Se for interna, pare com a conversa interior imediatamente. Quanto mais rápido tu extinguíres as chamas do desejo, mais rápido tu o controlarás.

#### **C) Estágio 3 - “Então a cobiça, depois de haver concebido”:**

Conceber, aqui, significa tomar a decisão de pecar. É neste momento que fazemos a nossa escolha, que tomamos a decisão de satisfazer o nosso desejo. Solução: decida não pecar com antecedência. Nunca se permita pensar numa boa razão para pecar, assim jamais tomarás a decisão de pecar.

#### **D) Estágio 4 - “Dá à luz o pecado”:**

Na maioria das vezes, depois que o indivíduo concebe o pecado, decidindo pecar, este é cometido rapidamente. Solução: aborte o pecado.

### **3. Quando a tentação é mais perigosa**

A tentação é mais perigosa quando achamos que não há perigo de cair (I Co.10:12). Quanto mais forte uma pessoa pensa ser, maior o perigo.

*“A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.” (Pv.16:18).*

Qual é, então, a ação correta em face da tentação? Vigilância (Mt.26:41). Devemos estar sempre atentos para as nossas fraquezas e depender do poder e graça de Deus para vencer toda tentação. Ore diariamente para que o Senhor o livre das tentações (Mt.6:13).

### **4. Toda tentação é resistível**

A maior mentira relacionada à tentação é que não conseguimos resistir. Paulo deixa bem claro que: “não veio sobre vós tentação que não fosse comum aos homens” (I Co.10:13).

Isto significa que as tentações não somente são comuns a todos os homens, mas que toda tentação que nos sobrevém está dentro da capacidade do homem comum de resistir.

Quando entendemos isto, a tentação perde grande parte da sua força. Por isto, nunca mais aceite esta mentira derrotista, porque no momento em que nutrires este pensamento, mesmo por um segundo, já comesças a escorregar em direção ao pecado. Seja qual for a tentação, sempre seremos capazes de suportá-la, sem ser forçado a pecar. Isto não quer dizer que será sempre fácil (Hb.12:3,4), apenas possível.

## 5. Nunca seremos tentados além das nossas forças

Os momentos em que mais somos tentados são aqueles em que achamos que Deus não está por perto. A Bíblia, porém, revela que o Senhor está sempre próximo, certificando-se de que teremos forças para suportar as tentações e não ceder a elas. “Deus é fiel, [o texto afirma], ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar”. (I Co.10:13b).

Portanto, em vez de nos sentirmos impotentes durante as tentações, temos o consolo de saber que o Senhor está ao nosso lado, no meio da batalha, assegurando que não estamos sendo forçados a nos submeter a nenhuma tentação além das nossas forças. Nosso Deus jamais permitirá que enfrentemos uma tentação que não tenhamos condições de resistir.

Deus limita a tentação aos limites da nossa força. Assim, se a nossa capacidade de resistir está reduzida, o Senhor limitará ainda mais as tentações. Qualquer que seja nossa capacidade de resistir, em determinado momento da nossa vida, é ela que define o limite que Deus estabelecerá sobre a tentação.

## 6. A tentação é acompanhada de livramento

De todas as revelações notáveis contidas em I Coríntios 10:13, nenhuma toca mais do que esta provisão divina: *“Mas quando forem tentados, ele mesmo lhes providenciará o escape, para que o possam suportar.”* (v.13c).

A primeira ação de Deus em face da tentação é a **limitação**: Ele não permite que sejamos tentados além da nossa capacidade de suportar. A segunda ação de Deus em face da tentação é a **provisão**: Ele providencia o meio de livramento para que possamos escapar da tentação sem pecar.

A rota de fuga é providenciada por Deus de forma sobrenatural para toda tentação natural. Deus intervém na tentação e providencia pessoalmente o escape.

Por isto, ninguém precisa cair em tentação. A desculpa de que a tentação é maior do que a nossa capacidade de resisti-la é uma mentira do inferno ou, então, uma desculpa da nossa carne. Portanto, “vigiai e orai, para que não entreis em tentação (...)” (Mt.26:41).

*“Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo.”* (Gn.4:7).

## LIÇÃO 12 - A CARNE, O DIABO E O MUNDO

*“Estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.” (Ef.2:1-3)*

### 1. Introdução

Todo crente luta, diariamente, pelo menos, contra três adversários que não dão tréguas: a carne, o diabo e o mundo. Para vencê-los é preciso saber quem somos em Cristo Jesus e o poder que temos na pessoa do Espírito Santo que habita em nós.

### 2. A carne

O primeiro inimigo que nos faz tropeçar e vive em combate acirrado contra a nossa santificação é a carne (*sarx*, no grego; *basar*, no hebraico). A Bíblia emprega este vocábulo para identificar nossa inclinação para o mal. Trata-se da natureza pecaminosa que herdamos de Adão e Eva (também conhecida como “velho homem” e “homem natural”).

O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é santo. Foi criado, portanto, para viver uma vida reta na Sua presença (Ec.7:29). O pecado, no entanto, corrompeu esta imagem. A natureza humana, agora contaminada, tornou-se escrava do pecado e, portanto, incapaz de agradar a Deus (Rm.8:6-8; I Co.2:14).

Após a conversão, tornamo-nos conscientes de um conflito interior que se intensifica na medida em que buscamos agradar a Deus (Rm.7:14-25). Passamos a conviver com duas forças antagônicas que lutam constantemente entre si: o Espírito Santo e a carne (Gl.5:17). Só será vitorioso neste conflito aquele que negar a si mesmo (Mt.16:24) e aprender a depender do Espírito Santo para mortificar a sua carne (Rm.6:3-6; Rm.8:12,13).

A boa notícia é que por meio do Seu Espírito o Senhor coloca em nós o Seu DNA (I Pe.1:23; II Pe.1:4; I Jo.3:9; Rm.8:1,2). Este DNA desencadeia um processo sobrenatural de transformação baseada na graça de Deus e a presença do Espírito Santo em nós. Mas no que estamos sendo transformados? Na imagem e semelhança de Jesus (II Co.3:18). Na medida em que vamos exercendo a nossa vontade para dizer não à carne e sim ao Espírito de Deus, a natureza pecaminosa vai dando lugar a natureza de Deus até que a Sua vontade seja natural para nós.



### 3. O Diabo

Nenhum crente convicto duvida de que haja um segundo inimigo do cristão, feroz como um leão faminto, à procura de alguém para devorar (I Pe.5:8). O seu nome é formado de uma transliteração do grego “*diabolos*” que significa “acusador”. Ele também é conhecido por “*Satanás*”, palavra hebraica que significa “adversário”. A oposição deste inimigo tem como finalidade estabelecer o seu próprio reino em detrimento do reino de Deus. Ele dispõe de um exército de anjos caídos, mais conhecidos como demônios, para esta finalidade (Ap.12:7; Ef.6:12).

- I. A influência do diabo no mundo (Ef.2:1,3). Satanás não tem interesse, pelo menos por enquanto, que os homens creiam na sua existência ou sua influência sobre o mundo. Ele procura convencer a todos que, tudo que acontece nesta vida é pura casualidade. Mas será isto verdade? As tragédias, as injustiças, as distorções sociais, a destruição das famílias, dos valores morais e da ética; a criminalidade, a violência, as drogas, as guerras, o terrorismo; o uso dos meios de comunicação (jornais, revistas, rádio, televisão e internet) e das artes (indústria cinematográfica, indústria musical, teatro, literatura e artes plásticas) para propagar e fazer apologia de tudo àquilo que é abominável para Deus; há milhares de seitas e falsos deuses que afastam o homem do verdadeiro Deus. Será tudo isto mera casualidade? Certamente que não (Rm.12:1,2)
- II. A oposição do diabo aos crentes (I Pe.5:8,9). É impossível passar despercebido o que acontece no mundo espiritual. Todo cristão é vítima de ataques constantes que ocorrem no nosso dia-a-dia. A família, os amigos, o trabalho, a igreja e tudo o que lhe diz respeito são alvos do bombardeio do inimigo e de seus asseclas. É preciso, urgentemente, acordar do sono da indiferença e da posição derrotista de que tudo é assim mesmo, conformando-se com uma vida medíocre, pobre, infeliz e fracassada. Só será vitorioso nesta batalha, quem utilizar as estratégias bíblicas ao seu dispor (Ef.6:10-18; II Co.10:3-5).

### 4. O mundo.

O terceiro e último inimigo que nos faz tropeçar é o mundo. A palavra “mundo”, no grego, é “*kosmos*” e no Novo Testamento se refere:

- I. Ao planeta terra (At.17:24);
- II. À raça humana separada de Deus (Jo.14:17);
- III. Às coisas terrenas, como bens, riquezas e prazeres (I Jo.2:15,16);
- IV. Ao sistema de valores alienado de Deus, que orienta o pensamento dos homens em oposição a Ele (II Pe.2:20).

É importante entendermos que o sistema deste mundo é resultado da influência da carne e do diabo sobre os corações dos homens.

- I. **Não somos deste mundo** (Jo.17:14,15; I Pe.2:11). Precisamos entender que não somos mais deste mundo. Ao entregarmos as nossas vidas para Jesus nascemos de novo e a presença do Espírito Santo em nós nos faz novas criaturas (Jo.3:3,5,6; II Co.5:17). Estamos aqui como embaixadores de outro mundo e é nossa responsabilidade representá-lo bem (II Co.5:20). Conformer-nos com este século é negar as nossas origens e a nossa missão (Rm.12:1,2). Por isto, precisamos de um coração peregrino (Hb.11:13-16; I Pe.2:11).
- II. **As aflições do mundo.** (Mt.13:20,21). O Senhor Jesus nos advertiu sobre as aflições que passaríamos no mundo (Jo.16:33a). As preocupações com o dia de amanhã, as pressões do trabalho e dos estudos, os problemas no lar e o corre-corre do dia-a-dia nos deixam estressados e até doentes. Muitos, pela grandeza de suas aflições, deixam-se dominar pelo desespero ao ponto de perderem toda a coragem para reagir. Outras são tomadas de tal maneira pelo medo que ficam paralisadas, perdendo toda a capacidade de ação. O segredo para vencer as aflições existentes no mundo é permanecer no Senhor Jesus, pois Ele venceu o mundo (Jo.16:33b). Na prática, permanecer Nele significa permitir que Ele faça parte de todas as áreas de nossas vidas através da oração acompanhada de fé e gratidão. Assim, teremos paz verdadeira, descanso para as nossas almas e ânimo redobrado para continuar (Fl.4:6,7; Mt.21:21,22).
- III. **Os cuidados do mundo** (Mt.13:22). O cristão não pode amar o mundo (Rm.12:2; Tg.4:4; I Jo.2:15-17). Como cidadãos do Reino de Deus, somos embaixadores em terra estrangeira e devemos representar nossa pátria com dignidade (Cl.1:13; Hb.11:13; I Pe.2:11,12; I Co.5:18-20). Postura, caráter e virtudes morais são atitudes fundamentais e indispensáveis nesta comissão. Por outro lado, fomos convocados e alistados nos batalhões que formam o exército do Senhor para uma guerra santa. Nossa missão é arrancar as almas das mãos do diabo através da evangelização e manifestar o Reino de Deus por meio de sinais e maravilhas (Jd.22-24; Mc.16:15-20).

## LIÇÃO 13 - A CONFISSÃO DE PECADOS

*“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.” (1 João 1:9)*

### 1. Introdução

Crescemos num mundo onde, desde cedo, aprendemos a representar, a fazer aquilo que esperam de nós para recebermos como recompensa a aprovação e a aceitação. Na verdade, tudo que esperamos neste mundo é aprovação e aceitação, e para tanto estamos dispostos a representar qualquer papel que nos traga estes benefícios. Por isso, preferimos esconder nossos pecados debaixo das nossas desculpas a sermos confrontados com a verdade do nosso caráter. É aí que a confissão se torna uma prática tão importante nos nossos dias.

### 2. A definição de confissão

Ser convertido é ser liberto da mentira, do falso e do sistema enganoso deste mundo. É ser conduzido para a verdade, para Aquele que traz a luz e a verdade: Jesus (Jo.1:4). Nossa conversão é descrita pelo apóstolo Paulo como a ação do Deus, que “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl.1:13).

Confissão, portanto, é o ato de buscar diante de Deus a verdade sobre nós mesmos (Sl.139:23,24). É o ato de desnudamento da alma e do coração diante de Deus e dos homens, não permitindo que qualquer área de nossas vidas fique encoberta. Assim, as trevas não terão mais lugar em nossas vidas. “Pois todo aquele que pratica o mal, aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras” (Jo.3:20)

Quando o pecador reconhece diante de Deus, da igreja e do próximo que tem andado nas trevas e amado mais a mentira do que a verdade, demonstra que a luz e a verdade, enfim, triunfaram sobre as trevas e a mentira. “Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.” (Jo.3:21).

### 3. A importância da confissão

Andar na luz não significa simplesmente fazer aquilo que considero moralmente correto e cristão, mas é expor a verdade sobre quem eu sou. Ora, Deus conhece nossa vida, nossos pensamentos, nossas atitudes. Não há lugar no mundo onde possamos pecar sem sermos vistos por Ele. Para onde fugir? Deus vê tudo o que fazemos (Sl.139:1-12).

Portanto, se há pecados ocultos em nossas vidas o remédio é simples: confissão. Confessar é expressar claramente em palavras a falta cometida. Não é pedir perdão; isso vem depois. Primeiro é preciso confessar, reconhecer verbalmente que se pecou e mostrar em que consiste esse pecado.

Uma confissão honesta é a melhor proteção contra qualquer forma de hipocrisia e ilusão. Muitas vezes, entretanto, somos tentados a esconder nossas deficiências, evitando expô-las publicamente, com o propósito de salvaguardar nossa imagem e preservar nosso testemunho cristão. Isto, no entanto, só causa transtornos espirituais, mentais e físicos.

A relação entre saúde emocional e pecados não confessados é bem mais profunda do que imaginamos. O rei Davi expressa esta realidade de forma dramática nos seus dois salmos confessionais (32 e 51). Ele afirma que enquanto manteve em silêncio sua alma, guardando como um segredo inviolável seu pecado, envelheceu, tornou-se um homem cansado, movido pelos gemidos que traziam seu passado à sua memória. Tristeza, insegurança, apatia e medo são alguns dos sintomas que ele descreve como consequência, não apenas dos seus pecados, mas do seu silêncio.

A virtude cristã mais recomendada para o ato do arrependimento e confissão é a da humildade. A verdadeira humildade é esta coragem de reconhecer o fato de que somos pecadores que necessitam do perdão de Deus (I Jo.1:8-10). Aceitar a realidade como ela é não significa concordar e se acomodar; mas só poderemos experimentar uma verdadeira e real transformação quando formos humildes perante Deus e os homens e confessarmos os nossos pecados.

De fato, a confissão e o andar na luz trazem os seus riscos, expõem nossa finitude e humanidade, nos tornam vulneráveis; mas também fazem de nós homens e mulheres mais humanos e mais livres, e conduzem-nos a relacionamentos mais autênticos e afetivos. Todo aquele que encobre a verdade e vive na ilusão torna-se incapaz de amar; buscará sempre o poder e o controle, mas nunca o amor.

A Bíblia é um livro que não apenas fala sobre a verdade, como também fala a verdade. Ela não esconde, sob o pretexto de preservar o “bom testemunho”, a verdade sobre seus personagens e heróis. As fraquezas e os pecados de Abraão, Moisés, Davi, Paulo, Pedro e muitos outros são ali expostos sem nenhuma censura; até mesmo os momentos de tentação e angústia pelos quais passou nosso Senhor Jesus Cristo foram registrados. O verdadeiro testemunho bíblico é o triunfo da verdade sobre a mentira.

#### **4. Confessando nossos pecados uns aos outros**

A vida cristã é para ser vivida com vitória e saúde espiritual. Somente o cristão que é verdadeiramente sadio vai se reproduzir espiritualmente no fruto do espírito e na multiplicação de discípulos. Ovelha sadia sempre dá cria. Mas para que haja saúde, tem que haver transparência.

No entanto, é comum acontecer de andarmos em vitória em muitas áreas das nossas vidas, mas existir uma ou outra que não conseguimos vencer. Não estou falando aqui de falsos irmãos que escolheram viver no pecado, mas de cristãos sinceros que querem vencer, mas que acabam sempre caindo na mesma tentação.

Para estes é importante entender que quando sinceramente pedem perdão a Deus, desejando nunca mais cair em pecado, Deus os perdoa (I Jo.1:9). Se praticarem o mesmo pecado mil vezes, e mil vezes se arrependerem de todo coração, Deus continuará a perdoá-los. Mas Deus não quer apenas nos perdoar, Ele quer nos libertar do poder do pecado (Rm.6:22).

Aí é que vem um grande princípio bíblico:

*"Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg.5:16).*

Em outras palavras, confessando o pecado a Deus somos perdoados; confessando-o a outros irmãos e recebendo oração, somos libertos. No início, para se abrir com outro irmão sobre nossos pecados é muito difícil. A gente se sente envergonhado, pois a imagem que queremos que todos tenham de nós é a de uma pessoa que faz tudo certo. É um grande quebrantamento para o ego.

É impossível prosperarmos espiritualmente, ministerialmente ou em qualquer outra área, com o grau de prosperidade que Deus gostaria de conceder, se não formos transparentes uns com os outros. Isso é muito sério. A transparência é um dos aspectos mais importantes na vida de quem busca crescer espiritualmente.

*"O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia." (Pv.28:13).*

É necessário confessar a Deus e aos irmãos. Abrir o coração para o pastor ou para o líder espiritual e pedir-lhes que orem pela libertação e vitória. A pessoa nunca deve se fechar ou ocultar o pecado. Todo aspecto da vida que permanece nas trevas é território de Satanás, a partir de onde ele pode operar destrutivamente em nossas vidas.

## LIÇÃO 14 - O TEMOR DE DEUS

*“Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (II Co.7:1)*

### 1. Introdução

Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, nos salvou e regenerou para uma nova vida em Cristo Jesus e convidou-nos para gozar de Sua intimidade, partilhar dos Seus segredos e nos tornar agentes na história da redenção. Mas há uma condição. Segundo Davi, há uma virtude espiritual necessária para podermos participar desta intimidade e também para representar o Reino de Deus aqui na terra. Trata-se do temor de Deus (Sl.25:14).

### 2. Definição de temor

A palavra “temor” (*yirah*, no hebraico; *phobos*, no grego) se refere basicamente à reação psicológica do medo. De todas as formas de emoção, o medo é a reação mais característica de sobrevivência. Ele faz qualquer animal fugir quando está diante de uma ameaça ou perigo, quer de um animal maior ou mais forte, ou de uma situação que ele sinta que possa ameaçar-lhe a vida (Gn.9:2; 32:11; Rm.13:3). É um temor natural e sadio, pois nos capacita a nos proteger.

Quando em excesso, no entanto, o medo se torna prejudicial, pois gera ansiedade e diferentes formas de fobias. Este temor crônico é resultado de um mundo hostil e cheio de incertezas. Ao depender apenas de si mesmo, o homem se sujeita a todas as formas de temor, pois sua vida está a mercê das incertezas da existência humana (Sl.55:3-5). Feliz é aquele que deposita a sua confiança em Deus, pois encontrará alívio para todos os seus temores (Sl.56:3; I Jo.4:18).

Mas, o temor não é apenas esta reação de espanto e pavor que nos toma quando nos vemos diante de uma ameaça ou perigo. É também um sentimento de reverência ou respeito que nos aproxima e nos torna mais íntimos de Deus (Is.8:13; Mt.10:28). Quando Davi afirmou que a intimidade do Senhor é para os que o temem, penso que ele tinha em mente este sentimento de admiração e respeito que o temor cria em nós.

### 3. A importância do temor do senhor

O temor de Deus precisa fazer parte da nossa experiência cristã (Fl.2:12). Não se trata de uma exigência apenas da lei. Ele também está presente na dispensação

da graça (At.2:42,43; 9:31; Hb.12:28,29). O mundo teme muitas coisas, mas não teme a Deus (Sl.36:1). A igreja precisa resgatar esta virtude espiritual se quiser cumprir o seu papel como agente na história da Redenção (II Co.5:11; Ap.14:6,7).

É imprescindível haver temor em nosso coração. Sem o temor de Deus, o senhorio de Cristo será somente de boca, nossa obediência será parcial e Sua autoridade será questionada. Em fim, sem temor não há santificação (II Co.7:1). Acontece, que o nosso coração é tão enganoso, nossa carne tão fraca, que só o amor por Deus não basta para nos afastar do pecado. Somente com o temor de Deus os homens se apartam do mal. (Pv.16:6).

Aquele que teme ao Senhor considera não somente a Sua bondade, mas também a Sua severidade (Rm.11:22). Há uma compreensão de que um dia todos terão que prestar contas dos seus atos (II Co.5:10,11). Este conhecimento da justiça e juízo de Deus (Sl.97:2) faz com que o homem receie desagradá-lo e esteja sempre disposto a obedecê-lo (I Pe.1:17).

O temor do Senhor não é compreendido com a mente, mas gravado em nossos corações (Jr.32:40). Ele é fruto de uma revelação da glória do Deus a quem servimos (Sl.89:6-17). Quanto maior for a nossa compreensão da grandeza de Deus, maior será a nossa capacidade para temê-lo ou reverenciá-lo.

O “temor” e o “amor” não se anulam; não são contrários. Amemos e temamos a Deus ao mesmo tempo (Dt.10:12,13). À medida que nos aproximamos Dele com reverência e respeito, Deus nos dará o privilégio de sentar no Seu conselho e conhecer os Seus segredos, além de nos conceder muitos outros benefícios (Pv.3:7,8; 10:27)

## LIÇÃO 15 - A BÍBLIA

*“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça.” (II Tm. 3:16)*

### 1. A necessidade de uma revelação de Deus e seu propósito

O Deus que criou o universo só pode ser um Deus sábio, e um Deus sábio certamente terá um propósito para suas criaturas. Mas como se verifica com certeza o propósito divino? De que fonte extrairemos a verdade acerca de Deus?

A **natureza** revela a existência, o poder e a sabedoria de Deus, mas não expõe o caminho da verdade.

*“Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.” (Rm.1:20).*

A história prova que os homens, pela **filosofia**, chegam a conclusões muito diversas, e muitos não chegam à conclusão nenhuma. Como está escrito:

*“O mundo não o conheceu pela sua própria filosofia.” (I Co.1:21).*

Sendo assim, as verdades que informam ao homem como passar da terra para o céu devem ser enviadas do céu para a terra na forma de uma revelação.

### 2. A escrita como o meio mais eficaz de preservar e transmitir esta revelação

É razoável que essa revelação estivesse em forma escrita. A memória e a tradição não merecem confiança. Os livros, todavia, representam o melhor meio de preservar a verdade em sua integridade e transmiti-la de geração a geração.

*“Agora vá, escreva isso numa tábuas para eles, registre-o num livro, para que nos dias vindouros seja um testemunho eterno.” (Is.30:8).*

É razoável, também, concluir que Deus inspirasse homens a preservarem esses manuscritos, influenciando a igreja a incluir no cânon sagrado (a Bíblia) somente aqueles que fossem divinamente inspirados.



*“Porque a profecia não foi antigamente produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram, inspirados pelo Espírito Santo”. (II Pe.1:20,21).*

*“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a correção, para a educação na justiça.” (II Tm.3:16)*

### 3. Fatos importantes sobre a Bíblia

A verdade mais importante sobre a Escritura é que toda ela **é inspirada por Deus**. Quem busca conhecer a vontade Deus precisa primeiramente acreditar nisso (II Tm.3:16).

A Bíblia é uma coleção de 66 livros, conhecidos como o *cânnon* (livros inspirados por Deus), dividida em duas partes: Antigo e Novo Testamentos. Os nomes Antigo e Novo Testamento focalizam as duas grandes alianças (pacto, contrato) feitas por Deus com o homem: a aliança mosaica, feita com os judeus (Ex.24:7,8) e a “nova aliança”, feita com todos aqueles que recebem Jesus como Senhor e Salvador de suas vidas (Jr.31:31-34).

O Antigo Testamento foi escrito em *hebraico* e *aramaico* e relata o trata de Deus com Israel antes do nascimento de Jesus. O Novo Testamento, por sua vez, foi escrito em grego e nos fala da vida e obra de Jesus, bem como da continuação do Seu ministério através da igreja.

Esta coleção (também chamada de Escrituras e Palavra de Deus) foi escrita durante um período de mais de 1600 anos por cerca de 40 autores diferentes. No entanto, é um só livro, com uma única mensagem e sem contradições naquilo que afirma.

A tradição judaica afirma que todos os livros do Antigo Testamento foram reunidos e reconhecidos sob a liderança de Esdras (456 - 444 a.C.). Os 27 livros do Novo Testamento foram coletados e formalmente reconhecidos pelo Concílio de Cartago em 397 d.C.

A primeira tradução da Bíblia foi a versão grega do Antigo Testamento chamada de *Septuaginta* (285-246 a. C.). Era a versão usada por Jesus e a igreja primitiva. Durante a Idade Média a Vulgata Latina se tornou a versão oficial da igreja. Após a reforma surgiu o desejo de traduzir a Bíblia nos idiomas nacionais para que o povo pudesse entendê-la. A versão alemã de Lutero foi a primeira a ser oficialmente adotada pelas igrejas luteranas alemãs e dali começaram a surgir traduções em diversas outras línguas europeias.

No final do século XVIII, sociedades bíblicas foram fundadas para servir o movimento missionário das igrejas. O objetivo destas sociedades era preparar e publicar cópias da Bíblia (ou partes dela) em tantas línguas quantas fossem possíveis. O número de versões que elas já prepararam e colocaram em circulação chega a centenas.

#### 4. Os livros apócrifos

Na Bíblia católica encontramos 12 livros a mais no Antigo Testamento, são os livros apócrifos (ocultos). A Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) os havia incluído no cânon do Antigo Testamento durante o Reinado de Ptolomeu Filadelfo, do Egito (285 – 246 d. C.). Estes livros, no entanto, jamais foram aceitos pelos judeus ou por Jesus no mesmo nível de autoridade dos livros canônicos. Eles eram respeitados, mas não foram considerados inspirados. O Concílio de Trento (1548 d.C.), mesmo assim, os reconheceu como canônicos, embora os Reformadores tenham rejeitado tal decreto.

Os livros apócrifos são: I e II Esdras, Tobias, Judite, Ester (capítulos acrescentados), Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, Adição à Daniel, Oração de Manassés, I e II Macabeus.

#### 5. Esboço da história bíblica

- I. Deus cria o homem e o coloca no Jardim de Éden. No entanto, o homem peca e deixa de ser aquilo para o qual Deus o tinha destinado.
- II. Ocorre o dilúvio. A raça humana é preservada pela família de Noé.
- III. Deus inaugura o plano para a redenção do homem, chamando Abraão para fundar uma nação, mediante a qual o plano será executado. Deus guia Abraão para fora da Babilônia e o leva para a terra de Canaã. Os descendentes de Abraão migram para o Egito, e ali se desenvolvem, tornando-se uma nação escrava.
- IV. Depois de 400 anos, Deus tira-os do Egito e, sob a direção de Moisés, os leva de volta à terra prometida de Canaã. No decorrer dos próximos 500 anos sob os reinados de Davi e Salomão, a nação se torna um grande e poderoso reino.
- V. Posteriormente, encerrando-se o reinado de Salomão, o reino se divide em dois. O reino do norte, formado por dez tribos, é chamado de Israel e dura cerca de 200 anos. É levado cativo pela Assíria, em 722 a.C. O reino do sul, formada por duas tribos, é chamado de Judá e dura cerca de 300 anos. Em 597 a.C., é levado cativo para a Babilônia. Um remanescente da nação cativa, em 536 a.C., volta à sua terra e restabelece sua vida como nação.
- VI. Logo mais se encerra o Antigo Testamento. Quatrocentos anos mais tarde, Jesus, o Messias profetizado no Antigo Testamento, mediante quem o homem seria redimido, aparece e realiza sua obra redentora: morre pelos pecados da humanidade, ressuscita dos mortos, comissiona os seus discípulos para evangelizarem o mundo e promete um dia voltar.
- VII. Os discípulos partem em todas as direções, levando as boas novas, principalmente na direção do oeste, através da Ásia Menor e da Grécia até Roma. Assim encerra-se o Novo Testamento.

## 6. Potências mundiais dos tempos bíblicos

Seis grandes governos dominaram o mundo de antes de Cristo. Cada qual esteve ligado, de um ou outro modo, com a História Bíblica.

- I. **Império Egípcio** (1570 - 1200 a.C.). No Egito como escravos, Israel cresceu de 70 pessoas para 3.000.000.
- II. **Império Assírio** (883 - 612 a.C.). Destruiu o Reino do Norte de Israel, em 722 a.C. e cobrou tributo de Judá.
- III. **Império Babilônico** (605 - 539 a.C.). Destruiu Jerusalém e levou Judá para o cativeiro em 597 a.C.
- IV. **Império Persa** (539 - 331 a.C.). Consentiu que os judeus voltassem do cativeiro e ajudou-os a se reinstalarem como nação.
- V. **Império Grego** (331 - 146 a.C.). Governou a Palestina no período entre o Antigo e o Novo Testamento.
- VI. **Império Romano** (146 a.C. - 476 d.C.). Governava o mundo ocidental quando Cristo apareceu. Em seus dias a Igreja foi fundada.

## 7. A divisão da Bíblia em capítulos, versículos e parágrafos

- I. **Em capítulos.** No ano 1250 d.C. a Bíblia foi dividida em capítulos pelo Cardeal Hugo, com o propósito de fazer uma concordância latina. Há 929 capítulos no Antigo Testamento e 260 no Novo Testamento.
- II. **Em versículos.** Trezentos anos depois, em 1560, uma edição da Bíblia, conhecida como a Bíblia de Genebra, foi, pela primeira vez, dividida em versículos. Há 23.214 versículos no Antigo Testamento e 7.959 no Novo Testamento.
- III. **Em parágrafos.** Em 1885, uma revisão da versão autorizada do “King James” foi publicada, e os revisores adotaram o sistema de parágrafos.

## 8. Os livros do Antigo Testamento

A primeira divisão do Antigo Testamento era em duas partes: a Lei e os Profetas (Mt.5:17). Uma divisão tríplice também foi desenvolvida: a Lei, os Profetas e os Escritos (Lc.24:44). Atualmente, o Antigo Testamento é dividido em Lei, História, Poesias e Profecias.

- I. **A Lei** – Refere-se à parte do Antigo Testamento que começa em Êxodo 20 e se estende até Deuteronômio 33. É um Código de leis civis, penais e religiosas. Constitui uma aliança entre Javé e Israel. Em troca dos benefícios e da proteção, Israel deveria guardar os mandamentos contidos na Lei.
- II. **História** – Os livros históricos registram o que aconteceu e não necessariamente o que deveria ter acontecido ou o que deve acontecer sempre. Às vezes, o exemplo dado é para ser evitado, não imitado. Geralmente, uma narrativa do Antigo Testamento não ensina diretamente

uma doutrina; o que faz é ilustrar doutrinas ensinadas noutros lugares. Nos livros históricos vemos Deus falando acerca do homem, descrevendo seus fracassos e seus êxitos. Os livros históricos são: Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Josué, Rute, Samuel 1 e 2, Reis 1 e 2, Crônicas 1 e 2, Esdras, Neemias e Ester.

- III. **Poético** – Ao contrário da maior parte da poesia ocidental, a poesia hebraica não se baseia em rima ou métrica, mas no ritmo e no paralelismo (se declara uma ideia na primeira linha, e depois ela é reforçada de várias maneiras nas linhas subsequentes). Os livros poéticos são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares.
- IV. **Profético** – Os profetas do Antigo Testamento foram homens chamados por Deus em períodos de declínio e apostasia em Israel. Quando falavam, muitas vezes se referiam ao futuro, mas, principalmente, ao futuro próximo de Judá, Israel e outras nações vizinhas. Os livros proféticos podem ser divididos em três grupos:
  - a. Pré-exílicos (antes do cativeiro babilônico) – Isaías, Jeremias, Oséias, Joel, Amós, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias;
  - b. Exílicos (durante o cativeiro babilônico) – Ezequiel, Daniel e Obadias;
  - c. Pós-exílicos – Ageu, Zacarias e Malaquias.

A ordem dos livros do Antigo Testamento é lógica, e não cronológica. Em primeiro lugar, vem a Lei (Gênesis a Deuteronômio); depois, a História (Josué a Ester); em seguida, poesia (Jó a Cantares); por fim, os profetas (Isaías a Malaquias).

A lista que segue demonstra quais livros cobriram aproximadamente os mesmos períodos de tempo:

- I. Gênesis, Jó;
- II. Êxodo, Levítico;
- III. Números, Deuteronômio;
- IV. Josué;
- V. Juízes, Rute;
- VI. 1 Samuel;
- VII. 2 Samuel, Salmos;
- VIII. 1 Reis, 1 Crônicas, Cantares, Provérbios, Eclesiastes;
- IX. 2 Reis, 2 Crônicas, Obadias, Joel, Jonas, Amós, Oséias, Miquéias, Isaías, Naum, Sofonias;
- X. Habacuque, Jeremias, Lamentações;
- XI. Daniel, Ezequiel;
- XII. Neemias, Esdras, Ester, Ageu, Zacarias.

## 9. Entre Testamentos

- I. Durante os 400 anos decorridos entre o final da revelação do Antigo Testamento e a vinda de Cristo, várias eventos importantes ocorreram.

- II. O governo persa continuou durante cerca de um século depois da conclusão do cânon do Antigo Testamento (430-331 a.C.).
- III. Os gregos, sob o comando de Alexandre, o Grande, e de seus sucessores, dominaram o mundo bíblico por algum tempo (331-167 a.C.).
- IV. Sob o comando dos Macabeus, os judeus se revoltaram contra o domínio político-religioso-cultural dos gregos (167 a.C. - 63 d.C.).
- V. O império romano sucedeu ao grego e dominava o mundo bíblico na época do nascimento de Cristo (63 a.C. até o nascimento de Cristo).
- VI. A sinagoga e outras instituições judaicas, como o Sinédrio e as seitas dos Fariseus e Saduceus, surgiram e se desenvolveram durante este período. Também foi criados um conjunto de tradições, comentários e interpretações *do Torah (Antigo Testamento) conhecidos como Mishna, Gemara (formando o Talmude), Midrashim e Kabala.*

## 10. Os livros do Novo Testamento

O Novo Testamento inclui 27 livros, escritos por nove autores diferentes durante um período de aproximadamente 50 anos. Estes livros se dividem em 4 partes: Os quatro evangelhos, o livro de Atos, as 21 cartas (de Romanos – Judas) e o livro de Apocalipse.

Os quatro evangelhos e o livro de Atos são livros históricos. As cartas são correspondências particulares, dirigidas a igrejas locais ou indivíduos. O livro de Apocalipse é o único livro profético do Novo Testamento.

A ordem dos livros do Novo Testamento é lógica. A ordem de escrita, todavia, foi aproximadamente esta:

I.	Tiago.....	45-50 d.C.
II.	Gálatas.....	49 d.C.
III.	I e II Tessalonicenses.....	51 d.C.
IV.	Marcos.....	50-60 d.C.
V.	I Coríntios.....	56 d.C.
VI.	II Coríntios.....	57 d.C.
VII.	Romanos.....	58 d.C.
VIII.	Lucas.....	60 d.C.
IX.	Efésios.....	61 d.C.
X.	Colossenses, Filemom, Filipenses, Atos.....	61 d.C.
XI.	Mateus.....	60-70 d.C.
XII.	I Timóteo, I Pedro.....	63 d.C.
XIII.	Tito.....	65 d.C.
XIV.	II Timóteo, II Pedro.....	66 d.C.
XV.	Hebreus.....	64-68 d.C.
XVI.	Judas.....	70-80 d.C.
XVII.	João.....	85-90 d.C.
XVIII.	I,II, III João.....	90 d.C.

XIX. Apocalipse .....90-100 d.C.

## LIÇÃO 16 - ENSINO SOBRE DEUS

*“É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.” (Hb.11:6)*

### 1. A existência de Deus

Em parte alguma as Escrituras tratam de provar a existência de Deus. Reconhece-se como fato auto evidente e como crença natural do homem. “Aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe”, é o ponto inicial na relação entre o homem e Deus. Há homens que dizem em seus corações que Deus não existe, mas a própria Bíblia os chama de “tolos” (Sl.10:4; 53:1). São os **ateus teóricos**, que expulsaram Deus dos seus pensamentos porque já o expulsaram das suas vidas. Pior do que estes são os **ateus praticantes**, que creem em Deus, mas procedem e falam como se Ele não existisse (Jó 21:14,15).

O maior argumento para a existência de Deus é o **cosmológico** (da palavra grega *kosmos*, “mundo”). O universo deve ter tido um princípio. Todo efeito deve ter uma causa. O universo é um efeito que exige uma causa adequada, e a única causa suficiente é Deus. Como dizem as Escrituras: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.” (Sl.19:1) .

O universo não apenas prova a existência de um Criador, mas indica a existência de um Arquiteto, um Planejador. Portanto os homens são indesculpáveis. (Rm.1:18-21).

### 2. Conceito de Deus

Quem é Deus? Os homens têm várias ideias a respeito do Criador. No entanto, jamais alguém terá uma compreensão total de Deus, pois o que se pode conhecer dele está além da capacidade humana. Ele é grandioso demais para que possamos compreendê-lo plenamente. Como diz as Escrituras: “[Quem] consegue esquadrinhar os mistérios de Deus? [Quem] pode sondar os limites do Todo-Poderoso?” (Jó 11:7).

Os astrônomos calculam que a Via-Láctea, a galáxia do nosso sistema solar, contém mais de trinta bilhões de sóis, muitos deles imensamente maiores do que o nosso Sol, que é um milhão e meio de vezes maior do que a Terra. Esta galáxia, que tem a forma de um relógio delgado, tem um diâmetro que mede 200.000 anos-luz. “Ano-luz” é a distância que a luz percorre em um ano, na velocidade de 299.727 km por segundo, isto é, aproximadamente 1.078.030.000 quilômetros por hora.

Há, pelo menos, 1.000.000 de galáxias como a Via-Láctea, algumas das quais distam milhões de anos-luz umas das outras. O “Guinness Book of World Records” afirma que o mais remoto objeto já visto pelo homem parece estar a mais de 13,2

bilhões de anos-luz de distância. Nossas mentes finitas nem mesmo podem começar a compreender a distância dessa imensidão. Tudo isto pode ser apenas uma tênue partícula no além do infinito, na extensão infinda do espaço. Todavia, a Bíblia, ao falar sobre Deus nos diz: “Os céus, mesmo os mais altos céus, não podem contê-lo.” (I Rs.8:27)

Por outro lado, qualquer conceito que se tentar fazer de Deus deve corresponder àquilo que é dito sobre Ele na Bíblia, pois é por ela que o Criador escolheu se revelar ao homem.

Por fim, na nossa busca de saber mais sobre Deus, não devemos esquecer que não é suficiente ter um conhecimento intelectual sobre Ele. É preciso possuir um conhecimento experimental daquele que criou os céus e a terra (Jó 42:5).

Um conceito bíblico de Deus pode ser formulado por meio do estudo dos Seus nomes, pois cada um dos Seus nomes revela alguma faceta do seu caráter e natureza:

- I. **Elohim (traduzido “Deus”)**. Esta palavra emprega-se sempre que sejam descritos ou estejam implícitos o poder criativo e a onipotência de Deus. Elohim é o Deus-Criador. A forma plural representa a Trindade.
- II. **Javé ou Jeová (traduzido “Senhor”)**. O Deus-Criador não permanece alheio às suas criaturas. Desejando relacionar-se com os homens, desceu para ajudá-los e salvá-los; ao assumir este compromisso com a humanidade, Deus revela-se a si mesmo como “Javé”, o Deus dos Pactos. O nome Javé tem sua origem no verbo “ser” e inclui os três tempos desse verbo – passado, presente e futuro. O nome, portanto, significa: Aquele que era, que é e que há de ser (Ap.1:4). Em outras palavras, o Eterno.
- III. **El (traduzido “Deus”)**. Forma singular de Elohim. É usado em certas combinações: El-Elyon, “o Deus Altíssimo” (Gn.14:18-20); El-Shaddai, “o Deus Todo-Poderoso” (Gn.17:1-14); El-Olam, “o Deus Eterno” (Is.40:28); El- Roi, “o Forte que Vê” (Gn.16:13);
- IV. **Adonai (traduzido “Senhor”)**. Por respeito e reverência e temendo usar o nome de Deus em vão, em lugar de “Javé”, os Judeus passaram a usar o nome “Adonai”. Este nome dá a ideia de governo e domínio e tem o mesmo significado de “Kurios”, no grego (Ex.23:17; Is.10:16,33; Mt.4:7; Tg.5:11).
- V. **Pai**. Emprega-se tanto no Antigo como no Novo Testamento. Em significado mais amplo, o nome descreve a Deus como sendo a fonte de todas as coisas; de maneira que todos podem considerar-se geração de Deus (At. 17:28). Todavia, esta relação não garante a salvação. Somente aqueles que foram vivificados e receberam nova vida pelo Seu Espírito são considerados realmente Seus filhos (Jo.1:12,13).

A relação entre Javé e Israel resume-se no uso dos nomes encontrados nas alianças ou pactos entre Ele e o seu povo:

- I. Aos que jazem em leitos de doença, manifesta-se como *Javé-Rafa*, “o Senhor que cura” (Ex.15:26);



- II. Os oprimidos pelo inimigo invocam a *Javé-Nissi*, “o Senhor nossa bandeira” (Ex.17:8-15) ou, então, *Javé Sabaoth*, o Senhor dos Exércitos (I Sm.1:3);
- III. Os carregados de cuidados aprendem que ele é *Javé-Shalom*, “o Senhor nossa paz” (Jz.6:24);
- IV. Os que se sentem desamparados aprendem que ele é *Javé-Ra’ah*, “o Senhor meu pastor” (Sl.23:1);
- V. Aqueles que estão necessitados aprendem que Ele é *Javé-Jireh*, “o Senhor que provê” (Gn.22:14);
- VI. Aos desobedientes Ele se revela como *Javé Nakeh*, “o Senhor que fere” (Ez.7:9) ou, então, como *Javé El Gmolah*, “o Senhor retribuirá” (Jr.51:56);
- VII. Aqueles que se sentem sob condenação e necessitados da justificação, invocam a *Javé-Tsidkenu*, “o Senhor justiça nossa” (Jr.23:6);
- VIII. Aqueles que querem se aproximar dele invocam *Javé Maccadeshkem*, “o Senhor que santifica” (Êx.31:13);
- IX. E quando o reino de Deus se houver concretizado na terra, será Ele conhecido como *Javé-Shammah*, “o Senhor está ali” (Ez.48:35).

### 3. Os atributos de Deus

#### A) Atributos naturais

É possível conhecer mais um pouco sobre Deus pelos Seus atributos naturais (aquilo que é próprio de um ser).

- I. **Deus é espírito** (Jo.4:23). Sendo Espírito, não está sujeito às limitações às quais estão sujeitos os seres humanos dotados de corpo físico. Mas sabemos que o espírito pode manifestar-se em forma corpórea (Gn.18:1,2);
- II. **Deus é infinito** (I Rs.8:27). Ele se caracteriza pela imensidade. Nenhuma parte do Universo está separada da Sua presença ou de Sua energia, e nenhum ponto do espaço escapa à Sua influência.
- III. **Deus é eterno** (Is.40:28). Nunca houve um tempo em que Deus não existisse. Ele não teve princípio e jamais terá fim. Porque é eterno, não se limita ao tempo. Toda realidade Lhe é presente. Todos os acontecimentos - quer passados, quer presentes, quer futuros -, Ele os vê como se fossem o aqui e o agora.
- IV. **Deus é soberano** (Dn.4:35). Ele tem o direito absoluto de governar suas criaturas e delas dispor como Lhe apraz. Ele reina supremo sobre o mundo visível e invisível. Nada está fora do Seu controle, e Sua vontade sempre se concretiza.
- V. **Deus é onisciente**, isto é, conhece todas as coisas (Hb.4:13). Deus não precisa arrazoar ou pesquisar as coisas, ou aprender gradualmente - seu conhecimento do passado, do presente e do futuro é instantâneo. Nada o pega de surpresa.
- VI. **Deus é a onipresente**, isto é, está ao mesmo tempo em toda parte (Jr.23:24). Ele não se acha limitado pelo espaço, mas está presente em todos os lugares. Ninguém pode esconder-se de sua face. Qual a diferença entre

imensidade e onipresença? Imensidade é a presença de Deus em relação ao espaço, enquanto onipresença é sua presença considerada em relação aos homens (Sl.139:7-10). Embora Deus esteja em todo lugar, ele não habita em todo lugar. Somente ao entrar em relação pessoal com um grupo ou indivíduo é que se diz que Deus ali habita.

- VII. **Deus é onipotente**, isto é, pode tudo (Ne.9:6). A onipotência de Deus significa duas coisas: Sua liberdade e poder para fazer tudo que deseja; Seu controle e sabedoria sobre tudo que existe ou que pode vir a existir. Deus mostra a sua onipotência pelo seu poder de criar.
- VIII. **Deus é imutável**, isto é, não sujeito a mudanças (Nm.23:19). O Senhor jamais muda em sua natureza. Será sempre bom, justo e verdadeiro. Podemos crer nas suas promessas, porque Ele cumpre todas. Nele, podemos confiar.

## B) Atributos morais

Existem, ainda, os atributos morais de Deus que se manifestam no seu trato com o homem:

- I. **Deus é santo** (Is.6:1,2). O sentido da palavra “santo” é “separado”. Deus é santo no sentido de que Ele é distinto da Sua criação. Não há nada que se assemelha a Ele. Ele está numa categoria totalmente à parte de tudo o que existe porque Ele é antes de tudo e o Autor de tudo. Ele também é santo quanto ao aspecto de Sua pureza moral; Ele não pode pecar nem tolerar o pecado (Ez.36:23).
- II. **Deus é justo** (Sl.25:8-10). Ser justo é agir de forma reta em relação a outrem. Deus jamais age com parcialidade. A justiça divina é manifestada no livramento do inocente, na condenação do culpado, no perdão para quem se arrepende, no castigo do ímpio, na salvação do homem e na vitória às causas do seu povo.
- III. **Deus é fiel** (Nm.23:19). Ele é absolutamente digno de confiança; as suas palavras não voltam vazias e nunca falham. Portanto, seu povo pode descansar em suas promessas.
- IV. **Deus é misericordioso** (Sl.103:8-18). A misericórdia de Deus é a divina bondade em ação com respeito às misérias de suas criaturas, bondade que se comove a favor deles, provendo o seu alívio, e, no caso de pecadores impenitentes, demonstrando paciência longânime. A misericórdia de Deus manifestou-se de maneira eloquente ao enviar Cristo ao mundo.
- V. **Deus é amor** (I Jo.4:7-10). O amor é o atributo de Deus que faz com que Ele deseje uma relação pessoal com aqueles que foram criados à sua imagem. A maior demonstração de amor de Deus foi a de entregar o seu próprio Filho para morrer em nosso lugar, pelo seu sacrifício na cruz do Calvário.

## 4. A Trindade

O Antigo Testamento ensina que Deus é único e que, além dele, não há outro (Dt.4:35, 39; 6:4). Era esse um dos fundamentos da religião judaica, sendo também

essa a mensagem especial a um mundo que adorava a muitos deuses falsos. No entanto, o Novo Testamento apresenta três pessoas divinas, designadas como Pai, Filho e Espírito Santo (Mt.3:16,17; Mt.28:19). Haverá contradição entre este ensino da unidade de Deus e o ensino da Trindade?

É necessário distinguir entre duas qualidades de unidade – **unidade absoluta** e **unidade composta**. A expressão “um homem” traz a ideia de unidade absoluta, porque se refere a uma só pessoa. Mas, quando lemos que homem e mulher serão “uma só carne” (Gn.2:24), essa é uma unidade composta, visto que se refere à união de duas pessoas.

Em Esdras 3:1, lemos: “Quando chegou o sétimo mês, e os israelitas já estavam em suas cidades, o povo se reuniu como um só homem em Jerusalém”. A palavra hebraica usada aqui para “um só” é “echad”, e é a mesma usada em Deuteronômio 6:4 quando diz: “Ouça, ó Israel, O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”. Em vez de usar a palavra “yachidh”, que se refere à unidade absoluta (Gn.22:2, 12), a Bíblia utiliza propositadamente “echad”, que se refere à unidade composta. Outro fato relevante neste texto de Deuteronômio é que a palavra “Deus” está no plural (“Elohim”, no hebraico), referindo-se a mais de uma divindade. O mesmo ocorre em Gênesis 1:1: No princípio Deus (*Elohim*) criou os céus e a terra. Leia também Gn.1:26 e 11:5.

Portanto, a Unidade Divina é uma unidade composta: um Deus que subsiste em três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo). Cada um dos três é distinto dos demais; cada um possui todos os atributos divinos; no entanto, são de uma harmonia tão perfeita que constituem um só Deus, e não três. De fato, este é um mistério que nenhuma analogia pode ilustrar satisfatoriamente. Ainda sim, vamos tentar.

Talvez a melhor ilustração seja a da “luz”. Esta se compõe de três raios: primeiro, o actínico, que é invisível; segundo, o luminoso, que é visível; terceiro, o calorífero, que se pode sentir, mas não ver. Onde há estes três, ali há luz; onde há luz, temos estes três. Curiosamente, o apóstolo João se refere a Deus Pai e a Deus Filho como “luz do mundo” (Jo.8:12; I Jo.1:5). Deus o Pai é invisível; Ele se tornou visível em seu Filho e opera no mundo por meio do Seu Espírito, que é invisível, mas que se pode sentir.

## LIÇÃO 17 - ENSINO SOBRE JESUS

*“Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.” (João 21:25)*

### 1. Introdução

Jesus Cristo é a revelação final e perfeita de Deus. Ele é “o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser” (Hb.1:3). “Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.” (Jo.1:18)

A palavra “revelar” significa: “trazer à luz o oculto, o misterioso, o obscuro”. Este é exatamente o trabalho que Jesus realizou. Por isso, ele podia dizer: “Quem me vê a mim, vê o pai.” (Jo.14:9).

### 2. Sua preexistência

Sempre que pensamos em Jesus, partimos do seu nascimento em Belém da Judéia, na primeira noite de Natal. No entanto, voltemos um pouco mais no tempo, para a eternidade passada, e apresentemos Jesus não do ponto de vista do homem e da história, mas do ponto de vista de Deus.

Em João 1:1,14, João claramente nos fala da preexistência de Cristo. Ele ensina que Jesus é Deus, presente com Deus antes do início dos tempos e coparticipante na criação do Universo e de tudo mais que existe. Ao iniciar o seu Evangelho, os pensamentos de João se voltam para o início dos tempos quando a Bíblia diz: “No princípio Deus criou os céus e a terra.” (Gn.1:1). Para ele, portanto, Jesus não faz parte da criação; ele não é parte do mundo que veio a existir no tempo; Jesus é desde a eternidade e estava com Deus antes do tempo e antes de o mundo existir (Jo.17:16,17; Cl.1:15-17).

Encontramos, inclusive, muitas aparições pré-encarnadas de Jesus no Antigo Testamento:

- I. João nos conta, em Jo.12:37-41, que Isaías viu Cristo em Sua glória e que falou a Seu respeito. Este acontecimento está registrado em Isaías 6:1-4.
- II. Em outra ocasião Jesus mesmo disse: “Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se (...). Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou.” (Jo.8:56,58). Estas palavras de Jesus nos levam a concluir que foi com ele que Abraão intercedeu em favor de Ló e Sodoma (Gn.18:17-33).
- III. Foi provavelmente com Jesus que Jacó lutou até o amanhecer, pois disse: “Vi a Deus face a face, e a minha vida foi poupada.” (Gn.32:24-30). Já que

nenhum homem jamais viu a face de Deus e viveu (Êx.33:20), só pode ter sido a Segunda Pessoa da Trindade.

- IV. Pelo fato de o “Príncipe do Exército do Senhor” ter recebido adoração por parte de Josué, também se pode inferir que se tratava de Jesus (Js.5:13-15), pois nenhum anjo aceitaria tal culto (Ap.22:8,9).

### 3. Sua encarnação

A pergunta “Quem é Jesus Cristo?” tem sua melhor resposta na explicação dos nomes e títulos pelos quais ele é conhecido.

#### A) O Verbo (preexistência)

A linguagem é o meio pelo qual o homem se expressa e se comunica com os seus semelhantes. Por meio da linguagem, ele dá a conhecer seus pensamentos, sentimentos e vontade. Da mesma maneira, a “Palavra de Deus” (logos, no grego), tanto escrita (a Bíblia) como encarnada (Jesus), é o veículo mediante o qual o Criador se comunica com as Suas criaturas, expressando os Seus pensamentos, sentimentos e vontade. De modo que à pergunta “como é Deus?” o cristão responde: “Deus é como Jesus.” (Jo.1:1-5, 10, 14, 18; Hb.1:1-3).

#### B) Filho do Homem (humanidade)

De acordo com a língua hebraica, a expressão “filho de ...” denota identificação, participação. Por exemplo: “os filhos do reino” (Mt.8:12) são aqueles que hão de participar do reino vindouro de Deus. “Os filhos da ressurreição” (Lc.20:36) são aqueles que hão de subir com Cristo quando ele voltar. Um “filho da paz” (Lc.10:6) é um que possui caráter pacífico. Um “filho da perdição” (Jo.17:12) é um destinado a sofrer ruína e condenação. A expressão “filho do homem”, portanto, significa que participa da natureza humana, com suas debilidades e fraquezas (Jó 25:4-6). Neste sentido, o título é aplicado oitenta vezes a Ezequiel, como uma recordação de sua mortalidade.

Ao se referir a si mesmo como “Filho do homem”, Jesus desejava expressar a sua identificação com a humanidade (Mt.25:31; Mc.2:9,10; 8:31; Lc.19:10). De fato, a sua humanidade era real, e não fictícia. Ele realmente sofreu fome, sede, cansaço, dor, e esteve sujeito às mesmas debilidades da carne que nós, porém sem pecado (Hb.2:14,18; 4:15). Era necessário que fosse assim para que ele pudesse representar a humanidade na Cruz do Calvário. Ele se esvaziou da sua divindade e tornou-se completamente humano para poder levar sobre si os pecados de todos nós (Fl.2:6-8). A encarnação, portanto, significa que o Filho de Deus, verdadeiro Deus desde a eternidade passada, no curso do tempo, se fez verdadeiro homem. Isso, naturalmente, é um mistério. Não podemos compreendê-lo, assim como tampouco podemos conceber a própria Trindade.

### C) Filho de Deus (divindade)

Da mesma forma como “filho do homem” significa um nascido do homem, assim também “filho de Deus” significa um nascido de Deus. Por isso dizemos que esse título proclama a divindade de Cristo. Jesus nunca é chamado um filho de Deus, como os homens e os anjos são chamados filhos de Deus (Jó 2:1). Ele é O Filho de Deus no sentido único. Jesus é descrito mantendo uma relação com Deus da qual não participa nenhuma outra pessoa no universo.

### D) Senhor (soberania)

A palavra “senhor” (*kurios*, no grego) não tem hoje a mesma conotação que tinha nos dias de Jesus. Naquela época, significava senhorio, soberania ou deidade. Na tradução grega do Antigo Testamento, por exemplo, a palavra “Senhor” era equivalente a Javé. Portanto, para os judeus chamarem Jesus de Senhor era claramente uma imputação de divindade.

Já para os romanos a palavra “senhor” significava “autoridade máxima”, isto é, aquele que está acima de todos. Daí por que, no Império Romano, apenas César era Senhor. Todos os súditos do Império deveriam confessar que “César era Senhor” (ave César). Inclusive era assim que os cidadãos romanos se saudavam. Os cristãos, no entanto, preferiam sofrer perseguição a atribuir a um homem um título que somente pertencia ao único e verdadeiramente Senhor, Jesus Cristo (Mt.7:21-23; Rm.10:9; II Co.4:5).

### E) Cristo (Ungido)

“Cristo” é a forma grega da palavra hebraica “Messias”, que literalmente significa “ungido” (Jo.1:41). A palavra vem do costume de ungir com óleo para consagrar alguém a algum serviço divino. Apesar de os sacerdotes, e às vezes os profetas, serem ungidos com óleo quando consagrados aos seus ofícios, o título de “ungido” era particularmente aplicado aos reis de Israel, que reinavam como representantes de Javé (I Sm. 10:1). Os profetas profetizaram a vinda de um rei da casa de Davi, que seria maior do que Davi. Sobre ele descansaria o Espírito de Deus com um poder nunca visto (Dn.9:24-27; Is.11:1-5; At.2:25-36). Apesar de ser um descendente de Davi, também seria ele Filho de Deus, recebendo nomes divinos (Is.9:6,7). O seu reino seria eterno, e sob seu domínio estariam todas as nações (Sl.89:34-37; Jr.23:5,6; Dn.7:13,14). “Filho de Davi” era outro título messiânico muito popular naquela época e equivalia a “Cristo”.

Jesus se declarou o Messias prometido, mas as pessoas não creram nele porque esperavam um Messias político, que fosse uma combinação de revolucionário e estadista (Jo.12:37-40). De fato, Deus havia prometido restabelecer o reino de Israel (Zc.14:9-21), mas, antes desse evento, deveria operar-se uma purificação moral e uma regeneração espiritual da nação (Ez.36:24-27). A rejeição do Messias por parte de Israel deu a Deus a oportunidade de formar um povo para si entre os gentios (Rm.11:11; At.15:12-19; Ef.1:11-16).

## F) Jesus (Salvador)

Ao entrar no mundo, ao Redentor foi dado o expressivo nome da sua missão suprema: “E chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.” (Mt.1:21). O nome “Jesus” vem da forma grega e latina do hebraico “Yeshua” (Josué), que significa “o Senhor é salvação”. Os primeiros cristãos, por serem judeus, não tiveram dificuldade em entender a mensagem do Evangelho. Assim como Deus enviara Moisés para libertar Israel da escravidão do Egito, da mesma forma Ele tinha enviado Jesus para resgatar o seu povo dos seus pecados (Gl.4:4,5).

Há dois mil anos, um homem entrou no cenário da história. Nascido de uma virgem pelo poder do Espírito Santo, tratava-se do próprio Deus vindo à terra em forma humana (Jo.1:1,14). Ele veio ao mundo para: a) dar-nos a vida eterna (Jo.3:16,17; I Jo.5:11,12); b) restaurar a nossa comunhão com Deus (II Co.5:17-19); c) destruir as obras de Satanás (I Jo.3:8). Ele **morreu** (I Co.15:3); **ressuscitou** (Rm.4:24,25); **ascendeu aos céus** (At.1:9-11); **voltará** (Ap.1:7).

A mensagem da Igreja Primitiva era relativamente simples – pregavam e ensinavam sobre Jesus Cristo (At.5:42). Não ensinavam uma doutrina, mas apresentavam uma Pessoa. Ele era o grande tema da mensagem deles. Citavam todas as profecias que se relacionavam com Ele. Mostravam como a Palavra de Deus havia predito a Sua vinda e como Ele havia cumprido todas as profecias. Mostravam claramente que Jesus era de fato o Filho de Deus e a salvação do mundo. O sermão de Pedro no Dia de Pentecostes (At.2:14-36) e o discurso de Estevão (At.7) são ótimos exemplos do conteúdo desta pregação.

## LIÇÃO 18 - ENSINO SOBRE O ESPÍRITO SANTO

*“Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” (Zacarias 4:6)*

### 1. Introdução

O ensino sobre o Espírito Santo, a julgar pelo lugar que ocupa nas Escrituras, está em primeiro lugar entre as verdades redentoras. No entanto, é a doutrina mais negligenciada. O formalismo e um medo indevido do fanatismo têm produzido uma reação contra a ênfase na obra do Espírito Santo na experiência cristã. Todavia, não pode haver um cristianismo vivo sem o Espírito Santo. Somente Ele pode tornar real e experimental a obra de Cristo em nossas vidas.

### 2. Quem é o Espírito Santo?

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade por cujo poder o universo foi criado e hoje é sustentado (Gn.1:2). O Espírito Santo não é apenas uma pessoa distinta do Pai e do Filho. Ele é Deus, coigual com o Pai e o Filho (At.5:3,4; Mt.28:19; II Co.13:13).

O Espírito Santo é uma pessoa. Assim como nós, Ele sente, pensa, se comunica e exerce sua própria vontade (I Co. 2:10,11; Ef.4:30; I Co.12:11; Jo.16:13).

### 3. Os atributos do Espírito Santo

#### A) Ele é onipresente (está em todos os lugares ao mesmo tempo)

Por isto o Salmista escreve: Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão. (Sl.139:7-10). Todavia, assim como só tomamos consciência da existência do ar quando este se movimenta, em forma de vento, assim também só tomamos consciência da presença do Espírito quando Ele se move entre nós.

#### B) Ele é onisciente (sabe todas as coisas)

Paulo nos diz que as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus e, ainda, que o Espírito a todas as coisas perscruta até mesmo as profundezas de Deus. (I Co.2:9-11).



### C) Ele é onipotente (tem todo poder)

Na Trindade, o Pai deseja, o Filho decreta e o Espírito Santo executa. Todos os milagres realizados por Jesus, bem como a Sua autoridade e poder, eram demonstrações do poder (unção) do Espírito Santo que estava sobre Ele (Lc.4:1,2,14-19). Foi este mesmo poder que criou os céus e a terra (Gn.1:2) e que ressuscitou Jesus de entre os mortos (Rm.8:11).

## 4. O Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento

No Antigo Testamento, a atuação do Espírito Santo era “seletiva” e “não universal”. (Nm.11:24-29). De um modo geral, a manifestação do Espírito era limitada a Israel e concedida a certos indivíduos tais como sacerdotes, profetas, juízes e reis (Jz.6:34; I Sm.10:10; 16:13). Todavia, Deus prometeu que haveria um tempo em que o Espírito Santo seria derramado sobre toda carne (Jl.2:28,29). Esta profecia se cumpriu no dia de Pentecoste (At.2:1-18).

## 5. V. O Espírito Santo na vida de Jesus

Desde o princípio até o fim de sua vida terrena, Jesus esteve intimamente ligado ao Espírito Santo. O Espírito é mencionado em conexão com: o Seu nascimento (Lc.1:35), o Seu ministério terreno (At.10:38), a Sua crucificação (Hb.9:14), e a Sua ressurreição (Rm.8:11).

Depois de ascender aos céus, conforme prometera, Jesus derramou o Seu Espírito Santo sobre os que creram. (At.1:4,8; 2:33). Assim, é concedido a todo discípulo a mesma bênção que Jesus recebeu e desfrutou, a saber, o privilégio de ter o Espírito Santo habitando e agindo através de nós.

## 6. Qual a sua importância na experiência cristã?

No seu livro “Bom dia Espírito Santo”, Benny Hinn nos explica que nem o Pai, nem o Filho estão na terra, mas no céu. Quem está na terra é o Espírito Santo. A experiência de Estevão demonstra isto. Um pouco antes do seu apedrejamento, a Bíblia registra que “Estevão, cheio do **Espírito Santo**, fitou os olhos no céu e viu a glória de **Deus**, e **Jesus** que estava a sua direita.” (At.7:55). Observa que enquanto Deus e Jesus estavam no céu, o Espírito Santo estava em Estevão, na terra.

Na realidade, onde o Espírito Santo estiver, ali o Pai e o Filho estão também. Quando o Espírito Santo fala, são os três que estão falando. Daí por que Paulo lhe chama de Espírito de Cristo e Espírito de Deus (Rm.8:9; II Co.13:13; I Jo.1:3).

É o Espírito Santo quem torna Jesus real em nossa experiência e traz a presença do Pai para o nosso meio. Ele liga o céu com a terra. Ele é também a voz de Deus. Não suportaríamos ouvir a Sua voz audível, descrita como uma combinação de trovões, relâmpagos e trombetas (Ex.19:9,16-19; 20:18,19). Nem mesmo a voz de Jesus

estamos preparados para ouvir, pois ela também é descrita como “voz de muitas águas.” (Ap.1:15). Quando João a ouviu, caiu aos pés de Cristo “como morto.” (Ap.1:17). O Espírito Santo, porém, toma a voz do Pai e a do Filho e as torna suaves, agradáveis e perfeitamente claras. (Jo.16:13,14).

É por esta razão que há uma necessidade de crescermos na comunhão e na intimidade com o Espírito Santo, aprendendo a discernir Seus impulsos e Sua voz em nosso espírito, movendo-nos de acordo com a Sua direção. (Jo.14:16,17,26).

## 7. A obra do Espírito Santo na salvação

- I. **Convencimento** - Convencer significa persuadir de determinada coisa. No caso do Espírito Santo, Ele procura persuadir o homem do seu estado pecaminoso; da sua necessidade de justificação (absolvição), que só é possível por meio de Cristo Jesus; e da realidade do juízo eterno, que aguarda todo aquele que rejeita tão grande salvação. (Jo.16:7-11).
- II. **Regeneração** - Regeneração é o ato divino pelo qual o Espírito Santo comunica a vida de Deus ao nosso espírito, bem como uma nova natureza. O homem natural está rodeado pelo mundo espiritual. No entanto ele vive e opera como se esse mundo não existisse, pois não tem consciência dele. Mas quando o Espírito Santo vivifica o nosso espírito, despertamos para o mundo espiritual e começamos a viver a vida do espírito. (Jo.3:3-6).
- III. **Habitação** – Deus está presente em toda parte. Nele vivem todos os homens, mas a habitação interior significa que Deus está presente de uma maneira nova e especial, mantendo uma relação pessoal com o homem. Esta união com Deus é produzida pela presença do Espírito Santo em nosso espírito. (Rm.8:9,15,16).
- IV. **Batismo no Espírito Santo** – É uma experiência posterior a conversão na qual o crente é cheio do Espírito Santo e recebe poder para testemunhar e ministrar. É a partir deste batismo que passamos a experimentar o sobrenatural de Deus (Lc.24:49; At.1:8; 1 Coríntios 12:7-11).
- V. **Santificação** – Na regeneração (novo nascimento), o Espírito Santo efetua uma mudança radical concedendo ao homem um novo princípio de vida, mas isso não significa que o discípulo se torne imediatamente perfeito. Ele precisará vencer a carne, o mundo e o diabo. O Espírito Santo opera este aperfeiçoamento de forma progressiva, transformando gradualmente à imagem de Jesus. (II Co.3:18).

## 8. O Espírito Santo e o sobrenatural

Jesus predisse que sinais sobrenaturais acompanhariam a pregação do Evangelho (Mc.16:17,18). De fato, segundo o livro de Atos, os milagres foram determinantes no crescimento da Igreja Primitiva. Isto ainda não mudou. “O Reino de Deus não consiste de palavras, mas de poder.” (I Co.5:20).

O mundo incrédulo e endurecido exige provas visíveis da ressurreição de Cristo Jesus. Os milagres são estas provas (Jo.2:23; 6:2). O cristianismo sem milagres não pode provar que Jesus está vivo. Retire os milagres do cristianismo e tudo o que restará será uma outra religião morta.

É importante observar que Marcos 16:17,18 se fundamenta na fé. A mesma fé que nos garante a salvação (Mc.16:15,16) garante-nos sinais e maravilhas por meio do Espírito Santo. Bengel declarou: “A razão porque não se fazem muitos milagres em nossos dias, não é tanto porque a fé está estabelecida, mas porque a incredulidade reina.” De fato, a falta de fé em nossa época é o maior obstáculo à operação do Espírito Santo através de sinais e maravilhas. Se crermos, veremos a glória de Deus! (Jo.11:40).

## LIÇÃO 19 - ENSINO SOBRE A IGREJA

*“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt.16:18)*

### 1. Conceito de igreja

A palavra “igreja” (*ekklesia*, no grego) significa “chamados para fora” (*ek*, para fora e *klesis*, um chamado) e pode ser traduzida como “ajuntamento” ou “assembleia”. Na época de Jesus, este termo era usado para designar qualquer tipo de assembleia, política, legislativa ou religiosa. Em At. 19:32, 39, 40, por exemplo, este vocábulo é usado para descrever um ajuntamento ilegal (vs.32, 40) e uma assembleia regular (v.39).

No texto de Mt.16:18, encontramos a primeira menção dessa palavra no Novo Testamento. Todavia, Jesus deu-lhe um sentido totalmente diferente daquele que os discípulos estavam acostumados. Ele a usou para se referir ao ajuntamento permanente de seus seguidores. Uma correta definição teológica, portanto, para “igreja” seria: “um ajuntamento de homens e mulheres de todas as raças e nações, de todos os tempos e lugares, regenerados e unidos entre si pelo batismo em Cristo Jesus e a habitação do Espírito Santo.” (I. Co.12:13; Gl.3:27,28; Ap.7:9,10).

É importante observar que o termo “igreja”, nas Escrituras, é sempre usado para indicar o povo cristão e nunca um mero edifício ou templo onde este se reúne. A razão disso é muito simples: um prédio não pode ser “chamado para fora”, mas somente o povo que nele está. (At.5:11; 11:22). O edifício que Deus está construindo para a Sua habitação que feito de pedras vivas (I Pe.2:5)

### 2. Distinção entre “igreja universal” e “igreja local”

Em Mt.16:18,19 Jesus fala de uma igreja que inclui todos os santos de todas as eras e que não está limitada no tempo ou no espaço. É a Igreja Universal. Já no texto de Mt.18:15-20, Jesus fala de uma outra igreja que, desta vez, está limitada tanto no tempo como no espaço constituído de um grupo de cristãos que é geograficamente identificável. É a igreja local.

Paulo faz esta distinção ao se dirigir, ora para a Igreja Universal (como é o caso da epístola aos Gálatas), ora para igrejas locais (como é o caso das epístolas para os Colossenses e Filipenses). Mesmo nas epístolas particulares verificamos que Paulo fala em “Igreja de Deus”, no singular, quando referindo-se a Igreja Universal (I Co.10:32) e em “igrejas de Deus”, no plural, quando referindo-se às igrejas locais (I Ts.2:14).

A pergunta é: por que a unidade se tornou em pluralidade? Como foi que a Igreja, que é essencialmente uma, veio a tornar-se muitas? A Igreja de Deus se dividiu em

igrejas de Deus por uma simples questão geográfica. Constitui impossibilidade física para a igreja terreal reunir-se em um só lugar. Portanto, nas Escrituras, a divisão da “Igreja de Deus” em “igrejas de Deus” se faz exclusivamente com base na diferença de localidade.

Em sua natureza, a Igreja é indivisível. Apenas administrativa e financeiramente é que se torna divisível e isso porque seus membros se acham espalhados por toda a Terra. Portanto, apenas quanto a sua organização espacial é divisível; espiritualmente, ela é una (Rm.12:5; Ef.4:1-6).

Assim, a Bíblia fala da Igreja em duas dimensões: universal e local. No entanto, após a reforma protestante, passamos a ter um novo tipo de igreja que não é nem universal nem local. Trata-se da igreja denominacional. Esta, no entanto, não é bíblica, pois extrapola a definição de uma igreja local e está aquém da definição de uma Igreja Universal. Chegamos até a dizer que as denominações fazem parte da vontade de Deus, responsabilizando-o pelas nossas divisões e falta de amor. Leia Ef.4:1-6.

A estratégia de Satanás é manter a casa de Deus dividida. Por quê? Jesus explica: “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma, não subsistirá.” (Mt.12:25). A morridão das igrejas locais e a incapacidade de influenciar e impactar a sociedade são consequência deste espírito faccioso.

### 3. A unidade definida

Isto quer dizer que todos os cristãos de uma cidade devem congregar-se num mesmo lugar? Claro que não, pois isso poderá ser fisicamente impossível. Paulo inclusive escreveu aos Coríntios: “Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar...” (I Co.14:23), dando a entender que não é essencial que todos os cristãos de uma mesma localidade se reúnam num mesmo lugar. Nem, tampouco, que sejam membros de uma mesma congregação.

O que não pode acontecer é uma cisão na liderança local. Só pode haver um presbitério local. Por isso, quando Paulo quis se despedir da igreja em Éfeso, de Mileto mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja (At.20:17), ou seja, ele chamou a liderança da igreja local. O governo da igreja em Éfeso, portanto, era um. Pode haver muitas congregações e até denominações, mas a liderança de todas elas deve ser unida, pois só assim poderá haver uma estratégia e esforço comum para ganhar a cidade para Cristo.

### 4. O papel dos membros

Israel foi chamada para ser uma nação de sacerdotes perante o único e verdadeiro Deus e manifestar a todos os povos da terra a glória do único Deus verdadeiro (Ex.19:5,6). Mas no Monte Sinai aconteceu um dos eventos mais trágicos da história

de Israel. Foi lá que a nação abdicou do seu grande chamado, preferindo um mediador humano entre eles e o seu Deus (Ex.20:18-21). Com isso, a nação demonstrou que não queria um relacionamento pessoal com o Senhor. Eles queriam todos os Seus benefícios, mas não O queriam. Por isso, Deus escolheu a tribo de Levi para este fim (Ex.28:1).

Assim como Israel, a igreja também foi chamada para ser um reino de sacerdotes (I Pe.2:5,9; Ap.1:6; 5:10). Observa que a Bíblia não diz um reino *com* sacerdotes, mas um reino *de* sacerdotes. Não existe um grupo especial, semelhante ao sacerdócio levítico. Na nova aliança, todo o povo de Deus é chamado ao sacerdócio. A Igreja, no entanto, corre o risco de cometer o mesmo erro de Israel. Muitos estão dispostos a pagar qualquer preço para ter alguém mediando o seu relacionamento com o Senhor.

Não pode haver na igreja duas classes de pessoas: aqueles que se dedicam a servir a Deus em todo tempo e os demais, que pensam bastar assistir aos cultos. Não existe na igreja um grupo de homens e mulheres especiais que foram “chamados para o ministério” (sistema clero-laico). Cada um de nós é um ministro. Cada um de nós é um sacerdote.

É comum os pastores procurarem ser “o pau para toda a obra” e assim acabam se esgotando e tendo pouco, ou nenhum, resultado positivo. Querem fazer um número grande demais de coisas sem ter chamado ou capacidade para tanto. Precisamos resgatar a visão do **sacerdócio universal de todos os crentes**, no qual todos ministram.

Há apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres que foram dados à igreja, mas todos eles foram dados “*com o fim de preparar os santos para a obra do ministério*” e não para fazer a obra por eles. (Ef.4:11,12). Toda liderança na igreja existe para preparar e treinar os membros para ministrar (Ef.4:11-16).

Na qualidade de “sacerdócio real”, somos chamados para:

- I. Ministar ao Senhor (Hb.13:15);
- II. Ministar uns ao outros (Hb.13:16);
- III. Ministar ao mundo (Mc.16:15-20).

Nosso principal chamado é para ministrar ao Senhor. Os fariseus tentaram certa vez enredar a Jesus com uma pergunta dura e difícil. Perguntaram-lhe o seguinte: “Qual é a maior lei ou mandamento de Deus? Jesus respondeu: “Ama ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, alma, e mente. Este é o primeiro e maior mandamento.” (Mt.22:37,38).

Muitos acham que o maior desejo de Deus é ter obreiros. Isto não é verdade. Jesus disse claramente aos Seus discípulos que o Pai estava buscando os que O adorariam em espírito e em verdade. (Jo.4:23). O nosso maior e mais sublime chamado é o de adorarmos a Deus – antes de tudo o mais. Se fizermos isto não faltarão obreiros, pois os verdadeiros adoradores tornam-se sempre verdadeiros obreiros.

Fomos salvos, não para servirmos (Deus tem os anjos para isto), e, sim, para ter comunhão com o nosso Pai e Seu Cristo. O Senhor quer isto de forma primordial – antes de qualquer outra coisa. Se não iniciarmos um ministério ao Senhor, nunca teremos um ministério eficaz de uns para com os outros, nem para com o mundo.

## 5. Buscando nosso lugar no Corpo

Como membros do Corpo de Cristo, cada um tem uma função definida que é essencial para o crescimento espiritual da igreja e o avanço do Reino de Deus (I Co.12:12-28; Rm.12:5-8; Ef.4:15-16; I Pe.4:10,11).

O Senhor é criativo. Não há duas pessoas iguais e nem dois ministérios iguais. Todo profeta na Bíblia é diferente do outro, como o são todos os apóstolos. Quando o Senhor nos chama para um ministério específico, podemos ter características em comum com um ou outro ministério, mas somente de forma geral, pois cada um de nós é muito diferente de qualquer outra pessoa. Por esta razão não devemos nos espelhar num determinado ministério. Devemos permitir que o Senhor nos faça como Ele quer.

Deus não nos chamou para fazermos todos a mesma coisa. É comum as pessoas caírem em dificuldades e frustrações porque procuram exercer uma função para a qual Deus não as chamou (Rm.12:3-8). O Senhor tem chamado diferentes pessoas para diferentes tarefas. Talvez não fomos chamados para a mesma tarefa que uma outra pessoa que admiramos, mas isso não significa que a nossa missão seja menos importante, apenas diferente. Use o manto que lhe foi destinado – faça o trabalho que Deus separou para você.

Kenneth Hagin escreveu:

*“Se você não estiver dentro do melhor de Deus, não poderá reivindicar o melhor da parte de Deus. Se não estiver dentro da perfeita vontade de Deus, não poderá reivindicar Sua provisão perfeita. Precisamos saber disso e achar o nosso lugar no corpo”.*

Devemos perguntar a nós mesmos o que Ele nos chamou para fazer e nunca querer fazer algo somente porque desejamos fazê-lo (I Co.12:14-25).

Mas como descobrir o nosso chamado? O nosso lugar no Corpo de Cristo? O nosso chamado estará naquilo que **gostamos** de fazer e que fazemos **bem**. A Bíblia diz que: Moisés chamou a Bezalel e a Aoliabe, e a todo homem hábil [que faz bem], em cujo coração o Senhor tinha posto sabedoria, isto é, a todo homem cujo coração o impeliu a se chegar à obra para fazê-la [que gosta do que faz].(Êx.36:2).

Uma vez conhecendo o nosso ministério, precisamos crescer nele. Somente porque temos sido chamados para um ministério não significa que estamos prontos para ele. Deve haver um período de preparação entre o chamado e o início do ministério. Isto leva tempo e exige paciência, consagração, obediência e

fidelidade. Se, prematuramente, tentarmos iniciar o nosso ministério antes de sermos autorizados pelo Espírito Santo, corremos o risco de retardá-lo.

No dizer de Kenneth E. Hagin:

*“Desenvolver um ministério leva tempo. Precisarás preparar-se. Entre, portanto, no caminho da obediência a Deus, quer esteja no ministério, quer não, e Deus o promoverá e o usará de modo cada vez mais grandioso. Se você aprender a ser fiel onde quer que esteja, Deus irá te usar”.*



## LIÇÃO 20 - ENSINO SOBRE O FINAL DOS TEMPOS

*“Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.” (Ap.22:12)*

### 1. A morte

*“Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor.” (II Coríntios 5:6)*

O homem foi criado imortal no sentido de que não precisava morrer, mas mortal no sentido de que poderia morrer caso desobedecesse a Deus (Gn.2:17). Se tivesse permanecido fiel, jamais teria experimentado a morte. Mas pecou e, como resultado disso, começou a morrer (envelhecer), processo que culminou com a separação da alma do corpo. A morte física é a manifestação externa da morte espiritual e a prova da pecaminosidade do homem. *“O salário do pecado é a morte.”* (Rm. 6:23)

A morte, no seu aspecto físico, é a separação da alma do corpo (Gn.35:18). Entretanto, ela não implica a extinção da personalidade humana. O corpo morre e volta ao pó; a alma, todavia, continua a existir de forma consciente no mundo espiritual. O homem, portanto, é mortal, por estar seu corpo sujeito à morte, mas imortal porque a sua personalidade sobrevive à morte (Hb. 9:27; II Co.5:6-8).

É importante entendermos que *morte* não significa **extinção**, mas **separação**:

- I. A morte física é a separação entre o corpo e o espírito (Tg. 2:26);
- II. A morte espiritual é a separação entre o indivíduo e Deus (Is.59:2);
- III. A segunda morte é a eterna separação de Deus (Ap.20:11-14).

Mesmo os cristãos estão sujeitos à morte porque seus corpos continuam mortais (Rm.8:10,23). Todavia, para o crente, a morte não é vista como um fim em si mesma, mas como meio para se encontrar com Jesus face a face (II Co.5:6-9; Ap.14:13).

### 2. O destino dos mortos

A Bíblia faz distinção entre o Hades e o Inferno (lago de fogo). O primeiro é onde todos os que morrem sem Cristo vão para aguardar o juízo final. O último é o destino final para aqueles que morreram sem Cristo e serão julgados segundo as suas obras. Há textos que descrevem ambos os lugares.” (Jó 7:6-10; 10:20-22; Is. 66:24).

Mas para onde vão os mortos? Antes da obra redentora de Jesus Cristo na cruz, o corpo do homem era depositado na sepultura enquanto a sua alma ia para o lugar

denominado, em hebraico, de *Sheol* e, no grego, de *Hades*. Em algumas traduções, estes vocábulos são traduzidos como sepultura, abismo, morte ou inferno.

No começo, o *Hades* (*Sheol*) era o destino tanto dos justos como dos ímpios, conforme se pode deduzir de textos como os que seguem:

- I. Falando do **justo**, a Bíblia relata que Jacó, ao lamentar a notícia da morte de seu filho, exclamou: “na verdade, com choro hei de descer para meu filho até o *Sheol*.” (Gn.37:35). Em outro lugar Davi escreveu: “Pois não deixarás a minha alma no *Sheol*.” (Sl.16:10).
- II. Falando do **ímpio**, a Bíblia diz: “Os seus pés descem à morte; os seus passos seguem no caminho do *Sheol*.” (Pv.5:5); e, em outro lugar: “A sequeidão e o calor desfazem as águas da neve; assim faz o *Sheol* aos que pecaram.” (Jó 24:19)

Jesus, na história sobre o rico e Lázaro (Lc.16:19-31), revelou que havia duas seções em *Sheol*: um lugar de descanso e conforto para os justos chamado de “o seio de Abraão” (Lc.16:22); e um lugar de sofrimento para os ímpios chamado de “*Abaddon*” – palavra hebraica que significa “lugar de ruína” (Jó 26:6; Pv.27:20).

Contudo, os justos não estavam destinados a permanecer eternamente em *Sheol* (Sl.16:10; 49:14,15). Jesus Cristo, após sua morte, desceu ao mundo inferior dos espíritos dos finados e libertou do *Sheol* os justos do Antigo Testamento, levando-os consigo para o “paraíso celestial” (Lc.23:42,43; Ef.4:8-10). Desde então, os espíritos dos salvos em Jesus sobem para o céu e os espíritos dos incrédulos descem para o *Hades*, onde aguardam o juízo final (Pv.15:24; Fp.1:21-23; II Co.5:6-9; Ap.20:13,14).

No arrebatamento da igreja, por ocasião da volta de Jesus, o Espírito Santo transformará o nosso corpo corruptível e mortal em um que seja incorruptível e imortal (Rm.8:11; I Co.15:53-56). Por isso, a Bíblia descreve a morte como um *adormecer*, pois, como o sono, ela é algo transitório (Jo.11:11-13; I Co.15:6). No entanto, é importante deixar dito que a expressão “dormir no Senhor” é figurativa, pois, quando o crente morre, o seu espírito continua consciente na presença do Senhor (Lc. 16:22-24; 23:39-43; Fl. 1:19-23; Ap.6:9-11).

### 3. A ressurreição dos mortos

*“Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão.” (Isaías 26:19)*

Desde os dias mais antigos da humanidade, era generalizada a crença da sobrevivência da alma após a morte física. A razão disso é que Deus “pôs na mente do homem a ideia da eternidade.” (Ec.3:11). Mas quanto à ressurreição corporal no após túmulo, unido novamente à alma, os antigos pagãos ignoravam completamente.

Todavia, a ressurreição é uma realidade bíblica. Há textos, tais como Jó 19:25,26; Is.26:19; At.4:1,2, que ensinam explicitamente a ressurreição dos mortos. A sua importância está no fato de que o homem se compõe de espírito, alma e corpo (I Ts. 5:23). Sem o corpo, portanto, ele é um ser incompleto (nem homem, nem anjo). Por isso, a redenção deve incluir, além do nosso espírito e alma, o corpo físico (Rm.8:23; I Co.15:53; II Co.5:1-4).

As objeções tantas vezes suscitadas pelos incrédulos e agnósticos quanto à impossibilidade da ressurreição real do corpo humano, o qual, sepultado, se dissolve e desaparece, não têm cabimento. Para Deus, que criou o homem do pó da terra, não haverá dificuldade alguma em fazer ressurgir da terra o corpo físico para uni-lo novamente ao espírito e a alma (Gn.3:19; Ez. 37:1-14).

#### 4. As duas ressurreições

Na verdade, as Escrituras falam de duas ressurreições que estão no futuro e que incluem “todos os que se acham nos túmulos.” A primeira, será uma “ressurreição para a vida”; a segunda, “para o juízo” (Dn.12:2; Jo.5:28,29 e At.24:14,15). Estarão separadas entre si por um período de 1000 anos (Ap.20:4-6).

A “ressurreição para vida” acontecerá na Segunda vinda de Jesus (I Co.15:21-23), quando os salvos se encontrarão com Jesus nos ares (I Ts.4:15-17). Este evento é chamado de “Arrebatamento da igreja”.

A “ressurreição para o juízo” ocorrerá depois do milênio, quando os ímpios serão julgados de acordo com as suas obras e lançados no lago de fogo, que é o inferno (Mt.10:28; Ap. 20:11-15).

#### 5. Como serão os corpos ressurretos dos santos?

Paulo ensina, em I Co.15:42; II Co.5:1-4 e Fl.3:20,21, que o corpo ressurreto será algo inteiramente diferente do nosso corpo físico atual, porquanto “carne e sangue não podem herdar o reino de Deus.” (I Co.15:50). Todavia, haverá certa conexão entre o corpo físico e o corpo ressurreto – fato que Paulo ilustra comparando o grão e o trigo (I Co.15:36,37). O grão é lançado na terra, morre, e o ato de decomposição nutre o germe da vida do grão, de maneira que ele se transforma em uma linda e viçosa planta.

A ressurreição de Jesus dentre os mortos é o fato mais importante de toda a história humana. Porque ele reviveu, sabemos que também viveremos na sua vinda. Ele foi às primícias (I Co.15:23) e, por intermédio de seus ensinamentos e aparições, podemos aprender algo sobre nossos futuros corpos glorificados, pois diz a Bíblia que seremos como ele é (I Jo.3:1,2):

- I. Os nossos corpos serão reais e tangíveis e haveremos de nos conhecer (Lc.24:36-39);
- II. Os nossos corpos serão livres de enfermidades e imortais (Ap.21:4);

- III. Não estaremos mais limitados às leis naturais da física (Jo.20:26; Lc.24:41,42);
- IV. Não haverá mais distinção de sexo; como os anjos, seremos assexuados (Mt.22:30);
- V. Com relação ao conhecimento, conheceremos como somos conhecidos (I Co.13:9-12).

Existem muitas coisas que não conhecemos acerca da vida futura, pois “ainda não é manifesto o que haveremos de ser. Entretanto, isto sabemos: agora somos filhos de Deus, e quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque havemos de vê-lo como ele é.” (I Jo.3:2).

## 6. O arrebatamento da Igreja

*“Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” (I Coríntios 15:51,52)*

A palavra “Arrebatamento” não é encontrada nas Escrituras. É um termo moderno para descrever o evento que coincide com a Segunda Vinda de Cristo, quando os santos que estiverem mortos ressuscitarão, e os que tiverem vivos serão arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares (I Ts.4:14-18). Não há, todavia, unanimidade quanto ao tempo em que vai ocorrer o arrebatamento da igreja.

Para os **pré-tribulacionistas** o arrebatamento da igreja ocorrerá antes que comece o período de sete anos da Tribulação. É a interpretação mais aceita. As provas citadas são: a) a promessa de que a igreja será guardada da hora da provação (Ap.3:10); b) o Espírito Santo, na qualidade de “restringidor do mal”, não poderá ser retirado do mundo, a menos que a igreja, na qual habita, for retirada ao mesmo tempo (II Ts.2:7); c) a Tribulação é um período de derramamento da ira de Deus, da qual a igreja já está isenta (Ap. 6:17; I Ts.1:10; 5:9; Rm.5:9); d) a possibilidade de o cristão escapar da Grande Tribulação está evidente em Lc.21:34-36.

A doutrina pré-tribulacional, no entanto, é bastante recente, não sendo encontrada na história da igreja até 1830. Sua origem acha-se nas “visões, revelações e profecias” de uma única mulher, Margaret McDonald, da Escócia. Essa nova interpretação foi posteriormente popularizada por Edward Irving, John Darby e Scofield. Outros tantos, todavia, não a aceitaram, entre eles: Spurgeon, Charles Finney, George Mueller e Campbell Morgan. O Dr. Robert Norton, que publicou as revelações de McDonald em dois livros, reconheceu que ela tinha sido a primeira a dividir a Segunda vinda de Cristo em duas partes.

Para os **mesotribulacionistas** o arrebatamento ocorrerá depois de transcorridos três anos e meio do período da Tribulação. As provas citadas são: a) a última trombeta de I Co.15:52 é a sétima trombeta de Ap.11:15, que soa na metade da Tribulação; b) a

Grande Tribulação é composta apenas dos últimos três anos e meio da septuagésima semana da profecia de Daniel (Dn.9:24-27) e a promessa de livramento da igreja só se aplica a esse período (Ap.11:2; 12:6); c) a ressurreição das duas testemunhas retrata o arrebatamento da igreja, e sua ressurreição ocorre na metade da Tribulação (Ap.11:3,11).

Há, ainda, aqueles que acreditam num arrebatamento parcial em que somente um “remanescente” fiel será arrebatado antes de a ira de Deus ser derramada sobre a Terra. Os que não tiverem sido fiéis permanecerão na Terra durante a Tribulação. As provas são: a) a imoral igreja de Tiatira será “lançada ... em grande tribulação.” (Ap.2:22), ao passo que a fiel igreja de Filadélfia será livrada (Ap.3:10); b) versículos como Mt.25:1-3 e Hb.9:28, que exigem vigilância e preparo.

Para os **pós-tribulacionistas**, o arrebatamento acontecerá ao final da Tribulação. As provas citadas são: a) Paulo, nos capítulos 4 e 5 de I Tessalonicenses, não faz nenhuma distinção de tempo dentro na Segunda Vinda de Cristo; b) Jesus, ao falar da Sua vinda, deixa claro que somente “após a tribulação” é que os anjos serão enviados para recolher os eleitos de uma à outra extremidade dos céus (Mt.24:29-31); c) é muito grande o número dos mártires que vêm da Grande Tribulação (Ap.7:9,14).

Os grandes reformadores como Martinho Lutero, John Wycliffe, William Tyndale, João Calvino, John Knox, Mathew Henry, Jonathan Edwards, João Wesley, George Whitefield e David Brainerd eram todos pós-tribulacionistas.

## 7. A grande tribulação

*“Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados.” (Mateus 24:21)*

Embora o povo de Deus possa aguardar tribulações durante a atual dispensação (Jo.16:33; At. 14:22), a palavra “tribulação”, como foi usada em textos como Jr.30:4-7; Dn.12:1,2; Mt.24:21,29 e Ap.7:13,14, refere-se especificamente a um período futuro de sofrimento sem precedentes na história da humanidade e que envolverá toda a Terra (Ap.3:10). Quem lembra o que estudou no colégio sobre a Primeira e Segunda Guerra Mundial sabe até onde o homem pode chegar em suas atrocidades.

Considerando que Jesus liga “o abominável da desolação”, mencionado por Daniel, com este período de tribulação (Mt. 24:15-21; Dn. 9:27), está evidente que a Grande Tribulação terá ligação com a septuagésima semana de Daniel.

Na verdade, a Grande Tribulação está relacionada com a segunda metade dos sete anos proféticos de Daniel, ou seja, os últimos três anos e meio deste período (Dn.9:27; Ap.11:1,2). Por isso, costuma-se usar a palavra “Tribulação” para referir-se ao

período todo de sete anos e “Grande Tribulação” para a segunda metade do período.

Do texto de Daniel 9:27, podemos deduzir que a Tribulação terá *início* com a assinatura de um tratado de paz que dará a Israel a liberdade necessária para restaurar o culto judeu no Templo e findará com a volta de Jesus para consolidar o Seu Reino na Terra.

Os acontecimentos mais importantes da “última semana de Daniel” serão:

- I. As nações da Europa e das Américas se unirão política e economicamente sob a liderança do Anticristo, criando um a nova ordem mundial. Essa confederação de nações, grosso modo, representará o reavivamento do império romano; mas não se limitará necessariamente a nações europeias (Dn.2:24-45; 7:1-28; Ap.13:1-17; 14:9-11);
- II. Atividade demoníaca sem precedentes, trazendo um ressurgimento da prática de religiões pagãs e da feitiçaria, bem como um aumento da imoralidade e da violência (Ap.9:1-6, 20, 21);
- III. Um tratado de paz entre judeus e árabes, intermediado pelo Anticristo, permitindo a reconstrução do Templo e restauração do culto judaico (Dn.9:27a; II Ts.2:4);
- IV. Satanás, expulso dos céus, voltar-se-á contra a humanidade na Terra (Dn.12:1; Ap. 12:7-18);
- V. A Rússia e suas ex-repúblicas se aliarão com os árabes e africanos contra Israel, forçando o Anticristo a socorrer o povo judeu. Inicia-se a próxima Grande Guerra (Ez.38:1-23; 39:1-22; Dn.11:36-43; Jl.2:18-21). Terríveis flagelos estão reservados para a humanidade (Ap.6:1-7).
- VI. O Anticristo sairá vitorioso e, então, voltar-se-á contra os judeus. Inicia-se um anti-semitismo internacional (Dn.9:27b ; 7:3-6; Mt.24:15-22; II Ts.2:4);
- VII. Não obstante a tribulação daqueles dias, também será um período de grande avivamento espiritual. Os eleitos de Israel serão redimidos (Ap.11:1-13), e uma multidão incontável de homens e mulheres entre todas as nações serão salvos, no que tem sido chamado de “A Grande Colheita” (Ap.7: 9-14). Isso trará uma perseguição, em nível mundial, dos cristãos (Ap.6:9; 7:9-14; 13:7-10; 14: 9-13; 17:3-6);
- VIII. As nações asiáticas, lideradas pela China, farão guerra contra o mundo ocidental. Tem início a maior de todas as guerras mundiais, o Oriente contra o Ocidente (Dn.11:44,45; Ap.9:13-19; 16:10-16);

A Grande Tribulação chegará ao fim com a reunião das nações, no monte de Megido, na extremidade da planície de Esdrelom, para a batalha do Armagedom, ocasionando a volta de Cristo à Terra (Ap.16:12-16; 19:11-21).

## 8. O Anticristo

*“Então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda.” (II Ts. 2:8)*

A profecia de Daniel indica que um príncipe se levantará de entre o povo que destruiu o segundo templo (os Romanos, em 70 d.C.), e que fará uma firme aliança com o Estado de Israel. Este tratado garantirá a liberdade de culto no novo Templo (Dn.9:27).

No entanto, no meio da semana (no final dos primeiros três anos e meio), fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares e introduzirá no Templo abominações que tornarão o Templo desolado (Mt.24:15-22; II Ts.2:1-12).

Este príncipe romano, então, se voltará com toda a sua fúria contra os judeus e contra os cristãos, instituindo uma perseguição e um genocídio sem paralelo (Ap.12:13-18; 13:1-10).

Paulo prediz as atividades deste tirano em grande detalhe e fala dele como aquele que se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto e cujo aparecimento é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios da mentira (II Ts.2:4,9). Nas Escrituras ele é conhecido como “a besta que emerge do mar” (Ap.13:1-10); “o pequeno chifre” (Dn.7:24-26); “o abominável da desolação” (Mt.24:15); “o homem do pecado” (II Ts.2:4-8) e “o anticristo” (I Jo.2:18). A ele Satanás dará o poder que ofereceu a Jesus (Mt.4:8,9; Ap.13:4).

## 9. O Falso Profeta

O Anticristo contará com um “profeta”, um “precursor”, a exemplo de João Batista. Este é a Besta que emerge da terra (Ap.13:11-15; 19:20; 20:10). Pelos modernos meios de comunicação de massa, esse falso profeta fará o Anticristo conhecido em todo o mundo, preparando os povos da Terra para acolhê-lo de braços abertos.

Haverá, naqueles dias, sanções políticas e econômicas para aqueles que recusarem lealdade ao Anticristo. Exigir-se-á certa marca identificadora para quem quiser comprar ou vender (Ap.13:13:16,17; 14:9-12). O próprio Anticristo terá alguma forma de identificação numérica, a saber, seiscentos e sessenta e seis (Ap.13:18).

Ele obrigará a humanidade a adorar a Satanás, na tentativa de extirpar da terra o conhecimento de Deus. A Igreja Cristã daquela época terá de viver subterraneamente, porquanto o Anticristo removerá toda e qualquer expressão visível dela. Perseguirá a todos quantos prestarem lealdade a Deus e a Seu Ungido. Grandes multidões serão martirizadas por esse motivo (Ap.13:15).

## 10. Guerras e rumores de guerra

O anticristo e o falso profeta envolverão o mundo em duas guerras mundiais:

- I. Primeiro, a *Rússia*, aliada aos países árabes e muçulmanos, se chocará com a confederação das nações, encabeçada pelo Anticristo. O motivo do conflito será a ocupação russa das terras árabes e israelenses, assumindo controle do petróleo do mundo. O anticristo haverá de querer libertar a área, visando ao seu próprio benefício, e utilizará a sua confederação de nações com esse propósito. Muitas cidades ao redor do mundo sofrerão destruição por parte de armas atômicas (Ap.6:3-7). Mas, no final, o Anticristo derrotará as forças Russas e aliadas (Ez.38 e 39; Dn.11:40-45).

Neste contexto, é importante entender que a derivação da palavra **Gogue** é incerta. Refere-se, provavelmente, ao líder do povo que vive em Magogue. **Magogue** foi identificado por Josefo como a terra dos citas, a região a norte e nordeste do mar Negro e a leste do mar de Aral (presentemente ocupada pela Rússia). **Meseque e Tubal** situavam-se na área da moderna Turquia. Outros aliados incluirão **Pérsia** (o atual Irã), a **Etiópia** (moderno Sudão), **Pute** (Líbia), **Gômer** (parte leste da Ucrânia), **Togarma** (a região oriental da Turquia, próxima à fronteira da Síria). **Sabá e Dedà** são tribos árabes. **Tarsis** (localizada ao sul da Espanha, próximo a Gibraltar). Quanto à profecia de Daniel, quando ele se refere ao **rei do Sul** está falando do Egito, e quando se refere ao **rei do Norte** está falando da Rússia.

- II. A *China*, aproveitando-se do desgaste causado pela guerra, se levantará como um gigante adormecido e, após ter conquistado todo o Oriente, avançará sobre o território da Rússia, entrará na Ásia e invadirá a Palestina com uma horda de milhões. O rio Eufrates literalmente secará, facilitando a passagem de tropas vindas do oriente (Ap.16:12). A reação do Ocidente levará a humanidade quase à extinção (Ap.9:13-21; 16:13-16).

No final da septuagésima semana, o Senhor Jesus voltará em glória para estabelecer o seu Reino Milenar. Naquele dia, Jesus trará juízo sobre a besta, o falso profeta e os exércitos das nações, trazendo um fim ao que será a maior de todas as tiranias (Zc.14:1-16; Mt.24:29,30; Ap.19:11-21).

## 11. A segunda vinda de Cristo

*“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém.” (Ap.1:7).*

Eventos dramáticos ocorrem quando Jesus Cristo voltar à Terra como conquistador. Ele será revelado como O Rei dos reis e Senhor dos senhores, legítimo soberano da terra. (Zc.14; Ap.19:11-16). Zacarias previu isto no seu tempo e



escreveu: O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor, e um só será o seu nome. (Ez.21:27)

O termo grego mais frequentemente usado para indicar a volta de Cristo é *parousia* que significa “presença” ou “chegada”. De fato, esse vocábulo veio a ser usado como termo técnico para indicar esse acontecimento, o qual também é denominado “segunda vinda”, a fim de distingui-lo da primeira vinda de Cristo.

A expressão “**todo olho o verá**” deve ser aceita literalmente. A segunda vinda de Cristo, tal como Sua ascensão, será pessoal e visível. O mundo inteiro verá o Cristo vindo com as nuvens e acompanhado dos seus anjos (Mt.16:27; 24:29-31; At.1:9-11; Ap.1:7; 19:11-16).

A expressão “**até quantos o traspassaram**” aponta diretamente para o povo de Israel, que “crucificou” a Jesus Cristo, e que, portanto, o “traspassou”. Jesus será visto fisicamente na Palestina, quando forças do Oriente e do Ocidente estiverem na região, ameaçando aniquilar os judeus. Em meio às muitas agonias que envolverão guerras atômicas e a destruição de várias regiões do globo, a Palestina será libertada, e o povo de Israel salvo. Então se cumprirá o que disse Zacarias: “olharão para mim, a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito.” (Zc. 12:10).

João contemplou a terrível e furiosa volta do Senhor Jesus ao planeta Terra. Ele fende os céus e desce sobre este mundo com os exércitos dos céus o seguindo. Ele vem para aniquilar os incontáveis exércitos que o Anticristo reunirá para o confrontar (Ap.19:11-21), para destronar seu antigo inimigo (Ap.20:1-3), e para recompensar os mártires e vencedores que sairão da grande tribulação (Ap.20:4). Com a espada afiada da Palavra de Deus na sua boca, o Rei invasor matará milhões num momento. Tão grande será a matança, que as aves do céu serão convocadas a limpar a carne dos cadáveres no vale de Jezreel perto do morro de Armagedom.

Naquele mesmo dia, o inferno (lago de fogo) engolirá seus primeiros dois seres humanos. Vazio durante toda a eras do tempo, o inferno abrirá suas portas para receber o Anticristo e o falso profeta. Como resultado da sua grande maldade, os dois serão punidos com tormenta eterna (Ap.19:20).

Apocalipse 20:1-3 descreve o aprisionamento de Satanás no abismo por mil anos, completamente isolado e impotente para enganar, influenciar, ou atormentar a raça humana. Ele será solto por um breve período no final dos mil anos, mas então será lançado no lago de fogo para se ajuntar aos outros culpados na condenação eterna (Ap.20:7-10).

A Segunda vinda de Cristo indicará diferentes coisas para diferentes grupos:

- I. Para a igreja, será um tempo de ajuntamento e triunfo. Envolverá a ressurreição dos crentes falecidos e a transformação segundo a imagem de Cristo daqueles que ainda estiverem vivos (I Ts.3:13; 4:15-17; I Co.15:51-53; Ap.14:14-16).

- II. No tocante a Israel, o retorno de Cristo realizará o cumprimento de muitíssimas profecias do Antigo Testamento. Israel se converterá como nação (Rm.11:25-27).
- III. No tocante às nações gentílicas, antes de tudo, a “parousia” será a destruição dos poderes ímpios, aliados ao Anticristo (Ap.19:11-21 e 14:17-20). As nações, então, serão julgadas (Mt.25:31-46; Is.2:2-4; 11:1-10). Em Mt.25:31, Cristo situou esse julgamento no começo do reino milenar. As nações serão julgadas segundo a forma como trataram Israel.

## 12. As recompensas do cristão

*“Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.” (II Co.5:10)*

Depois do nosso encontro com Cristo nos ares, devemos comparecer perante o tribunal de Cristo. Naquele dia, o Rei estará assentado em seu trono e passará em revista os méritos ou deméritos de seus servos. Paulo nos fala sobre este dia quando escreve: “Ora, o que planta e o que rega são um, e cada um receberá o seu galardão [gr. *misthos*, “recompensa”] segundo o seu próprio trabalho.” (I Co.3:8). As obras aqui discutidas nada têm a ver com a conquista ou perda da salvação. Os galardões ou recompensas pertencem exclusivamente aos crentes. Cada qual será galardoado em face do trabalho distintamente seu, feito por ele mesmo, deixando entendido que o galardão obtido será conquista pessoal.

A salvação é um dom gratuito, mas, para o cristão, o galardão é algo a ser conquistado. A qualidade de nosso serviço será o critério. “... manifesta se tornará a obra de cada um, pois o dia a demonstrará, porque será revelada pelo fogo (...). Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.” (I Co.3: 13-15).

Jesus também falou deste dia na parábola das “Dez Minas” (Lc.19:11-27). A lição que ele deixou foi esta: Não somos todos iguais. Alguns têm mais oportunidades, talentos e habilidades do que outros. Mas quando perante o tribunal de Cristo seremos julgados e recompensados de acordo com a nossa fidelidade ao Senhor e aquilo que ele nos confiou. Por isso, muitos que hoje estão em posição de destaque na igreja ficarão por último, enquanto irmãos desconhecidos tomarão os primeiros lugares de honra. Assim, pois, o que uma pessoa fizer, durante sua peregrinação terrena, é o que determinará o seu nível de participação no Reino e aproximação de Cristo (Mt.19:27-30).

### 13. As bodas do Cordeiro

*“Alegramo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. Então me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro ...” (Ap.19:7-9)*

A Bíblia, no Antigo e Novo Testamentos, utiliza-se do casamento, uma ocasião festiva, para simbolizar a união espiritual de Israel com Deus (Is.54:1-8; Os.2:19-23) e da igreja com Cristo (Mt.9:15; 25:1-13; Jo.3:29; II Co.11:1,2; Ef.5:23-32).

O simbolismo da noiva mostra não apenas uma união íntima, mas também grande alegria e posição elevada. Assim, transformados na imagem de Cristo, haveremos de assumir a posição imediatamente abaixo da dele no universo – mais alto que quaisquer outros seres criados (Ef.1:23; 3:19; Cl.2:9,10). Nisso há grande alegria, tal como uma noiva recém-casada se regozija em seu marido.

No entanto, a noiva deve estar preparada (I Ts.5:1-10). Ela deve fazer preparativos para a chegada do Noivo, e isso inclui a sua purificação (Ef.5:25-27). Primeiramente, a noiva deve tomar o banho nupcial, para então se vestir de trajes novos e limpos, símbolo de uma alma purificada e glorificada. Ela é purificada pelo sangue de Cristo (Tt.2:14), bem como pela água da Palavra (Ef.5:26) e a atuação do Espírito Santo (II Ts.2:13). Uma vez preparada, sem mancha nem ruga, a noiva assumirá seus deveres reais ao lado do Noivo por mil anos.

### 14. O tribunal de Cristo

*“Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.” (II Co.5:10)*

Todo crente terá que um dia comparecer perante Jesus e prestar contas daquilo que fez com o que Deus lhe confiou (Rm.14:10-12; I Co.4:1-5; II Co.10:12,18). O Senhor tem dado a cada um nesta vida uma missão específica baseado nos nossos talentos naturais, dons espirituais e capacidade física, intelectual e emocional (Ef.2:10; Sl.139:16).

Somos salvos pela fé na obra de Jesus. É um dom gratuito. No entanto, somos recompensados/galardoados de acordo com as nossas obras. Deus mantém registros detalhados do nosso progresso (Dn.7:9-11; Ml.3:16,17; Mt.12:36,37) e os galardões serão dados baseados na nossa fidelidade, dedicação e obediência a Ele (Mt.25:14-29).

## 15. O Milênio

*“Há muitos textos bíblicos que descrevem o milênio.” (Is.65:17-25)*

O termo “milênio” significa mil anos e é usado seis vezes na passagem de Ap.20:1-7. Refere-se ao tempo em que o Senhor voltará para a Terra para inaugurar seu Reino Milenar. Durante este tempo, Satanás será algemado e lançado no “abismo”, de maneira que ele ficará impossibilitado de exercer o seu nefasto programa de engano entre os homens (Ap.20:1-3). Os céus e a terra serão purificados de todas as influências maléficas de Satanás e suas hostes, enquanto Cristo reina em poder e glória sobre a terra.

Quando Jesus voltar a Terra, Ele trará consigo os santos, revestidos de corpos gloriosos. Estes estarão com Cristo na administração dos reinos e governos da terra (Ap.11:15). Israel, tendo Jesus como seu Messias e Cabeça, tornar-se-á a nação líder do mundo (Dn.28:13,44; Is.60:10-15; Zc. 8:20-23). Assim sendo, os habitantes da terra, durante o Milênio, consistirão de Cristo como o Rei supremo, os santos ressuscitados, os judeus que abraçaram a fé em Jesus, e as nações simpatizantes.

A vida na face da Terra terá prosseguimento, ainda que venha a assumir então formas muito mais aprimoradas. Contudo, a vida “mortal” continuará existindo. Nesta ocasião, a Terra será regida não por monarquia, nem por democracia, nem por autocracia, mas, sim, por uma teocracia, isto é, o próprio Deus regerá o mundo na Pessoa de Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo (Lc. 1:32,33; Dn.7:13,14).

A capital do mundo será Jerusalém (Is.2:2-4). Essa cidade será totalmente restaurada, vindo a realizar-se a visão do salmista que disse:

*“Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado, na cidade do nosso Deus. Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra; o monte de Sião, para os lados do norte, a cidade do grande Rei. Nos palácios dela, Deus se faz conhecer como alto refugio. (Sl.48:1-3).*

As condições físicas da Palestina mudarão drasticamente e voltará a ser uma terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel.”(Dt.8:8). Vide também: Dt.11:11; Jl.3:18; Am.9:13,14; Is. 35:1; Sl. 67:6; Jl. 2:23-26; Is. 55:13; Ez.36:36:8-11.

As condições espirituais em evidência durante o Milênio contrastarão fortemente com as prevaletentes nos dias atuais. Então terá sua plena realização a profecia de Joel 2:28,29, havendo um derramamento do Espírito Santo sobre Israel e sobre as demais nações (Ac.12:10; Ez.36:25-27). Naquele tempo, a justiça e a paz mundial prevalecerão (Is.2:4; Mq.4:3,4) e todas as nações conhecerão o nome do Senhor (Zc.8:22,23; Is. 11:9; Jr.31:34; Ml.1:11).

A respeito deste novo mundo, Isaías escreveu:

*“Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo como cabrito se deitará ... a vaca e a urso pastarão juntas ... Brincarão a criança de peito sobre a toca da apside ... Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, pois a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.” (Is.11:6-9).*

Durante esta maravilhosa dispensação, as armas de guerra serão transformadas em implementos agrícolas, enquanto discórdia social, animosidade racial e tensões internacionais são desarmadas e resolvidas. Paz mundial e harmonia global, o grande prêmio supremo, que até o homem caído almeja, finalmente serão alcançados (Is.2:2-4).

A vida humana será prolongada e o homem outra vez viverá até alcançar idade prolecta, de centenas de anos, como nos dias antediluvianos (Gn.5:1-32; Is.65:20-22; Zc. 8:4). Isso pode ser atribuído a algumas mudanças climáticas ou ambientais e mesmo à remoção da influência maléfica de Satanás (Jó. 1:19; Is. 65:20).

## 16. O fim do milênio

Reino messiânico do Filho de Deus envolverá níveis muito mais elevados do que este mundo terreno. O que pertence a este mundo lhe estará sujeito, segundo as profecias acerca do milênio, mas as regiões celestiais ainda terão de ser levadas à sujeição do Senhor.

O estado de depravação natural do coração humano é revelado pelos acontecimentos ao fim desse período de mil anos, durante o qual o homem foi exposto às melhores influências espirituais possíveis. Satanás estava algemado, e Jesus Cristo e o Espírito reinavam supremos em todo o mundo. Mas, ao fim do Milênio, Satanás será solto do abismo por “pouco tempo” (Ap.20:3,7-9), quando uma vasta multidão de gente o acompanhará em uma rebelião contra o Senhor Jesus Cristo em Jerusalém.

Essa rebelião será fustigada imediatamente e dominada por Deus, que enviará fogo do céu para os devorar. Esse será o verdadeiro e terminante fim da carreira de Satanás quanto a esta terra, quando então ele será lançado no lago de fogo, onde será atormentado para sempre (Ap.20:10).

É nessa conjuntura que surgirá o grande trono branco, perante o qual todos os ímpios de todos os séculos terão que comparecer. Serão julgados por Deus Todo-Poderoso (Ap.20:11-15). As sentenças aqui entregues determinarão a sorte dessas almas para toda a eternidade.

## 17. Novos céus e nova terra

*“E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.” (I Co.15:24)*

O período de mil anos será um acontecimento intermediário que não fará parte da eternidade. Quando o reino mediano for eliminado, então um Reino eterno será estabelecido. Nesse tempo, todos os inimigos de Deus terão sido subjugados.

Ao Filho foi proporcionada uma grande autoridade, e ele governará, utilizando-se dessa autoridade, a fim de subjugar todos os inimigos de Deus. Mas, uma vez completada essa incumbência, terminará o ofício mediano de Cristo, e então o próprio reino será finalmente devolvido ao Pai, a fim de que “Deus seja tudo em todos.” (I Co.15:24-28).

A história inteira se move na direção dessa grande vitória de Cristo; na realidade, é nisso que consiste a história da humanidade. Trata-se essencialmente do conflito entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Cristo conferirá a vitória para os piedosos e para Deus. Encontramo-nos em meio a essa luta, agora mesmo, e agimos ou como elementos prejudiciais à causa de Cristo ou somos elementos benéficos à causa de Cristo.

Depois do juízo do grande trono branco e da destruição dos antigos céus e terra, o Senhor criará novos céus e nova terra. Então terá início o verdadeiro estado eterno, quando Deus for tudo em todos, e quando o triunfo do bem sobre o mal for completo. (Is. 51:16; 65:17; Ap.21:1-8).

# **MANUAL DO DISCIPULADO**

**Igreja Chuva Serôdia**

Wilson Castro